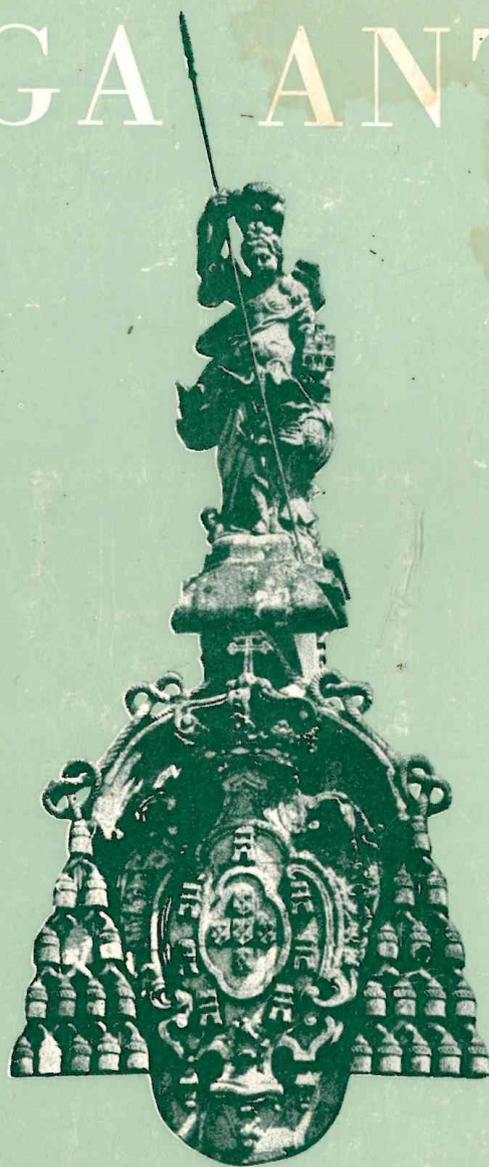


AUGUSTO MARTINS

BRAGA ANTIGA



*PREFÁCIO DO
CÓNEGO ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA*

EDIÇÃO DE ROSA MARTINS
1971



8(469.12)

A C A P A

A figura que simboliza Braga sobre o Arco da Porta Nova, obra arrematada pela Câmara em 1761 por um conto de réis, quantia para a qual el-rei D. José I contribuiu com 16 mil cruzados, dada a deficiência de meios da mesma Câmara para tão dispendioso empreendimento.

Sobre a empena do mesmo Arco, as Armas de Sua Alteza Sereníssima o Arcebispo D. Gaspar de Bragança, o que leva erradamente a julgar que da sua generosidade resultou a conclusão do imponente Pórtico.

700.00

*Comprado na Delegação de "Comércio do Interior"
na cidade de Braga, em 15 de Maio de 1980.*

AUGUSTO MARTINS

BRAGA ANTIGA



*Doação do Sr. Ilídio
Emílio Gomes Ramos
no ano de 2009.
UnDab*

PREFÁCIO DO
CÓNEGO ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL
n.º 56996 *Rever*

Barceliana

EDIÇÃO DE ROSA MARTINS
1971

“In memórium”

No aniversário do falecimento de Augusto Martins, meu marido, apresento à sua querida Braga algo da sua alma e de si próprio, através a profissão que tanto amou — o jornalismo — em alguns dos seus apontamentos sobre «Braga Antiga», publicados no jornal «O Comércio do Porto».

Sem renegar a sua terra natal, Barcelos dos Alcaides de Faria, de que tanto se orgulhava, são de Augusto Martins as seguintes palavras proferidas ao ser-lhe imposta pelo dr. Pessoa Monteiro, então ilustre chefe do distrito, a «Medalha da Cidade»: «... enfim, a toda esta Braga querida, que é meu amor e meu encanto, minha ternura e meu enlevo e a que me dei devotadamente para a servir por toda a vida, e mesmo para além da própria vida, aqui fica a minha perene, incomensuravelmente, sentida e profunda gratidão».

Rosa Martins



O jornalista Augusto Martins

Só há cerca de dezena e meia de anos a esta parte comecei a conhecer pessoalmente Augusto Martins. De há muito, porém, ao ler n'O Comércio do Porto, o «Diário de Braga» de sua organização, admirava nele um cuidadoso jornalista, de inexcedível brio profissional. Com efeito, nenhuma das aspirações de Braga deixava de interessar a Augusto Martins.

Começou muito cedo a exercer a sua especial vocação, e foi subindo, por mérito próprio, até chegar a ser um dos mais abalizados jornalistas do País.

Iniciou-se no diário bracarense «Correio do Minho», onde mereceu ascender, gradualmente, de repórter desportivo a Chefe da Redacção; foi correspondente de alguns periódicos de Lisboa, mas era n'O Comércio do Porto que a sua pujante personalidade mais ia brilhar.

Nessa exigente e nobre tribuna, serviu Braga e seu alfoz seis anos como correspondente e vinte e oito como Redactor-Delegado.

Durante esse longo espaço de tempo, não se limitava Augusto Martins a referir e comentar as ocorrências do dia a dia: sempre com grande aprumo e elegância profissional, sabia como ninguém corrigir defeitos, apontar deficiências e sugerir remédios para beneficiar a região que servia.

Na sua nobre profissão, seguia Augusto Martins uma linha inquebrantável traçada pelo seu carácter e não abdicava dos princípios que o norteavam nem das suas íntimas convicções.

Comigo houve um breve incidente, sem consequências desagradáveis, que contribuiu para, daí em diante, ainda melhor nos compreendermos mutuamente. Ninguém deu por isso na ocasião, mas talvez não seja de todo inútil saber-se agora como as coisas se passaram e tudo se remediou.

Quando, em 1954, fui nomeado cónego da Catedral, estava fora desta cidade e Distrito. Vim a Braga, dar as minhas aulas, e, ao passar à Rua do Souto, de vários lados me davam parabéns e me tratavam por um título que eu julgava não me pertencer ainda. Perante a minha reacção negativa, alguém disse: escusa de disfarçar que já vem na Imprensa.

Cheguei-me ao quiosque mais próximo, adquiri os jornais de Braga e Porto, e fui à minha vida. Na primeira ocasião, passei a vista pelos periódicos e li, como é costume em idênticas circunstâncias, palavras dignas de melhor emprego, fotografias, lisonjas, etc. N'O Comércio do Porto, porém, nem palavra. Nos dias seguintes, a mesma coisa: todos os jornais se referiam de novo ao assunto, menos O Comércio do Porto.

Não senti dificuldade em compreender a situação. A novidade só fora comunicada oficialmente a um jornal de Braga. Os correspondentes dos outros órgãos da Imprensa só tomaram conhecimento da nomeação por conversas de café. Ora um jornalista como Augusto Martins não copiava notícias dos outros jornais nem as mendigava fosse a quem fosse.

Uma vez conhecedor dos termos da situação, procurei remediar o caso da melhor forma possível: na antevéspera da tomada de posse, entreguei pessoalmente na Delegação d'O Comércio do Porto um convite para assistir à cerimónia. Na mesma tarde, pediu-me Augusto Martins uma fotografia ao depois publicada com a notícia, e assim ficou sanado o incidente em que aliás ninguém reparara.

Durante a longa temporada em que exerceu as funções de Redactor-Delegado d'O Comércio do Porto, escreveu Augusto Martins variadas crónicas acerca dos monumentos e outras riquezas de Braga. A colecção desses artigos, quase todos ilustrados com boas fotografias seguidas de elucidativas legendas, constitui precioso documentário da nossa terra. São folhas brilhantes da história de Braga que se não podiam deixar esquecer. Dando-as à luz da publicidade, a desolada viúva de Augusto Martins presta relevante serviço à Cidade dos Arcebispos e eloquente homenagem a seu saudoso marido.

Braga, 10-XI-71

P.º Arlindo R. da Cunha

Evocação de uma «Braga Antiga» desconhecida das actuais gerações

Certamente que existem nesta cidade milhares de pessoas que ainda se recordam da Braga de há cinquenta/sessenta anos, época em que a fisionomia da urbe registou especialmente na sua zona central, grande modificação. Efectivamente, por essa altura, uma lufada de progresso, notável naquele tempo, transformava a Braga triste e embiocada de que nos fala Antero de Figueiredo, no seu livro «O Último Olhar de Jesus», ao reconstituir em fortes «pinceladas» literárias os desmandos praticados por verdadeiros energúmenos nas procissões nocturnas da Semana Santa, numa cidade alegre que começou a rasgar novas ruas e avenidas e a proceder ao alargamento de numerosas artérias sem capacidade para o aumento do tráfego, que a era do automóvel começava a impor.

Há, sem dúvida, milhares de bracarenses que se recordam da antiga alameda ao Jardim Público do Campo de Santa Ana, hoje Avenida Central; do Largo dos Remédios, hoje de Carlos Amarante, com o seu convento que ainda dobrava para a Rua de S. Marcos e chegava à Rua das Águas, com cinco metros de transversal e presentemente transformada na imponente Avenida Marechal Gomes da Costa; dos pitorescos comboios que, atrelados a minúsculas locomotivas, faziam a ligação entre a cidade, partindo do Largo da Estação do Caminho de Ferro, e o Bom Jesus do Monte, impedindo os comerciantes de colocarem à porta dos estabelecimentos os seus artigos, sempre sujeitos a serem queimados pelas faúlhas que das chaminés das pequenas máquinas saíam em abundância. Mas é evidente que a grande massa da população da cidade, que desde então duplicou, ignora tudo isso. Desconhece uma coisa de que não teve notícia, de que não chega mesmo a fazer ideia, ignora que na fisionomia da antiga Braga, incompatível é certo com as exigências do progresso,

havia muito de interessante, de artístico, de belo, como que uma espécie de tradição escrita em pedra, de poesia a testemunhar glórias e virtudes.

Mais para além de Braga de há cinquenta/sessenta anos, havia aquela que resultou do reconstrução da «sua» cidade, levada a efeito pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa. E que encantos tinha a urbe dessa quadra! Havia ruas inteiras cujos prédios apresentavam as janelas de cantoneira guarnecidas com gelosias, percussoras dos estores contemporâneos. Era a influência do ambiente conventual que cortando as vistas a quem olhasse do exterior, permitia que de dentro tudo pudesse ser observado. Presentemente só existe em Braga um prédio que conserva, por imposição oficial, as suas gelosias mult centenárias. Mas se noutros se verificasse a mesma preocupação, que magnífica atracção turística isso constituiria!

Nesta Reportagem Gráfica o Largo do Paço tal como era no século XVIII, com o Chafariz da Galeria, mandado erguer pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles e que ostenta os sete castelos do seu brasão heráldico, apresenta-nos os prédios da respectiva ala Sul com as gelosias que protegiam as suas janelas. Não seriam esses prédios se assim tivessem sido conservados até aos nossos dias, apontados hoje como verdadeira peça de Museu, atracção extraordinariamente valiosa tanto pelo seu volume como pelo seu valor artístico?

Na Biblioteca Pública de Braga existe uma colecção, que consideramos notável, de desenhos à pena de todas as artérias da Velha Braga. Pertenceu essa colecção ao Cabido, e a sua elaboração obedeceu ao propósito da permanente identificação dos prédios sobre os quais aquele Corpo Capitular possuía qualquer ónus. Mas, os desenhos reproduzem fielmente as fachadas dos prédios daquele tempo. Já sobre a colecção nos debruçamos algumas vezes, e então a Braga de há cem anos, e muito mais, passou diante dos nossos olhos dando-nos a ilusão de que assistíamos ao desbobinar dum filme encantador. O contraste entre as ruas e largos daquele tempo e as artérias de hoje, permite que se avalie a verdadeira revolução operada em Braga nos dois últimos séculos, ao mesmo tempo que possibilita a reconstituição duma cidade que tinha muito que admirar. Ninguém se lembrou ainda de apresentar num écran um documentário com esses desenhos. E, no entanto, se alguém

o fizesse, que sucesso obteria! Essa iniciativa daria oportunidade a que se tornasse evidente o progresso da cidade e seria ao mesmo tempo como que uma evocação histórica, uma lição e talvez, até, motivo de saudade.

Dentro de um mês os bracarenses, e aqueles que visitem Braga, vão poder tomar contacto com muitos aspectos da vida bracarense de há cinquenta anos e mais. A Comissão Municipal de Turismo, aproveitando fotografias antigas de qualificados amadores, está a organizar, para apresentar nas próximas Festas Sanjoaninas, uma exposição retrospectiva de Braga, em paralelo com outra de Braga contemporânea. Aí teremos com centenas de aspectos da vida local e da fisionomia dos seus principais monumentos, um documentário de imagens que vai surpreender, ser motivo de apreciações e entusiasmar. Foi o conhecimento dessa iniciativa que nos sugeriu a apresentação desta Reportagem, como também nos sugere o alvitre para que, com tempo, um filme ou outra exposição que façam lembrar a Braga anterior à descoberta da fotografia, venham deslumbrar — temos a certeza de que será deslumbramento — os bracarenses do presente. A história pela descrição, é sempre útil, mas a história pela imagem, é mais convincente e até mais agradável, além de que obriga a meditar...

ARCO DA PORTA NOVA

Das diversas portas abertas nas muralhas da «Braga Antiga», a principal, ainda que das mais modernas, foi e é ainda nos nossos dias, a denominada Arco da Porta Nova.

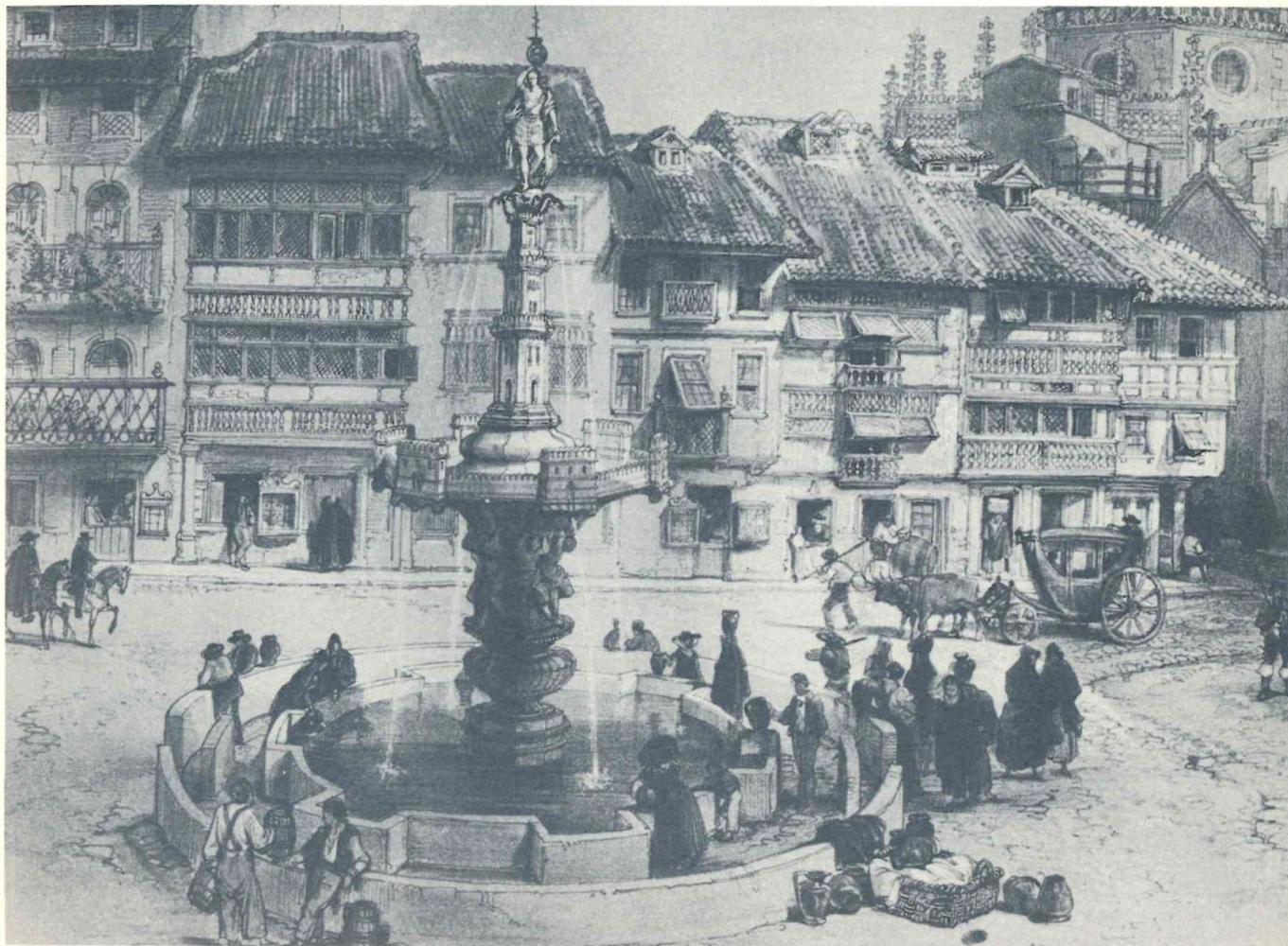
Mandada abrir em 1512 pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa, foi depois demolida a fim de lhe ser dada maior dimensão e nova forma.

Assim, em 1778, a expensas de el-rei D. José I, surgiu o majestoso pórtico a que a Câmara, considerando-o obra real, mandou colocar as respectivas armas e não as da cidade. Mais tarde, a mesma Câmara, tornou estas armas seculares em eclesiásticas encimando-as por um chapéu episcopal e cercando-as dum cordão e borlas prelatícias, por consideração ao então Arcebispo e Senhor de Braga, o Sereníssimo D. Gaspar.



CHAFARIZ DA GALERIA — SÉCULO XVIII

O Largo do Paço no Século XVIII — O Chafariz da Galeria, reconstituição do brasão heráldico do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, ainda existe. Mas os prédios com gelosias, desapareceram, como desapareceram os aguadeiros e os meios de transporte de há 200 anos, que a foto obriga a recordar.



JARDIM PÚBLICO DE BRAGA

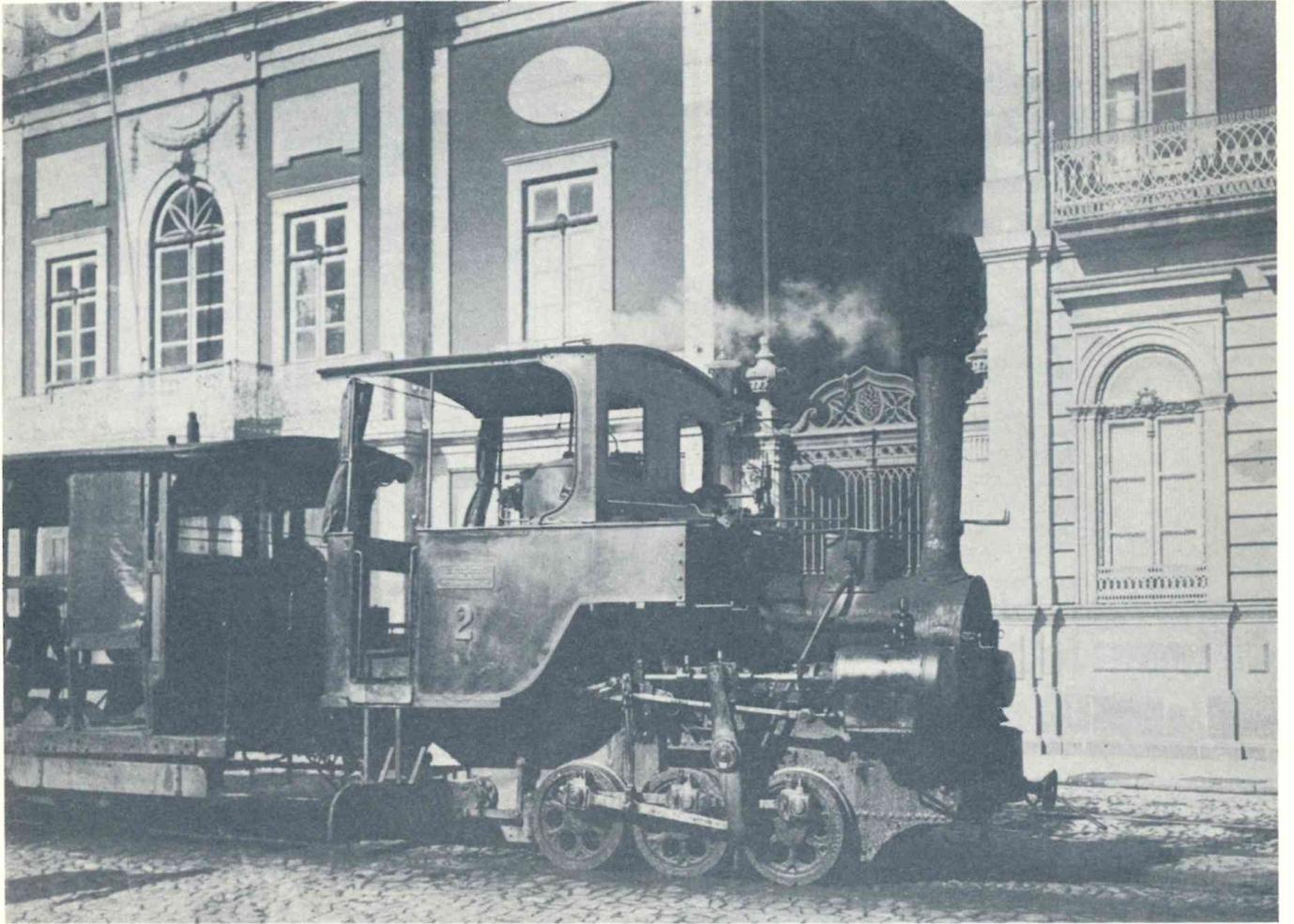
O Jardim Público de Braga, que a foto documenta e assim se conservou até há meio século, é nos nossos dias a Avenida Central, «Sala de Visitas» da cidade dos Arcebispos.

Em 1769 foi demolida a capela de Santa Ana, no Campo do mesmo nome, a fim de ser terraplanado aquele vasto recinto e alargadas as suas duas ruas, a do Norte e a do Sul. Foi desse embelezamento que resultou o jardim a que nos referenciamos.



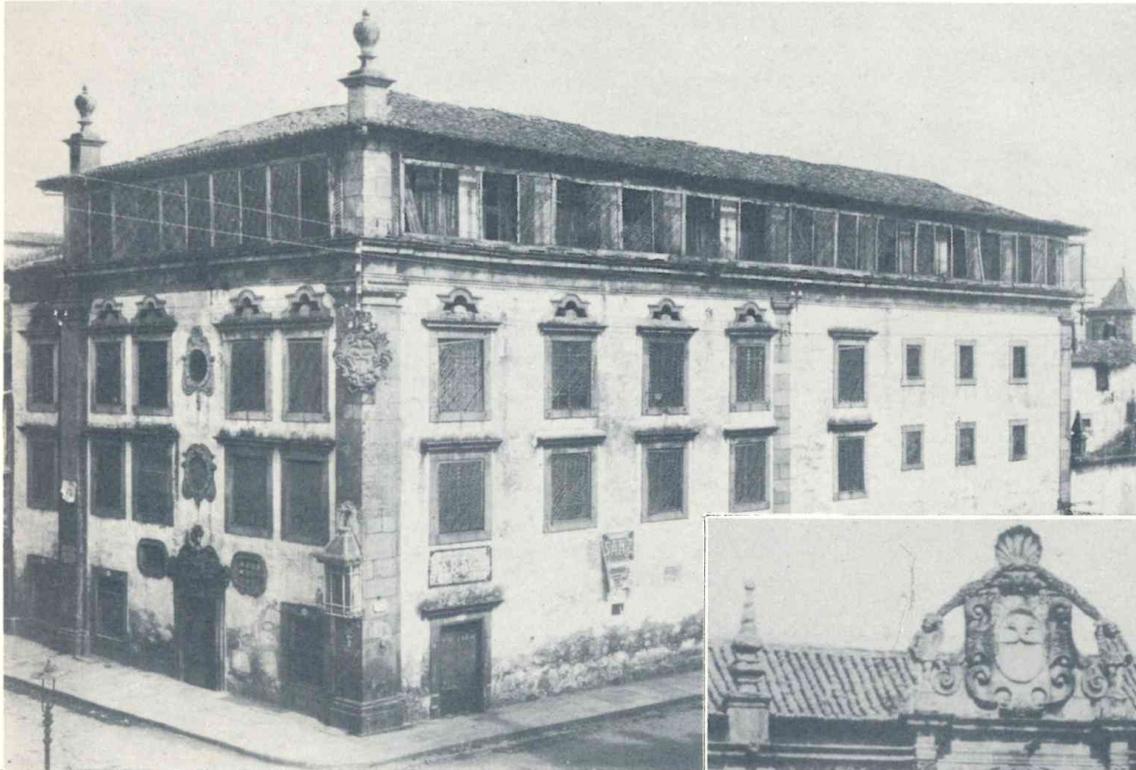
**LOCOMOTIVA DO COMBOIO QUE LIGAVA BRAGA
AO BOM JESUS DO MONTE**

Defronte do antigo Teatro S. Geraldo, em cujos terrenos foi construída a Agência do Banco de Portugal, a pequena locomotiva dos comboios que ligavam Braga ao Bom Jesus do Monte, desaparecidos em 1914, faz lembrar os filmes da marcha dos americanos para a costa do Pacífico...

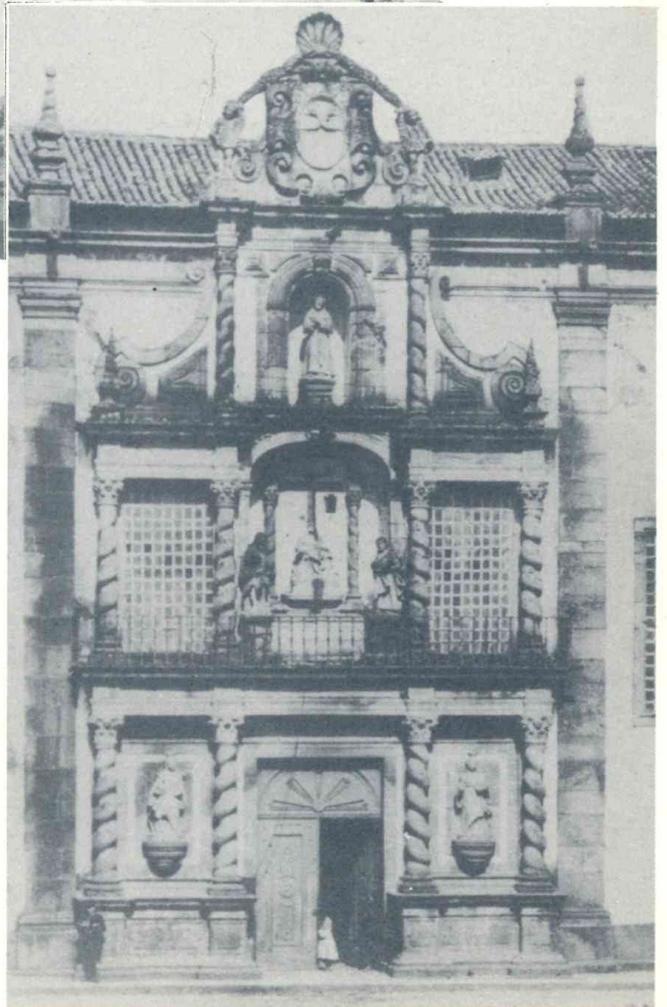


CONVENTO E IGREJA DOS REMÉDIOS

O Convento dos Remédios e fachada da Igreja do mesmo nome, que existiram no Largo hoje de Carlos Amarante e no gaveto da Rua de S. Marcos. No local onde se encontrava a Igreja, situa-se agora o Cinema S. Geraldo.



Convento dos Remédios

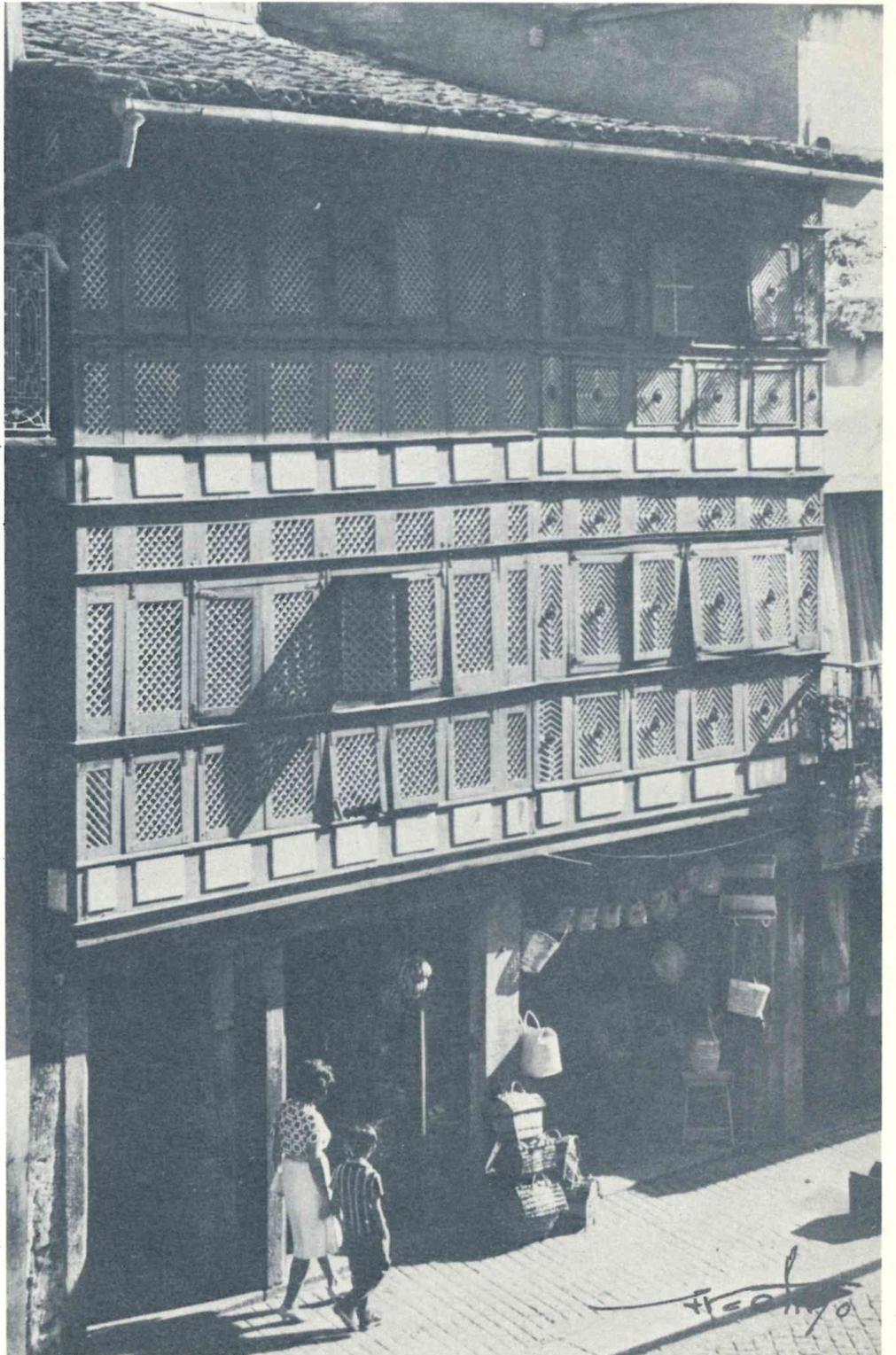


Igreja dos Remédios

CASA DOS CRIVOS

Esta é a Casa das Gelasias ou dos Crivos.

Na Braga seiscentista eram numerosas as fachadas deste género. Todas desapareceram sacrificadas ao progresso. Apenas esta ficou e está patente na Rua de S. Marcos. Foi considerada de interesse Nacional, o que explica a sua «presença» e a curiosidade que desperta.



S. FRUTUOSO DE MONTÉLIOS — MONUMENTO NACIONAL

A Igreja de S. Frutuoso de Montélios foi mandada construir por S. Frutuoso, Arcebispo de Braga, para seu túmulo. Morto o Arcebispo, a sua vontade foi satisfeita. Ali permaneceram as relíquias daquele que os eruditos consideram um dos grandes apóstolos da zona ocidental da Península, até que essas relíquias foram levadas para Compostela. Parte delas regressou a Braga há cerca de dois anos e aguardam que a Igreja, cujo restauro tem sido motivo de larga controvérsia, possa recebê-las. Por ocasião do Congresso comemorativo do XII centenário da morte de S. Frutuoso, foi constituída uma Comissão presidida pelo investigador e arqueólogo alemão Dr. Helmut Schlunk, para decidir quanto à conclusão do restauro, há muitos anos interrompido, da referida Igreja, considerada um monumento de extraordinário valor da época moçarabe.



CRUZEIRO DE S. JOÃO DA PONTE, ERGUIDO POR VOTO DO ARCEBISPO D. FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES

Defronte da capelinha de S. João da Ponte, um cruzeiro simples assinala uma época cruciante para Braga. No ano de 1570, a peste que assolava o país «invadiu» Braga. O Arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires, mandou erguer na devesa além da ponte da estrada de Guimarães, um hospital de emergência, para recolher os doentes, que muitos eram. Graças aos esforços do Arcebispo a peste não se prolongou por muito tempo nem fez nesta cidade elevado número de vítimas. Para comemorar o facto e em afirmação de gratidão, foi erguido um cruzeiro no ponto onde se fixara o hospital dos pestíferos. É o que está defronte da capela de S. João, e cujo significado a grande maioria dos bracarenses ignora. O cruzeiro tem a seguinte inscrição: «Sendo o Arcebispo de Braga, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, houve peste nesta cidade, no ano de 1570, e os «impedidos» foram trazidos a esta devesa».



FONTE DO ÍDOLO — MONUMENTO NACIONAL

A «FONTE DO ÍDOLO», aparece nos Guias Turísticos desde há muitos anos e tem despertado as atenções de investigadores nacionais e estrangeiros de renome. E o que é a «Fonte do Ídolo»? É considerada pelos entendidos um monumento singular em todo o mundo. Sena Freitas, citando Contador de Argote, refere-se assim ao Ídolo existente ali à margem da Rua do Raio, sobre uma nascente de água a que impròpriamente chamam fonte: «Na supracitada rocha viva, em que estavam em alto relevo duas figuras (um homem de roupas compridas com a inscrição à sua direita e um menino que se julga ser o Ídolo em plano mais baixo, com sua inscrição também ao lado), é legível ainda a primeira inscrição e, em parte, a segunda. Está, porém, muito deteriorada a 1.ª figura, cujos traços fisionómicos já não se distinguem bem, pois uma face da cara encontra-se quebrada, assim como os braços. O menino, isto é, o Ídolo, encontra-se invisível. A rocha está fendida verticalmente por junto do ombro esquerdo do homem. É possível que aquele Ídolo tivesse pertencido a algum templo gentílico». Será assim? Não será? Há opiniões diferentes emitidas por eruditos «mestres» portugueses e estrangeiros. De qualquer modo, uma coisa é certa: O Ídolo da fonte a que deu o nome, tem grande valor. Presentemente pode ser visto, o que nem sempre sucedeu, tal o abandono a que foi votado e as sevícias de que foi vítima. A foto apresenta-nos a rocha da «Fonte do Ídolo», com as suas esculturas rupestres.

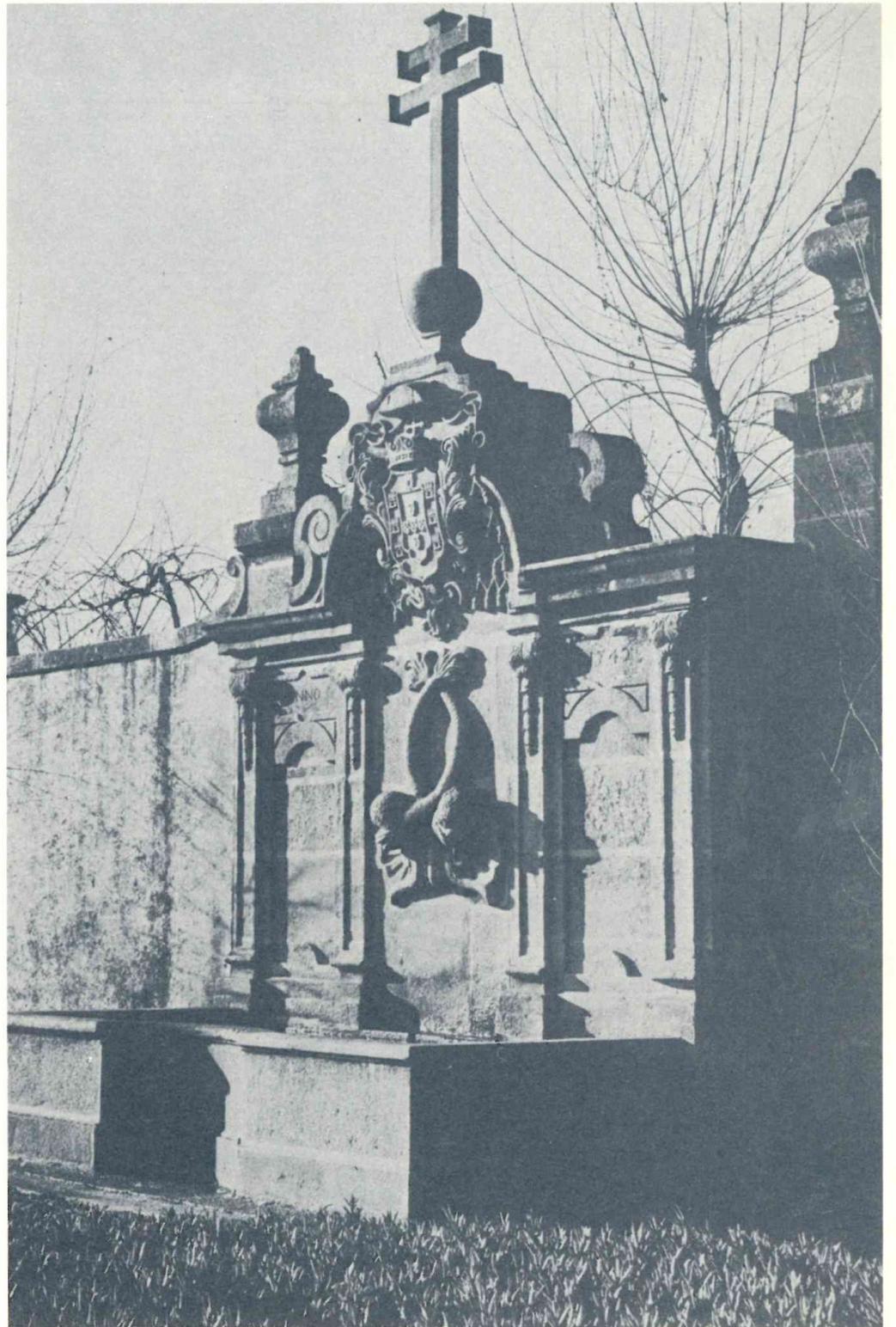


MUNICÍPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA

UM FORMOSO FONTENÁRIO PÚBLICO ABASTECIDO PELA ÁGUA DAS SETE FONTES QUE ABASTECIA A CIDADE DOS ARCEBISPOS

D. José de Bragança, filho de el-rei D. Pedro II e irmão de D. João V, foi Arcebispo de Braga durante 15 anos (1741-1756), e nesse curto espaço de tempo, realizou grandes obras na terra de que era Senhor. Foi ele quem mandou construir o Paço Arqueiepiscopal voltado à actual Praça do Município, então chamada Campo dos Touros, por nela se efectuarem corridas. Mas a sua obra mais notável «in illo tempore», foi sem dúvida o abastecimento de água. D. José de Bragança, talvez influenciado pela obra de seu irmão, fez o Aqueduto das Águas Livres, mandou explorar os lençóis de água existentes no lugar das Sete Fontes e estabeleceu depósitos e canalizações para toda a cidade, tanto para fontenários públicos como para conventos e outras grandes casas particulares. Braga foi, nessa altura, a cidade com melhor abastecimento de água de Portugal.

As câmaras de visita que ainda existem nas Sete Fontes, ostentam o brasão do prelado que também se vê no fontenário que durante dois séculos esteve junto do Solar de Infias, e agora é ornamento dum recanto artístico situado à margem da Rua Andrade Corvo.



IGREJA DE S. VÍTOR SACRIFICADO PELOS ROMANOS

Nas cercanias de Braga, a Norte, a uma colina ali existente denominaram os romanos «Monte de Brito», mais tarde «Monte do Castelo» por ali ter existido uma fortificação. Nas proximidades desse cômodo, segundo Sena Freitas, fundou S. Martinho de Dume um Mosteiro, dedicando-o a Santo Antão. Isso foi no ano de 565. Um sacerdote, de nome Vasco Mendes, dotou o Mosteiro com uma quinta que possuía no sítio chamado de S. Vitouro, com a condição de no Mosteiro ser venerado o catecúmeno S. Vítor, mártir sacrificado pelos romanos por se recusar a adorar os seus ídolos. O Mosteiro foi destruído pelos árabes. Reedificado em 1031, foi sagrado pelo Arcebispo D. Paio Mendes. Porém, também esse Mosteiro acabou em ruína e, então, no ano de 1686, o Arcebispo D. Luís de Sousa mandou edificar o templo, que hoje está consagrado a S. Vítor. No seu interior, formosos azulejos dão testemunho do martírio do Santo. No alto do templo, na fachada principal, vê-se o brasão do prelado que o mandou erguer.



IGREJA DOS TERCEIROS, DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO

No ano de 1611, foi instalada em Braga, com altar próprio nos claustros da Sé Primaz, a Venerável Ordem Terceira de S. Francisco. Isso deve-se ao cónego Francisco da Costa. No ano de 1615 a Arquiconfraria do Cordão (foi esse o seu nome primitivo), já tinha Estatutos e passou a denominar-se Irmandade de S. Francisco da Sé. Após várias reformas dos Estatutos, em 1672, na quarta-feira de Cinza, saiu a primeira procissão de penitência. Dois anos depois, transferiram-se os Irmãos para a igreja do Hospital de S. Marcos onde ainda se encontravam em 1685 quando decidiram fazer erguer igreja própria no lugar da Fonte da Carcova. Uma devota doou para esse fim duas casas a que se juntaram mais três, adquiridas por noventa e quatro mil réis. Em 1690 começou a construção, que demorou muito tempo. O corpo da igreja só ficou concluído em 1712 e só em 1733 terminou a construção da capela-mor e da torre. Em 1758 começou a construção da sacristia e do Definitório, no que foram gastos 11.000 cruzados. Na capela-mor e na torre foram aplicados 42.000. Em 1777, uniu-se a Irmandade de S. Francisco da Sé à Venerável Ordem Terceira, e o mesmo sucedeu em Outubro de 1778 à Confraria de Santo António do Pópulo. A foto que inserimos com esta «Recordação», apresenta o templo que actualmente toda a Braga conhece por igreja dos Terceiros.



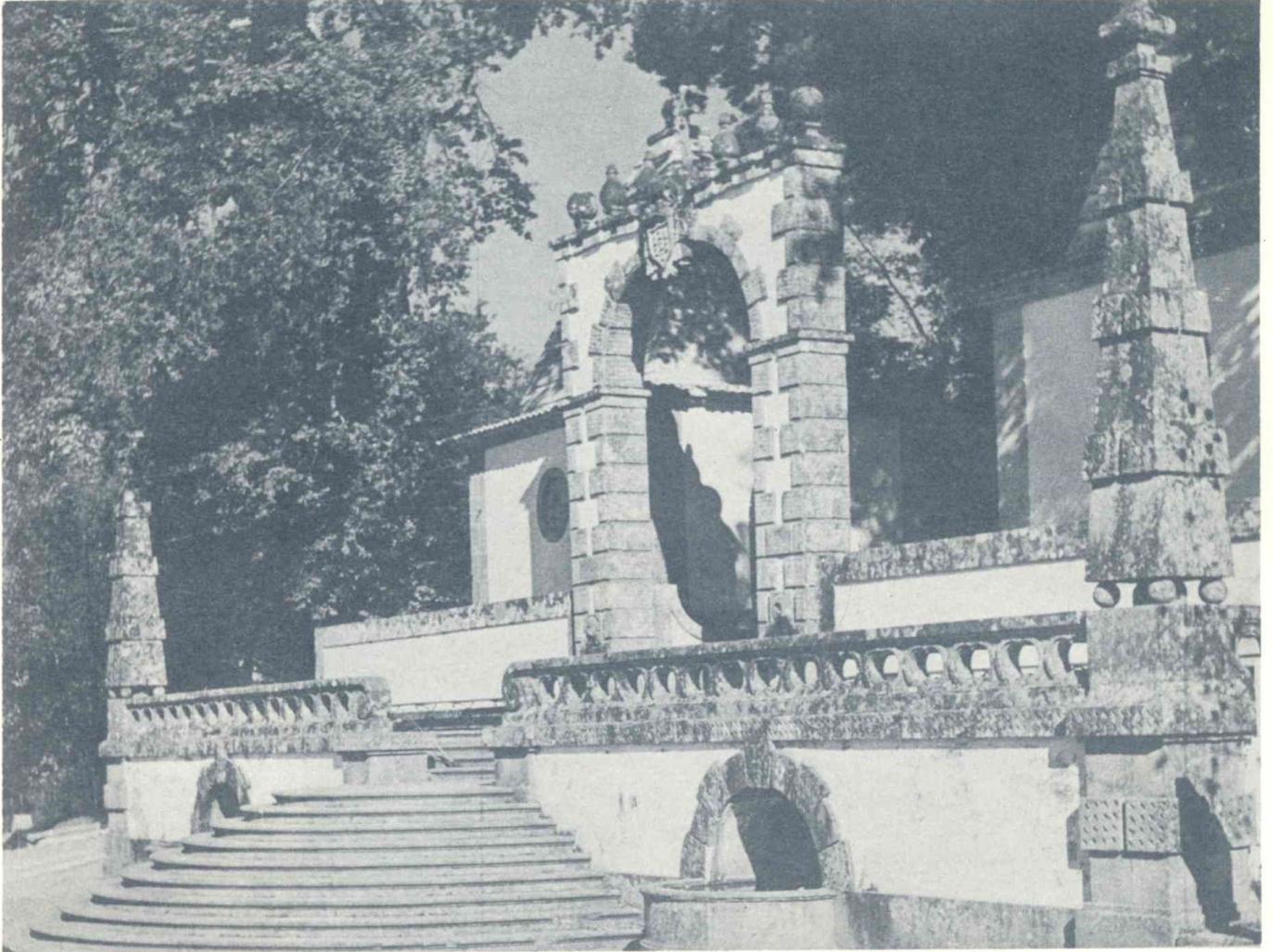
IGREJA DO ANTIGO COLÉGIO DE S. PAULO, HOJE PERTENÇA DO SEMINÁRIO DE FILOSOFIA

A foto apresenta-nos a fachada, em cantaria simples e austera, da Igreja do Colégio, que agora pertence ao Seminário de Filosofia. Tem larga história, este templo. D. Frei Bartolomeu dos Mártires, em 1560, à semelhança do que tinham feito D. João III em Coimbra e o Cardeal-Infante D. Henrique em Évora, entregou o Colégio velho de S. Paulo aos padres da Companhia de Jesus. A frequência do Colégio tomou então tal incremento que foi necessário levantar o Colégio novo, da mesma invocação. A igreja, cuja foto publicamos, é a desse Colégio onde se ministrava ensino de grau universitário e que chegou, naquele tempo, a ter uma frequência de três mil alunos. Expulsos os jesuítas, por Decreto de 3 de Setembro de 1759, os estudos terminaram mas os professores só abandonaram a Instituição em 31 de Outubro seguinte, após terem estado bloqueados pelo Regimento de Infantaria de Viana. Depois disso, o Colégio foi convento de freiras e, em 1882, nele se instalou o Seminário Conciliar. Em 1911, passou a ser quartel de Infantaria 29 e, em 1927, foi ocupado pelo Batalhão de Caçadores 9, transferido do Porto por ter tomado parte na revolta de 3 de Fevereiro desse ano. Pela última remodelação da carta militar, Caçadores 9 foi transferido para Viana do Castelo e o edifício voltou à posse da Arquidiocese que nele, depois de grandes transformações, instalou o Seminário de Filosofia.



PÓRTICO QUE ANTECEDE A IMPONENTE ESCADARIA DO SANTUÁRIO DO BOM JESUS DO MONTE

D. Rodrigo de Moura Teles, depois de ter posto termo a demandas que muito prejudicaram o Santuário do Bom Jesus do Monte, assumiu a presidência da Confraria e dedicou-se com especial carinho ao restauro total do Santuário que se prolongou por cerca de cinco anos (1722 a 1727). Nas obras de restauro e reedificação gastou D. Rodrigo de Moura Teles, naquele tempo, vinte e quatro contos! A reedificação teve início pelo Pórtico onde começam a imponente escadaria e as capelas que documentam a vida de Jesus, desde a Ceia com os Apóstolos até ao alto do Calvário. O Pórtico, em arco elegante ladeado por pirâmides, apresenta ao centro o brasão de armas do prelado. O terramoto de 1755, que também se fez sentir em Braga, deixou o referido Pórtico ligeiramente inclinado, mas não afectou a sua segurança.



NO LARGO DA SENHORA-A-BRANCA ERGUE-SE O ANTIGO CRUZEIRO DO CAMPO DE SANTA ANA

Desde há séculos que existem em Braga cruzeiros de grande valor artístico. Sena Freitas, nas suas «Memórias», fala do Cruzeiro do Campo de Santa Ana, no do Campo das Hortas, no do Eirado, no de S. Lázaro e no do Senhor da Saúde. Alguns desses cruzeiros, se não todos, mudaram de lugar, mas continuam a justificar admiração. O que hoje apresentamos em foto era o do Campo de Santa Ana. Foi mandado erguer pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, que encontrou arruinada e com reduzida população a cidade de que foi «Senhor», tendo-lhe dado grande impulso progressivo. O Cruzeiro, aberta a Avenida Central, foi transferido para o Largo da Senhora-a-Branca, onde continua a despertar a curiosidade dos visitantes e as atenções dos próprios bracarenses.



FONTE DO PELICANO, MAJESTOSO CONJUNTO ARQUITECTÓNICO QUE FOI MOTIVO ORNAMENTAL DOS JARDINS DO PAÇO ARQUIEPISCOPAL

Na Praça do Município, defronte do Palácio que foi dos Arcebispos D. José e D. Gaspar de Bragança, respectivamente irmão e filho de D. João V, encontra-se presentemente a formosa Fonte Joanina, mais conhecida por Fonte do Pelicano, formoso conjunto arquitectónico. Era um dos numerosos motivos ornamentais dos jardins do Paço Arqueiepiscopal, quando o Estado se apoderou desse sumptuoso imóvel onde hoje estão instalados a Biblioteca Pública e o Arquivo Distrital. A Fonte Joanina, vendida em hasta pública, foi adquirida pelo estadista bracarense Dr. Domingos Pereira e por ele oferecida ao Parque da Ponte, onde permaneceu muitos anos para depois ser transferida para os jardins da Biblioteca e, agora, para a Praça do Município, com a sua «presença» engrandecida.

A fachada dos edifícios da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, que a foto apresenta, é um dos grandes valores artísticos da cidade. O edifício, assim como os voltados ao Largo do Paço e à Rua Eng.º Frederico Ulrich, pertencente ao Paço Arqueiepiscopal e era, desses, o de mais recente construção. Foi mandado erguer por D. José de Bragança, irmão de el-rei D. João V, que lhe deu a sumptuosidade e o estilo próprios da época. No segundo quartel do século XIX, o edifício, que logo foi designado por Palácio de D. José de Bragança, iam passados cem anos sobre a sua construção, estava ocupado pelo Governo Civil, repartições de Finanças e dos Correios e o mesmo sucedia quando, na noite de 15 de Abril de 1866, nele irrompeu pavoroso incêndio, segundo referem crónicas dessa data, criminosamente lançado. A destruição foi total e as paredes, em grande parte, tiveram que ser apeadas. Reconstruído em 1936, já com o interior adaptado a Biblioteca, observou-se na sua traça exterior absoluto respeito pela arquitectura primitiva. A reconstrução é uma das grandes obras que Braga ficou a dever ao ministro das Obras Públicas, eng.º Duarte Pacheco, e ao dr. Alberto Feio, então director da Biblioteca Pública.



UMA DAS SALAS DO ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA CUJO RECHEIO É DE GRANDE VALOR DOCUMENTAL

Aqui está uma recordação que não é monumental, nem arqueológica, nem histórica, mas simplesmente documental, se atendermos ao conteúdo. A Sala é uma das do Arquivo Distrital de Braga, na ala direita do Palácio de D. José de Bragança, a que já fizemos referência, e o seu recheio é constituído pelo tombo da Misericórdia e Hospital de S. Marcos e pelas inquirições «de generis», que pertenceram ao Seminário Arquiepiscopal. Em relação a todos os candidatos ao sacerdócio e suas famílias e respectivos antecedentes, era organizado minucioso processo. E quem não satisfizesse não era admitido. A esses processos se convencionou chamar-se inquirições. Pertenciam logicamente ao Arquivo do próprio Seminário, mas quando o Estado tomou conta dos bens da Igreja, também recolheu esses documentos que assim como os arquivos do Paço e dos conventos, estão agora integrados no Arquivo Distrital e, como se vê, embora talvez deslocados, bem acondicionados e bem tratados.



**SALA DR. MANUEL MONTEIRO ONDE SE GUARDA A VALIOSA
LIVRARIA DO EMINENTE BRACARENSE E ESTADISTA**

Na Biblioteca Pública de Braga, a sala Doutor Manuel Monteiro, além da livraria que pertenceu ao prestigioso estadista e jurisconsulto, apresenta o seu retrato a óleo, alma do grande Columbano.



Tracelino

«SALA DO ARCAZ» A MAIS RICA DA BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA

Arcaz — «Arca grande com gavetões», segundo a definição de F. Torrinha. Assim se explica que na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, a sala que a foto apresenta seja conhecida por «Sala do Arcaz». Nos gavetões do seu grande armário estão guardadas verdadeiras preciosidades que pertenceram ao Arquivo da Mitra Bracarense. Muitos desses documentos são anteriores à fundação da nacionalidade e de excepcional valor histórico. Citemos, por exemplo, aquele a que chamaremos Acta da reunião em que ficou decidido que D. Afonso Henriques, apoiado pelo Arcebispo D. Paio Mendes, seus irmãos Soeiro Mendes, senhor do Castelo da Feira, Gonçalo Mendes (da Maia), Ermígio Moniz, Sancho Nunes, Garcia Soares e outros fidalgos, tomaria pela força o governo do Condado Portucaleense, que sua mãe, D. Teresa, de parceria com Fernão Peres, Conde de Trava, ainda detinha. Essa reunião efectuou-se precisamente um mês antes da célebre batalha de S. Mamede, junto de Guimarães, cujo resultado concretizou as aspirações de D. Afonso Henriques. Existem também nos gavetões do Arcaz, numerosas Bulas Pontificias e Decretos Reais com Selo pendentes, um testamento de el-rei D. Dinis, etc., e, nas estantes laterais, os relatórios dos visitantes dos conventos da região, que referem factos na sua grande maioria desconhecidos mesmo dos investigadores e contam sucessos surpreendentes ... Esta dependência da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, juntamente com a que reúne livros raríssimos e a colecção de documentos do Arquivo do Conde da Barca, 1.º ministro de el-rei D. João VI e que por isso se chama a Secção de Reservados, a mais rica do estabelecimento.



TÚMULO EXISTENTE NA CAPELA DOS REIS, NA VETUSTA SÉ DE BRAGA, ONDE SE GUARDAM AS CINZAS DO CONDE D. HENRIQUE

Ninguém ignora que o Conde D. Henrique de Borgonha veio de França para auxiliar o Rei das Astúrias e Leão na reconquista das terras que os árabes, vencedores dos exércitos visigóticos, haviam ocupado. Essa reconquista começou com Pelágio, depois do célebre milagre de Covadonga. O Rei das Astúrias e Leão para recompensar D. Henrique, deu-lhe sua filha bastarda, D. Teresa, em casamento, e o governo do Condado Portucalense. Isso verificou-se no século XI. Do enlace entre o Conde D. Henrique e D. Teresa, nasceu D. Afonso Henriques, que veio a ser depois de ter arrebatado o poder a sua mãe e de ter recusado vassalagem ao Rei de Leão, o 1.º Rei de Portugal. Os cronistas assentaram fixar esse acontecimento da maior projecção na história da península, da Europa e do mundo, no dia 14 de Abril de 1140. Quando isso sucedeu, já o Conde D. Henrique não existia, pois havia falecido no dia 1 de Maio de 1114, em Astorga, onde se encontrava. Foi sepultado na Sé de Braga, para cuja construção generosamente concorrera. O seu túmulo permaneceu durante séculos na capela-mor, mas foi trasladado mais tarde para a capela que tem entrada pelo claustro, que chamam dos reis, e onde também se encontram o túmulo de sua esposa, D. Teresa, e o corpo incorrupto do Arcebispo D. Lourenço Vicente, herói da batalha de Aljubarrota. Vê-se na foto o túmulo com estátua jacente, que guarda as cinzas do Conde D. Henrique.



DEO OPTIMO MAXIM.
D. ENRICO VNGARORVM REGIS FILIO PORTVGALIAE CO
MITID. DIEGVSSOVS. ARCHIEP. VINO CLARISSIMO MOV
PORTVGALIAE REGISSESSE REGNVM. I. A. D. CEPISS. CO
STAT. DE REPUBLICA CHRISTIANA PATRIA. Q. SVA OPTIME M
A. R. M. L. VII. M. AN. ACIBIS. NAT. M. D. XIII.

NA SÉ PRIMAZ, TÚMULO DE D. TERESA, MULHER DO CONDE D. HENRIQUE, COM ESTÁTUA JACENTE

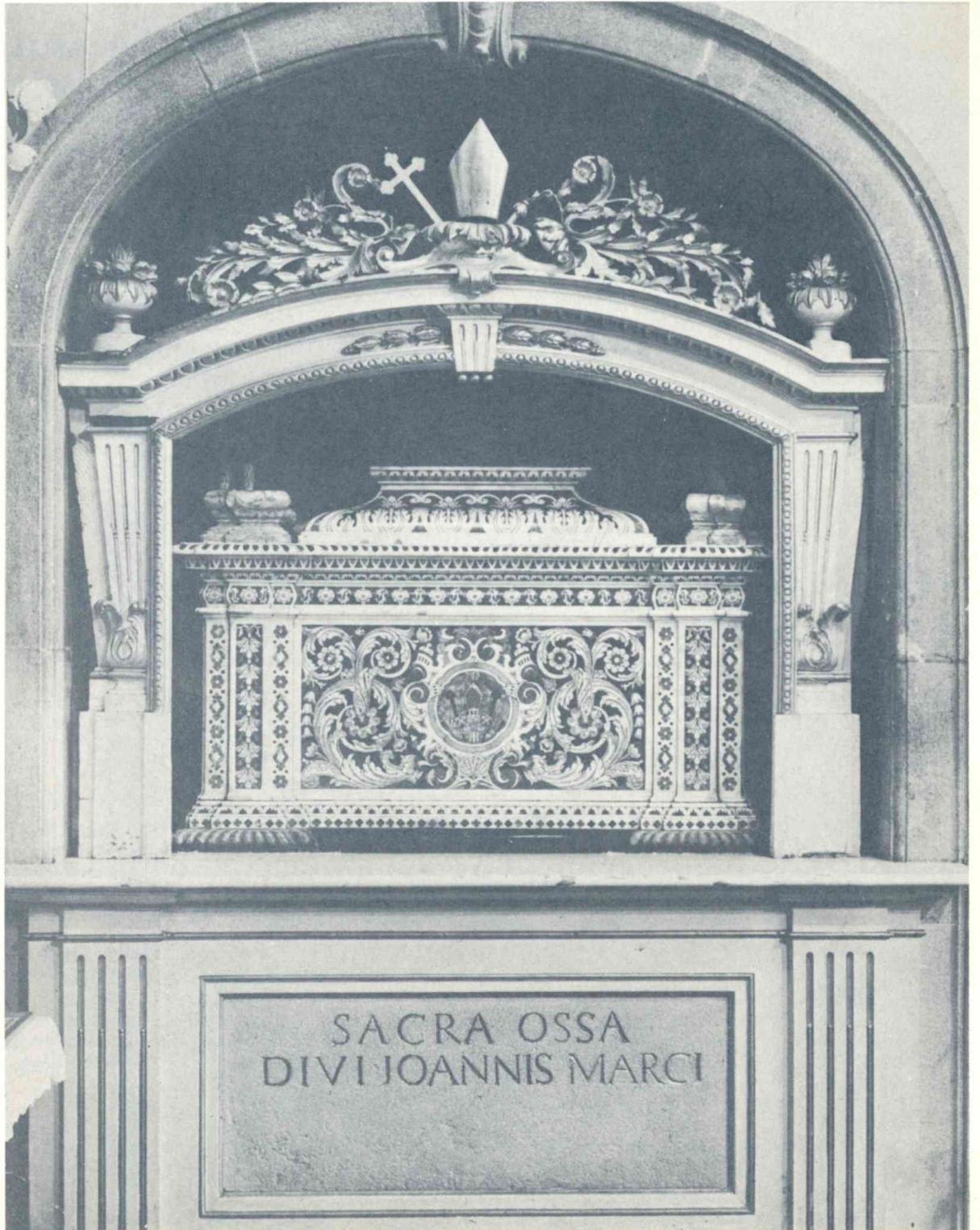
Inicialmente a história de D. Teresa é comum em relação a Braga e ao Condado Portucalense, à de seu marido, o Conde D. Henrique. Filha de Afonso VI de Leão, D. Teresa passa a ter preponderância especial quando morto seu marido assume o governo do Condado, que manteve até 1128. Foi em Junho desse ano que o filho, pela força, lhe arrebatou o poder, que ela de certo modo partilhava com o fidalgo galego Fernão Peres, conde de Trava. D. Afonso Henriques, conforme reza a história, encerrou sua mãe sob prisão no castelo de Lanhoso. Nessa altura reinava em Leão Afonso VII, que por sua vez destronara D. Urraca, caída em desagrado entre os seus súbditos por, no estado de viúva, se ter ligado ao Conde de Lara. Fernão Peres era poderoso fidalgo galego, grande amigo de Afonso VII, e por isso não tinha a simpatia da população do Condado Portucalense, já decidida a sacudir o jugo. Daí a decisão de D. Afonso Henriques de tomar o poder ter encontrado poderoso apoio. Parece, todavia, que D. Teresa ainda veio a seguir o Conde de Trava pois faleceu na Galiza em Novembro de 1130. Os seus restos mortais foram trasladados para a Catedral de Braga, tendo-lhe sido dada em 1513, por D. Diogo de Sousa, sepultura no mesmo túmulo de seu marido. Outro prelado mandou abrir o túmulo e tendo verificado que nele se encontravam ossadas de dois indivíduos, um de cada sexo, ordenou que fossem separadas e assim passou D. Teresa a ter sepultura igual à de D. Henrique, também com estátua jacente, sepultura que se encontra ao lado da primitiva na capela já referida na nossa «Recordação» anterior.



REGINA TAREGILIA ALFONSI CASTELIA ET LEONIS
ONIS REGIS IMPERATORIS NY NEVIAN FILIA C
MENS HENRICI V XI PR DIDACVS A SEVSA ARCHIEP
SCVS BRACHESPERMAM MILANO ACI RB TONTO DRI

**NA IGREJA DO HOSPITAL DE S. MARCOS, O TÚMULO
ONDE SE GUARDAM AS RELÍQUIAS DE S. JOÃO MARCOS,
DISCÍPULO DE S. PEDRO**

No antigo Campo dos Remédios, hoje Largo do Eng.º Carlos Amarante, havia outrora uma pequena capela dedicada à S. Marcos Evangelista. Daí, o ter sido dado ao hospital, na sua fundação, o nome de Hospital de S. Marcos. No pavimento da referida capela encontrava-se, em sepultura rasa, um ataúde que D. Diogo de Sousa mandou exumar, mas com a recomendação de não ser aberto, e que fez colocar num arcosólio da mesma capela. Mais tarde, o túmulo foi considerado como sendo de S. João Marcos, discípulo de S. Pedro e por ele instituído bispo d'Atina, na Itália, onde padeceu a perseguição de Domiciano e o martírio. Conta-se que foram tantos os milagres obtidos por intercessão deste santo, que, mercê deles, o campo fronteiro tomou o nome de Campo dos Remédios. A Mesa da Misericórdia, no começo do século XVII, verificando que as relíquias de S. João Marcos não estavam colocadas de acordo com a veneração devida, resolveu construir um retábulo na igreja do hospital e transferir para ali as referidas relíquias. A trasladação efectuou-se com solenidade no dia 26 de Abril de 1718, e, agora, as relíquias de S. João Marcos, encontram-se na referida igreja, no rico túmulo que a foto representa.



SACRA OSSA
DIVI JOANNIS MARCI

**TÚMULO DE D. FREI CAETANO BRANDÃO,
QUE FOI ARCEBISPO DE BRAGA E EXEMPLO DE HUMILDADE,
NA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE, NA SÉ PRIMAZ**

D. Frei Caetano Brandão foi um dos precursores do Ensino Técnico em Portugal. Com ele acabou o fausto que D. José e D. Gaspar de Bragança instalaram no Paço Arquiepiscopal. Este Prelado deu exemplo de humildade e também de carinho pelos pobres. Fundou o Seminário dos Meninos Órfãos, onde se ministrava ensino de ofícios, de agricultura, de farmácia. Deixou uma obra notável, no aspecto, que ainda hoje perdura. Extinta em 19 de Julho de 1790 a jurisdição dos donatários, D. Frei Caetano Brandão foi o primeiro arcebispo que, de facto, deixou de ser senhor de Braga. Também fundou, além de outras escolas, uma de cirurgia, no Hospital de S. Marcos, e foi ele quem realizou em Braga a primeira exposição agrícola e industrial, com elevados prémios para os expositores. D. Frei Caetano faleceu em 15 de Dezembro de 1805 e, depois do seu corpo ter permanecido em sepultura provisória na capela-mor da Sé, foi transferido para o túmulo construído sob um arco na capela de Nossa Senhora da Piedade e que a foto apresenta.



AQUI JAZ

D. Fr. Casiano Brandão, filho legítimo de Thomé Parbeta da Cunha, Sargento-mór de Ordenanças, e de D. Maria Joaze do Cris. Foi Religioso da Terceira Ordem de S. Francisco, depois Bispo do Pará no Brazil, e ultimamente Arcebispo-Senhor de Braga Primas dos Hespanhas. Presbitero exemplar e muito dedicado pela sua sabedoria e virtudes, foi notavel pela fundação de importantes Estabelecimentos de Beneficencia e caridade neste Arcebispado. Nasceu em 11 de Setembro de 1740 no lugar e freguezia de Loureiro Bispado do Porto, e falleceu em 15 de Dezembro de 1805 nesta Cidade de Braga, sendo sepultado na Capella-mór d'esta S. Primazal, e transferido para este tumulo em 15 de Dezembro de 1890.

**NA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, NA SÉ PRIMAZ,
ERGUE-SE O TÚMULO DE D. GONÇALO PEREIRA,
HERÓI DA BATALHA DO SALADO E COM NOTÁVEL
ACÇÃO EM SERVIÇO DA IGREJA E DA PÁTRIA**

D. Gonçalo Pereira, Arcebispo de Braga de 1326 a 1348, era filho do conde D. Gonçalo Pereira e de sua primeira mulher, D. Urraca Vasques Pimentel, irmã de D. Fr. Estêvão Vasques Pimentel, prior e balio de Leça. Como Arcebispo de Braga, teve acção extraordinariamente notável, inclusive na defesa do poder temporal que os prelados bracarenses exerciam na cidade e seu termo após as doações do Senhorio de Braga feitas por D. Afonso Henriques e seus pais. D. Gonçalo Pereira esteve com el-rei D. Afonso IV na Batalha do Salado, prestando relevantes serviços à religião e à Pátria, mas isso não impediu que D. Afonso IV tentasse espoliá-lo do Senhorio que herdara dos seus antepassados, tentativa que não surtiu efeito devido à resistência do prelado e do Cabido. Também quando do conflito com Castela, que teve origem nos maus tratos que D. Afonso XI dava a sua esposa, filha de D. Afonso IV, D. Gonçalo Pereira teve acção notável. D. Fernando Ruy de Castro e D. João de Castro, fronteiros-mores da Galiza, invadiram Portugal com forças importantes e talaram a região até ao Porto, onde se haviam concentrado as tropas do Arcebispo de Braga e de Fr. Estêvão Gonçalves, grão-mestre da Ordem de Cristo. Com D. Vasco Martins, Bispo do Porto, a defesa foi valorosa e os invasores tiveram que retroceder, para mais tarde, num desfiladeiro de Aboim da Nóbrega, Vila Verde, receberem um ataque que os destroçou, morrendo no combate o seu general D. João de Castro e a maioria dos seus comandados.

D. Gonçalo Pereira encontra-se sepultado no túmulo com estátua jacente que a foto representa, na capela de Nossa Senhora da Glória, na Sé Primaz.



Arcelesio

**D. DIOGO DE SOUSA, GRANDE REFORMADOR
DA «BRACARA AUGUSTA» E INSIGNE PRELADO
FOI SEPULTADO, CONFORME DETERMINARA NA CAPELA DE NOSSA
SENHORA DA PIEDADE NA SÉ PRIMAZ**

Embora D. Diogo de Sousa tenha sido, como já dissemos repetidas vezes — e todas são poucas em relação à sua grandiosa obra — um dos mais insignes Prelados bracarenses e aquele que deu à cidade nas suas proporções e na sua fisionomia, novos destinos, é muito reduzido o número de pessoas que saibam onde existe o seu túmulo. D. Diogo de Sousa, que governou Braga desde 1505 a 1532, no decorrer de 27 anos teve acção extraordinariamente notável. Até lhe pertence a ampliação da Arquidiocese até ao rio Minho. A abertura de novas ruas, a criação da Misericórdia e Hospital de S. Marcos, distinguem D. Diogo de Sousa, que foi testamenteiro de D. Manuel I, entre uma pléiade de Prelados insignes que passaram pela cátedra primacial bracarense. Com 72 anos de idade, D. Diogo de Sousa faleceu e foi sepultado na sua capela, conforme tinha determinado, que é aquela a que chamam agora de Nossa Senhora da Piedade, em sarcófago de pedra de Ançã e com estátua jacente como mostra a fotografia. Nele se encontra o seguinte epitáfio: «Aqui jaz D. Diogo de Sousa, Arcebispo de Braga, filho de João Rodrigues de Vasconcelos, Senhor de Figueiró e do Pedrógão, e de D. Branca da Sylva, sua mulher, o qual El-rei D. João II mandou por embaixador a Alexandre Papa VI em lhe dar sua obediência, e el-rei D. Manuel, tendo-o feito capelão-mor da Rainha D. Maria sua mulher, o mandou dar sua obediência ao Papa Júlio II, e el-rei D. João III, o fez capelão-mor da Rainha D. Catarina, sua mulher, o qual fez esta capela para sua sepultura. Viveu 72 anos e faleceu a XIX de Junho de 1532».



A HISTÓRICA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, DA SÉ DE BRAGA, MANDADA CONSTRUIR POR D. GONÇALO PEREIRA

Aqui está a capela de Nossa Senhora da Glória, da Sé de Braga, mandada construir por D. Gonçalo Pereira, o grande Arcebispo-combatente de quem falamos já. É como o Paço do referido prelado, do século XIV, e daí a semelhança entre os dois monumentos. Na capelinha de Nossa Senhora da Glória, que só está franqueada ao público no dia da batalha de Aljubarrota, embora possa ser permanentemente visitada a solicitação dos interessados, encontra-se o túmulo de D. Gonçalo Pereira. As respectivas paredes, com frescos de estilo árabe, são autêntica maravilha, mas o mais curioso é que sob esses frescos foram descobertas pinturas murais mais antigas. Como pode ver-se, no alto da fachada do pequeno mas histórico templo, encontra-se a Cruz de Aviz, ou Cruz dos Pereiras, a cujo tronco pertencia o prelado bracarense que lutou ao lado de D. Afonso IV e do rei de Espanha contra os sarracenos, no Salado, e foi avô da maior figura militar de Portugal, o Condestável D. Nuno Álvares Pereira.



**TÚMULO DO INFANTE D. AFONSO DE PORTUGAL, PRIMOGÉNITO
DE EL-REI D. JOÃO I E DA RAINHA D. FILIPA DE LENCASTRE,
NA SÉ DE BRAGA**

É crença geral que el-rei D. João I e a rainha D. Filipa de Lencastra, assim como todos os príncipes de ínclita geração, se encontram sepultados no Mosteiro da Batalha. Porém, essa crença, não corresponde à realidade. Efectivamente um dos irmãos dos Infantes D. Henrique, D. Fernando, D. Pedro e de el-rei D. Duarte, encontra-se sepultado na Sé de Braga. É o Infante D. Afonso, primogénito de suas majestades e portanto o herdeiro do trono. Faleceu, nesta cidade, em Dezembro de 1400. Acompanhava a família a Santiago de Compostela quando aqui adoeceu e faleceu. Foi sepultado na Sé e presentemente encontra-se num arcosólio à direita da entrada principal, num mausoléu em cobre vindo da Flandres e oferecido por sua irmã D. Isabel, casada com Filipe III o Bom, Duque da Borgonha. O mausoléu apresenta a seguinte inscrição: «Aqui jaz o Infante D. Afonso de Portugal, a quem Deus perdoe, filho do nobre rei D. João de Portugal, o primeiro, e da rainha D. Filipa. Faleceu aos 22 de Dezembro de 1400». Não falta mesmo em Braga quem desconheça a existência do túmulo que na foto apresentamos.



A MAJESTOSA CASA DO RAI0, CONFORME A DESENHOU ANDRÉ SOARES

A Casa do Raio é um dos elementos arquitectónicos de grande valor da cidade de Braga. Foi desenhada por André Ribeiro Soares da Silva (André Soares), nome presentemente citado com admiração, para o rico mercador José Duarte de Faria. Também lhe chamam a Casa do Mexicano, por no pátio que encima o 1.º lanço da sua escadaria de honra apresentar uma estátua em granito representando um turco fantásticamente vestido no género dos azulejos da Casa dos Biscaínhos, designado pelo povo «o mexicano»?

Construída no ano de 1754, a Casa, situada «atrás do Hospital», foi vendida em 1867 ao Visconde de S. Lázaro, Miguel José Raio, e daí o nome que hoje possui.



**CAPELINHA DA «CASA DA ORDEM» SÉCULO XVIII,
A QUE DENOMINARAM TAMBÉM, SÉ VELHA**

A capelinha da «Casa da Ordem» fica situada num caminho que, partindo da estrada de S. Martinho de Dume, vai dar à Igreja de S. Jerónimo de Real, que pertencia ao convento de S. Francisco e tem à ilharga o monumento setecentista que é a capela de S. Frutuoso. A capelinha não dista do limite da cidade mais que um quilómetro, mas isso não impede que seja pouco conhecida. E, no entanto, com o seu alpendre floreado do século XVIII, tem interesse artístico e dentro desse interesse artístico, outro interesse muito especial.

É que a capelinha apresenta em baixo relevo numa das suas pedras, a fachada da Sé de Braga, e daí haver quem lhe chame a Sé Velha...



**CAPELA DE S. SEBASTIÃO DAS CARVALHEIRAS,
TESTEMUNHO DO CUMPRIMENTO DUMA PROMESSA FEITA
PELO ARCEBISPO D. RODRIGO DE MOURA TELES**

A Capela de S. Sebastião das Carvalheiras foi reedificada pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, em 1717. Nessa obra gastou o Prelado 2 200\$00. Já existia no local outra capelinha, mas de pequenas proporções e pouco cuidada. Em 1716, grassou por toda a província de Entre Douro e Minho uma epidemia da qual D. Rodrigo de Moura Teles, também foi vítima. As mortes eram às centenas. O Prelado fez voto de, se escapasse do surto epidémico, reedificar a capela de S. Sebastião das Carvalheiras, e como viu os seus desejos atendidos, logo cumpriu a promessa, legando à cidade o interessante e artístico templo. Recentemente, a Câmara fez transferir para junto da capelinha, reconstruindo-o em terreno público, o fontenário de D. Diogo de Sousa, que durante centenas de anos existiu na Rua dos Granjinhos, e que é, também, no local, interessante motivo decorativo.



ALTAR-MOR DA CAPELA DE S. VÍTOR-O-VELHO, ERGUIDA NO LOCAL ONDE FOI EXECUTADO ÀS ORDENS DE DEOCLECIANO

Ocupada a península pelos romanos, o imperador Deocleciano, ordenou mais uma feroz perseguição aos cristãos. A execução dessa ordem nas Espanhas, foi confiada a um magistrado feroz, Daciano, que fez aumentar consideravelmente a já extensa lista dos mártires. Em Saragoça, o bispo Valério e o seu diácono, Vicente, foram mortos; o mesmo sucedeu a Eulália, em Mérida, a Veríssimo, Máxima e Júlia, em Lisboa; e a Vítor, em Braga. Os romanos quiseram obrigar Vítor a adorar um ídolo, e como ele recusou, mandaram-no decapitar. No local onde S. Vítor foi executado, o povo ergue uma ermida que séculos decorridos se transformou na actual capelinha de S. Vítor-o-Velho, cujo altar-mor a foto apresenta. Na parte inferior do altar, encontra-se uma pedra e diz-se que foi sobre ela que S. Vítor foi obrigado a poisar a cabeça, para a perder. Isso sucedeu no ano 303 da Era Cristã.



DE RICO ESTILO MANUELINO A CAPELA DE NOSSA SENHORA
DA CONCEIÇÃO, A QUE TAMBÉM CHAMAM DO SENHOR MORTO,
POR ALI SE ENCONTRAR UMA ALEGORIA AO TÚMULO DE JESUS

Quando o arcebispo D. Diogo de Sousa, no desenvolvimento das grandes obras que levou a efeito na cidade, abriu a Rua Nova por entre um soto de castanheiros, mandou derrubar muitos deles e também ordenou a demolição da ermida de S. João Baptista do Castelo. Mas decidiu que fosse edificada em sua substituição uma igreja para sede de paróquia. Assim apareceu a igreja de S. João, que recebeu o nome do Soto por ficar junto dos castanheiros acima referidos. Para ela foi transferida a imagem de S. João Baptista do Castelo. A nova igreja foi edificada junto da capela da Senhora da Conceição, que pertencia à Casa dos Coimbras, praticamente ligada a ela por acordo feito com o dr. João de Coimbra. Na igreja de S. João do Soto foi baptizado o célebre filósofo Francisco Sanches, que no século XIV ensinou nas Universidades de Toulouse e de Bordéus. Na capelinha, de grande valor artístico no estilo manuelino, encontra-se uma alegoria ao túmulo de Jesus. Por isso mesmo também chamam à capelinha templo do Senhor Morto, e na semana santa os devotos acorrem ali aos milhares. Na foto vêem-se a capelinha com seu alpendre e ao lado a fachada da igreja de S. João do Soto.



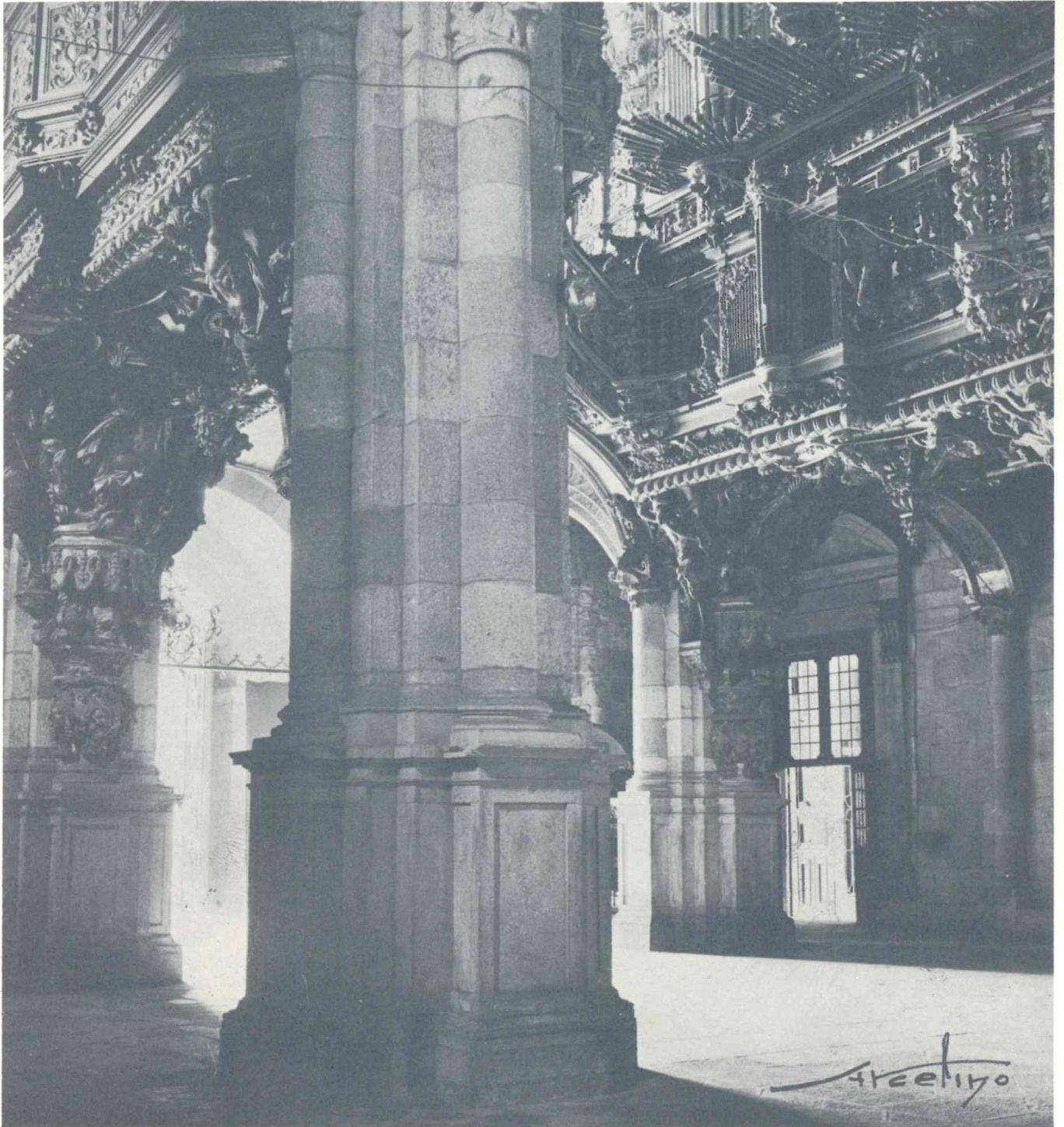
A VELHA SÉ DE BRAGA, COM NOVE SÉCULOS DE IDADE, AINDA CONTINUA A DESAFIAR OS TEMPOS

A primitiva Sé de Braga, diz-se que foi fundada pelo Apóstolo S. Tiago, ainda em vida de Nossa Senhora, a quem foi dedicada. Mas desse templo nada existe, pois foi completamente destruído como toda a cidade, no primeiro quartel do século VIII, quando da invasão dos árabes. Quando Braga foi reconquistada, estava tão devastada e despovoada que D. Afonso não julgou conveniente a edificação de nova catedral. Isso veio a verificar-se cerca de 300 anos mais tarde, sendo rei de Leão D. Sancho II. O conde D. Henrique, ampliou consideravelmente a nova Sé dotando-a com vastas rendas, que depois recebeu melhoramentos consideráveis com D. Diogo de Sousa. Foi ele quem mandou reconstruir a capela-mor e modificar a galilé e lajear toda a Sé. Reformou a capela de S. Geraldo e as torres. Também é de D. Diogo de Sousa o pátio existente entre a capela de S. Geraldo e a igreja da Misericórdia, igualmente erguida por sua ordem. Esse pátio ficou a chamar-se pátio de S. Geraldo. Depois dos melhoramentos ordenados por D. Diogo de Sousa, outros se verificaram, mas de menor importância inclusive, há pouco tempo ainda, beneficiações e restauros que não ficaram concluídos. A Sé a que chamaremos de D. Sancho II de Leão, foi construída entre os anos 1065 a 1070. Tem, portanto, nove séculos de idade, mas ainda se mantém segura, como revela a foto que inserimos.



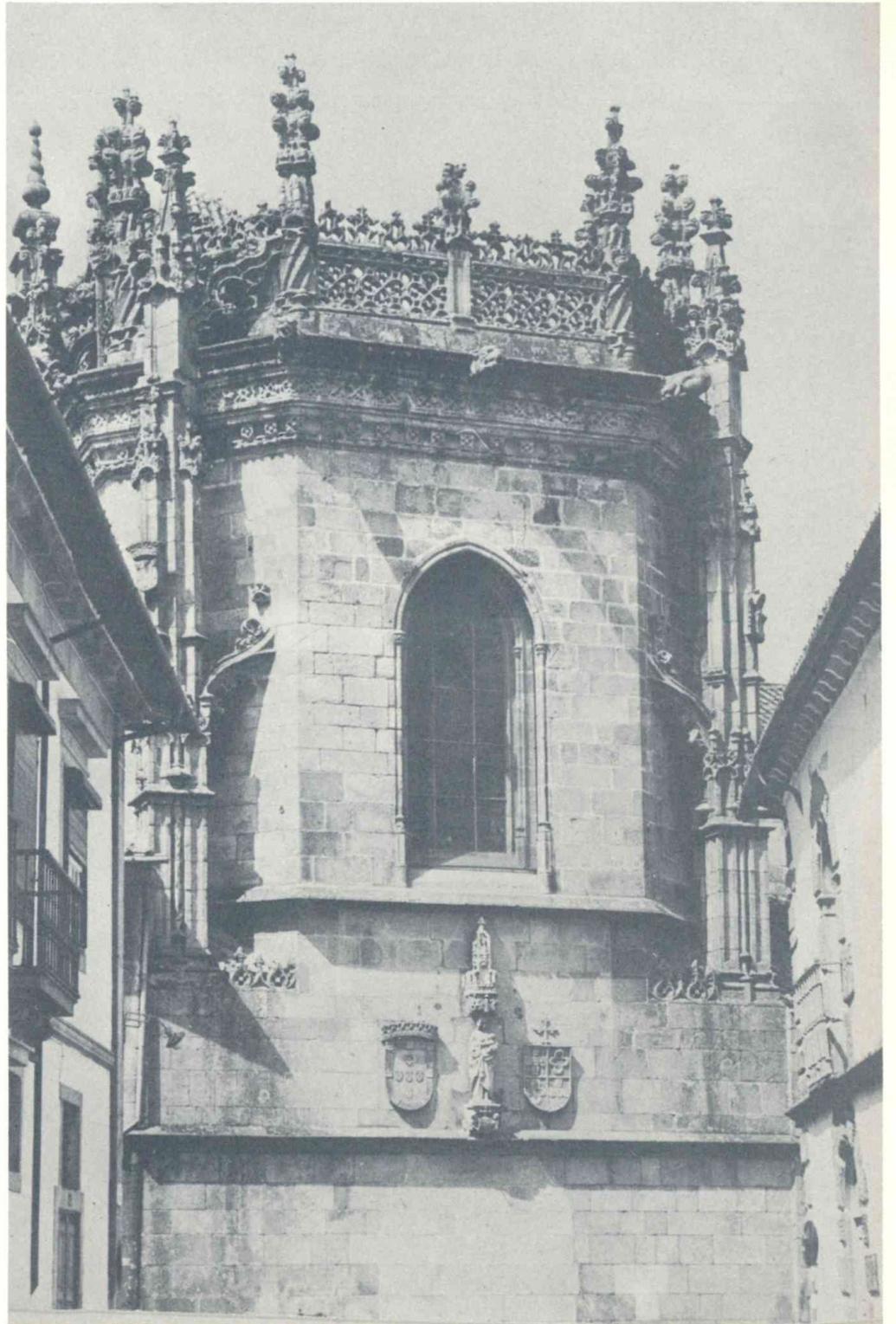
UM PORMENOR DA NAVE CENTRAL DA SÉ DE BRAGA

A Sé de Braga é um monumento de rara imponência e sumptuosidade. Assim o demonstra este pormenor da sua nave central.



**A PARTE EXTERIOR DA CAPELA-MOR DA SÉ PRIMAZ,
OBRA DE ARTISTAS BISCAÍNHO**

Aqui está mais uma obra das muitas obras notáveis que o arcebispo D. Diogo de Sousa levou a efeito na cidade. Trata-se da capela-mor da Sé Primaz, a cujo interior já nos referimos, apresentando agora na foto o seu exterior, voltado à Rua de S. João do Souto. Obra de artistas biscaínhos que o prelado instalou em Braga para esse fim, no seu rendilhado, a capela-mor da Sé de Braga, concluída em 1509, tem certa semelhança nos seus coruchéus com as cimalthas do convento de Cristo em Tomar e também com a matriz de Caminha.



**DA IGREJA DE SANTA MARIA MAIOR DE BRAGA É TAMBÉM
ESTE ARTÍSTICO ÂNGULO DO CRUZAMENTO DAS PRIMITIVAS
CAPELAS COM AS QUE LHE FORAM ACRESCENTADAS**

Já quando da publicação da respectiva fachada, falámos da Sé. Mas a verdade é que a Sé de Braga, a actual, pois da primitiva, arrasada pelos sarracenos, pouco ou nada se sabe, fornece muito pano para mangas... Não admira, portanto, que voltemos a referir-nos à Sé, e que ainda noutras oportunidades tenhamos que lhe dedicar a nossa atenção. Efectivamente, sobre a vetusta igreja de Santa Maria de Braga, há muito que dizer, há pormenores e aspectos que a grande maioria dos bracarense desconhece. Por isso voltamos à Sé, para lhe dedicarmos a foto que apresenta um dos seus ângulos mais interessantes, mais artísticos, em que sobressai o cruzamento das capelas primitivas com as que depois, a partir do século XI, lhe foram acrescentadas pelos prelados que a engrandeceram, um dos quais, sem dúvida o maior de todos tanto em relação à Sé como à cidade, foi D. Diogo de Sousa, o arcebispo que «deu» a Braga o imponente Campo da Vinha, antes pertencente ao alcaide da Cidade.



Arceleyo

**OBRA DO CONSAGRADO CARLOS AMARANTE,
AQUI SE APRESENTA A FACHADA DO HOSPITAL DE S. MARCOS**

Não se pode afirmar que a fachada do Hospital de S. Marcos tenha uma antiguidade por aí fora. É dos fins do Século XVIII. Mas que se trata dum monumento de Braga, isso é absolutamente verdadeiro. Deve-se ao «génio» de Carlos Amarante, que deixou o seu valor bem demonstrado nesse elegante e artístico imóvel, como também no Bom Jesus do Monte e noutras construções, em Braga e no Porto. Filho dum músico que fazia parte da Orquestra de Câmara de D. Gaspar de Bragança, Carlos Amarante ficou a dever ao prelado a sua preparação cultural e técnica, pois foi ele quem lhe deu mestres e livros para adquirir os conhecimentos de que nos legou exuberante testemunho.



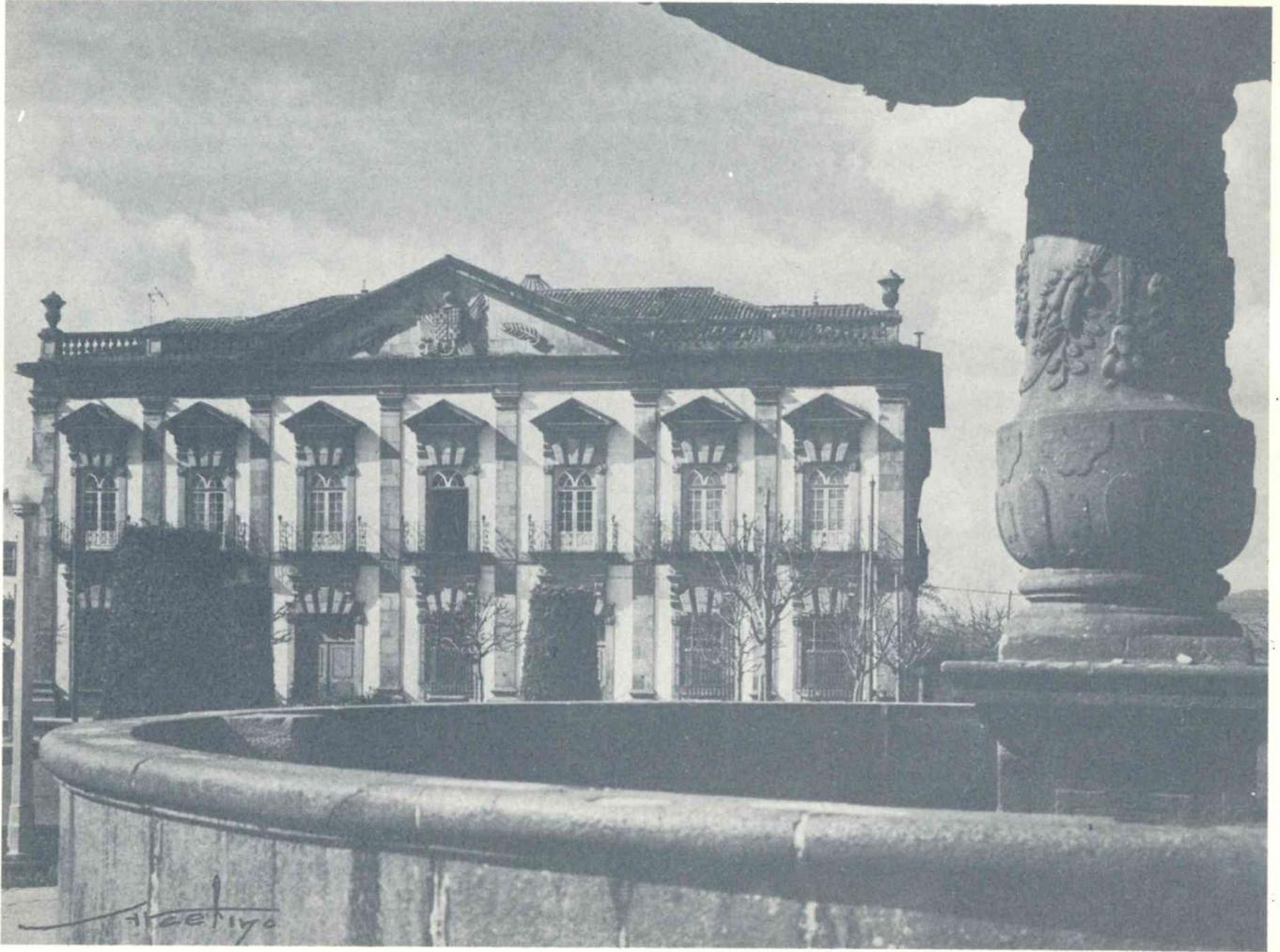
ANTIGA RESIDÊNCIA DOS VISCONDES DA TORRE, ERGUIDA JUNTO DA TORRE QUE DEFENDIA A PORTA DA AJUDA

Ao lado da torre que defendia nas muralhas da cidade a Porta da Ajuda, nas Carvalheiras, foi erguida a residência dos viscondes também da Torre, o visconde da família dos Feios Soares de Azevedo, e a viscondessa da família Espregueira, de Viana do Castelo e dos viscondes de Montedor. É um edifício de porte que tem história ligada à vida de muita gente. Dos viscondes da Torre era também o solar do mesmo nome, em Soutelo, Vila Verde, hoje pertencente à Companhia de Jesus, à qual foi legado. O último representante da família dos viscondes da Torre foi Alberto Feio da Rocha Páris, que morreu sem descendência, pelo que o título se extinguiu na sua pessoa. Como único parente deste titular é, precisamente, seu primo, o dr. Rocha Páris, possuidor da quase totalidade do arquivo da família desde o século XV. Pois o prédio dos viscondes da Torre, em Braga, tem, como dizemos, história ligada à vida de muita gente. É que nele funcionou durante cerca de 50 anos, a Escola Industrial e Comercial, estabelecimento onde ensinaram entre outros grandes mestres os arquitectos suíços Korrodi e Balmes, e os portugueses eng.º Monteverde, visconde de Fraião, rev.º António Ferreira Botelho, dr. José de Azevedo e Moura, Zeferino Couto, rev.º José Martins Barreto, D. Nuno Forjaz de Lacerda, Rebelo Barbosa, eng.º Jorge Lima, eng.º Luís Balté, dr. Paulo de Sousa e muitos mais; enfim, toda uma plêiade de figuras prestigiosas. Dos mais antigos já não se recordarão os bracarenses do presente. Mas recordam-se, de certeza, aqueles que por ali passaram e adquiriram o «Diploma» que os ajudou a triunfarem na vida e aos quais dedicamos esta «recordação», que por eles será olhada, naturalmente, com significativa saudade. Já lá vão tantos anos...



**DO SÉCULO XVIII, A «CASA CUNHA REIS»
CONSTRUÇÃO MAJESTOSA EXTRAMUROS DA CIDADE
É AINDA PERTENÇA DA MESMA FAMÍLIA**

No Campo das Hortas, que também já se chamou Praça do Conde de S. Joaquim, existe um prédio de valor artístico e brasonado. É o que apresentamos na foto. Pertence à família Cunha Reis, e é um dos mais interessantes imóveis da cidade. Foi mandado erguer pela família que continua a ser sua proprietária, nos fins do Século XVIII ou princípios do Século XIX, como se conclui da sua arquitectura, e deve ter sido naquela época a construção de maior vulto existente extramuros da velha Braga. O proprietário da Casa dos Cunha Reis é presentemente o sr. dr. Cunha Reis, que ora vive em Lisboa, ora na sua outra casa de Cabeceiras de Basto. Em Braga, mas na Casa das Goladas, em S. Vitor, vive seu irmão, coronel de engenharia.



1921/170

**ANTIGO CONVENTO DO PÓPULO,
FUNDADO PELO ARCEBISPO D. FREI AGOSTINHO DE JESUS
ONDE ESTÁ ACTUALMENTE INSTALADO O D. R. M. 8**

O convento do Pópulo foi fundado pelo Arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus. Este Prelado, nas suas visitas pastorais, deu conta da carência, na Arquidiocese, de pregadores, encontrando explicação para o facto na falta de teólogos, e isto por só existirem nas cidades de Coimbra e de Évora estudos de Teologia Dogmática, e «não poderem, por falta de meios, os filhos desta cidade, terra pobre, frequentar as respectivas Universidades». Por isso, D. Frei Agostinho de Jesus, comprou a António d'Afonseca duas moradas de casas, sitas no Campo da Vinha, com seus quintais, e nos respectivos terrenos fez erguer a igreja e o convento de Nossa Senhora do Pópulo, para os eremitas calçados de Santo Agostinho, chamados Gracianos. A primeira pedra para o convento foi lançada em 3 de Julho de 1596.

Uma vez concluído e «povoado» o convento, o Arcebispo pôs nele dois lentes de Teologia que davam lições de prima e de véspera. Já muito mais tarde, abriram também no convento do Pópulo duas cadeiras públicas uma de ler e escrever e outra de gramática. O convento passou a ser propriedade do Estado em consequência das leis publicadas após a convenção de Évora-Monte, e em 1841 nele se instalou o Regimento de Infantaria n.º 8. Para isso foi construída uma nova ala, que após a transferência da unidade para o novo quartel do Areal, ficou abandonada e caminha para a ruína! Na parte do antigo convento, funciona o D. R. M. 8. A foto apresenta-nos com toda a sua imponência o convento e a igreja do Pópulo.



**O PAÇO D. GONÇALO PEREIRA
É UMA JÓIA DE ARQUITECTURA MEDIEVA
HOJE PERTENCENTE AO ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA**

Não se sabe ao certo onde existiu o primitivo Paço Arqueiepiscopal, e quando dizemos primitivo, referimo-nos ao Paço coevo da actual Sé, construída como é sabido depois da reconquista de Braga aos árabes, quando da criação do Condado Portucalense. Das residências dos Arcebispos de Braga existentes, a mais antiga é o Paço Medieval, a que se chama de D. Gonçalo Pereira, autêntica construção com características de grande palácio e de fortaleza, presentemente ocupada pelo Arquivo Distrital.

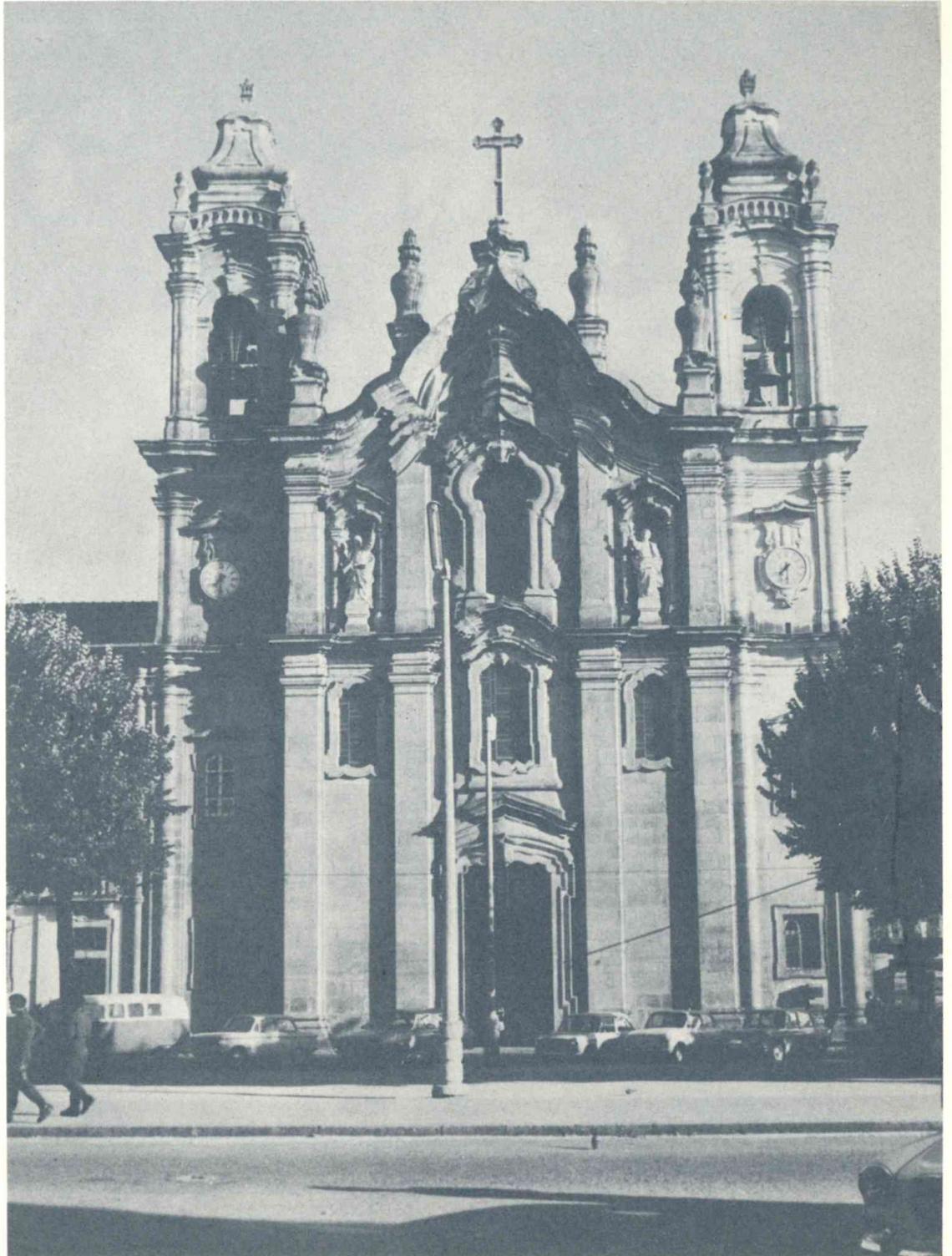
Foi mandado construir por D. Gonçalo Pereira, herói da Batalha do Salado, até onde acompanhou D. Afonso IV, e avô do condestável D. Nuno Álvares Pereira. Filho do conde D. Gonçalo Pereira e de sua primeira mulher D. Urraca Vasques Pimentel, irmã de D. Fr. Estêvão Vasques Pimentel, prior e balio de Leça, foi educado no Paço de D. Dinis, donde saiu para a Universidade de Salamanca, e ali se formou. Depois de ter sido bispo de Lisboa, foi escolhido para Arcebispo de Braga (1326-1348). Foi ele quem mandou construir o Paço medieval agora pertencente ao Arquivo Distrital, jóia de arquitectura da época e um dos grandes atractivos para os que visitam Braga. D. Gonçalo Pereira está sepultado em túmulo com estátua jacente, também preciosa jóia artística, na Capela de Nossa Senhora da Vitória, da Sé Primaz.

O Paço de D. Gonçalo Pereira esteve, durante centenas de anos, desfigurado, com as suas paredes cobertas a cal. Foi depois de 1930 restaurado e presentemente, como a foto testemunha, é o mais formoso e elegante «documento» da arquitectura bracarense da sua época. Só depois de aberta a Rua Eng.º Frederico Ulrich e de construído o Jardim de Santa Bárbara, passou a ser conhecido e admirado. Até aí, não passava duma jóia ignorada dos próprios bracarenses.



**IMPONENTE NA SUA TRAÇA,
A IGREJA DOS CONGREGADOS, DO SÉCULO XVIII,
É UMA OBRA DOS ORATORIANOS DE S. FILIPE DE NÉRI**

Aqui está a fachada da igreja dos Congregados, que se situa na Avenida Central e é um dos monumentos do século XVIII mais notáveis de Braga. Os Oratorianos de S. Filipe Néri estabeleceram «casa» nesta cidade no século anterior, nuns prédios junto da Sé e começaram muito mais tarde a construir o seu convento na ala Sul do então Campo de Santa Ana, mas esse convento nunca foi concluído. Estava pronta metade e trabalhava-se na conclusão da respectiva igreja, quando foram extintas as Ordens Religiosas. Daí as torres da igreja, terem ficado incompletas e assim permanecerem uns 120 anos, até que um benemérito bracarense promoveu a sua conclusão, aplicando nela muitos milhares de contos. No edifício do convento, durante muitas dezenas de anos, funcionou o Liceu de Sá de Miranda, mais tarde transferido para o Colégio dos Padres do Espírito Santo, onde continua, passando então o edifício dos Congregados para a Escola do Magistério Primário, que nele se mantém.



IGREJA DO PÓPULO, ONDE D. FREI AGOSTINHO DE JESUS MANDOU ERGUER UM MAUSOLÉU PARA SUA SEPULTURA

O Arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus, pretendeu construir na Sé uma capela para sua sepultura, mas o Cabido não aprovou a ideia. Então o Prelado decidiu fundar um convento para a Ordem a que pertencia, e escolheu para esse fim a parte Poente do Campo da Vinha. A primeira pedra para esse convento foi lançada no dia 3 de Julho de 1596, tendo sido a respectiva igreja dedicada a Nossa Senhora do Pópulo, e ali, do lado do Evangelho, em mausoléu elevado do pavimento da igreja, sob um arco metido na parede, se encontra a sepultura do Arcebispo fundador, assente sobre três leões e encimado pelas armas dos Castros, família a que D. Agostinho pertencia. Mais tarde, no lado da Epístola, foi construído outro mausoléu igual, também assente sobre três leões, e nele se encontra a urna com o corpo incorrupto do Arcebispo D. Frei Aleixo de Meneses, igualmente pertencente à Ordem dos Agostinhos. O actual frontispício do templo, apresentado na foto, não é primitivo. O antigo estava mais recuado e era completamente liso, sem remate algum. A torre da igreja, era a que se encontra à rectaguarda. Dela foram retirados os sinos para as torres da nova e grandiosa fachada. No convento chegou a ser ministrado ensino público, com aulas de línguas portuguesa e latina, gramática, teologia dogmática e sintética. Expulsos os frades em consequência do Decreto de 27 de Março de 1834, o convento foi em 1841 ocupado pelo Regimento de Infantaria 8 e continua a pertencer ao Ministério do Exército.



O PALÁCIO DOS BISCAÍNHOS

Pela sua configuração, com as suas frestas e ameias, o Palácio dos Biscainhos, de estilo barroco, pode ser considerado espécime único em Portugal. Nele está a Junta Distrital de Braga, que o adquiriu por compra, a promover grandes obras de restauro, quer na parte exterior, que remonta ao século XVII, quer no interior, cuja traça primitiva se perde nos tempos, a fim de ali ser instalado o Museu da cidade. O seu último proprietário, até 1962, data em que se verificou a sua morte, foi o dr. Gaspar José Domingos Xavier Lobo Machado do Amaral Cardoso de Menezes, 2.º visconde do Paço de Nespereira, que o herdou de sua mãe, Dona Maria da Conceição Pereira da Silva de Sousa Menezes, filha dos 2.ºs Condes de Bertiandos.

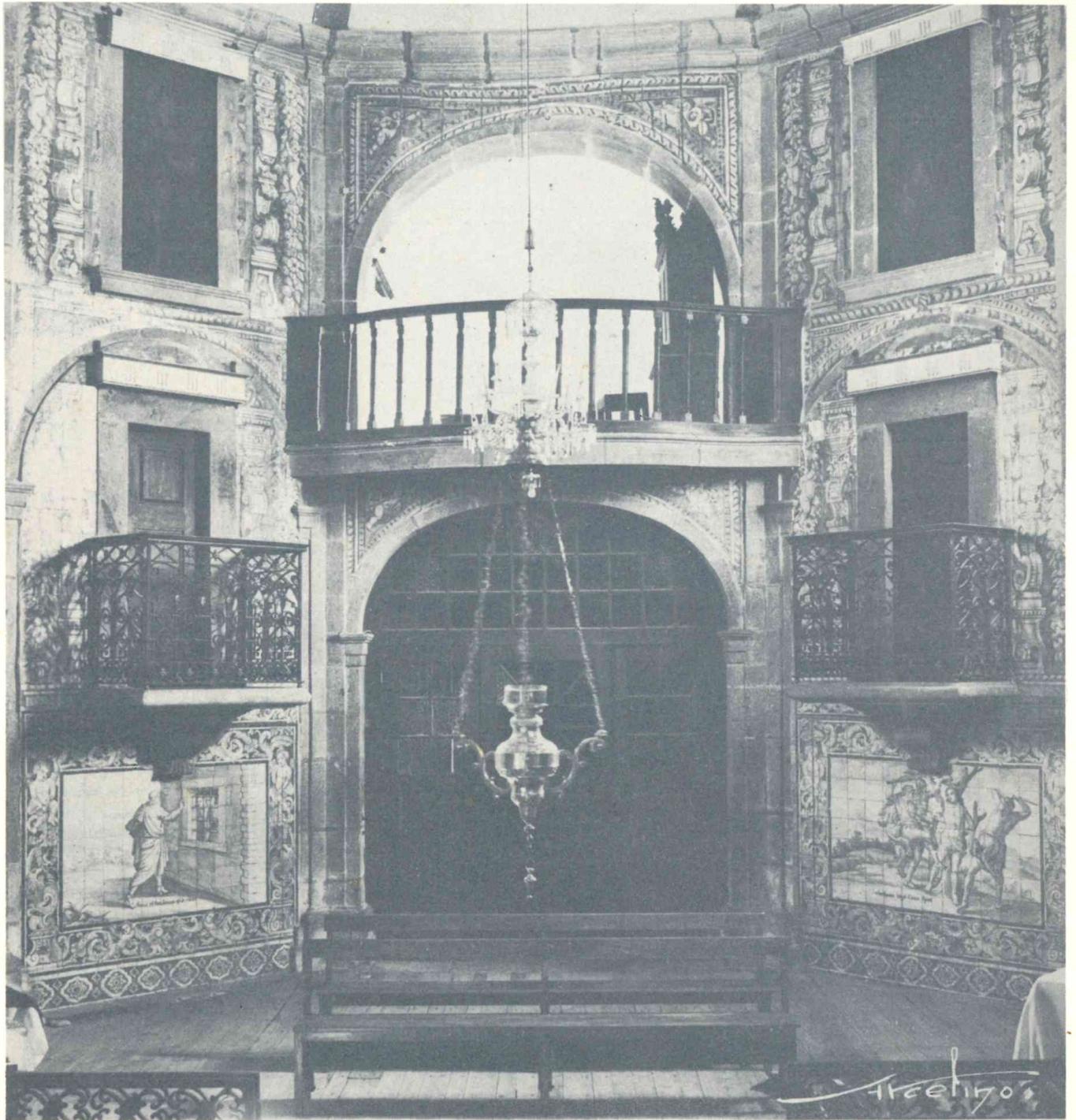


Expressivo aspecto do Palácio dos Biscaínhos, a adaptar a Museu da cidade

Um encantador pormenor do mesmo Palácio, a sua parte interior, e um recanto dos seus formosos jardins

**INTERIOR DA CAPELA DE S. SEBASTIÃO DAS CARVALHEIRAS,
ONDE SE PODEM ADMIRAR VALIOSOS AZULEJOS
QUE «DIZEM» DA VIDA DO GLORIOSO MÁRTIR**

A capela de S. Sebastião das Carvalheiras não é, como já tivemos oportunidade de revelar, a primitiva. Essa encontrava-se em estado de ruína quando assumiu o governo da Arquidiocese o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, o Prelado insigne que dotou Braga com a maravilha do Bom Jesus do Monte. Pois D. Rodrigo de Moura Teles mandou edificar nova capela em honra do Santo Mártir, defronte do postigo existente nas muralhas que já tinha o seu nome. A primeira capela ou ermida, crê-se que foi construída no reinado de D. João III. A reedificação verificou-se no ano de 1717. Era costume e devoção fazer-se um rolo de cera do comprimento dos muros da cidade—1527 varas, nessa altura—do qual se tirava depois a porção necessária para ir ardendo nas missas celebradas na capela. Findo um rolo, era oferecido outro, logo benzido pelos Arcebispos. A capela de S. Sebastião do Campo das Carvalheiras, de formato octogonal, possui artísticos e valiosos azulejos que relatam a vida do soldado romano convertido à fé cristã e por isso martirizado, acabando por ser morto à paulada. No dia 20 de Janeiro de cada ano realizam-se na referida capela, de que a foto dá um aspecto, imponentes solenidades. Presentemente a capelinha apresenta-se impecável, mercê da dedicação da Confraria e dos devotos que por ela zelam.



Tracery

A IGREJA DO CARMO DE ESTILO ÚNICO NA CIDADE DE BRAGA COM A SUA TORRE SINEIRA A DESAFIAR AS ALTURAS

Deve-se a fundação do Convento do Carmo a Frei José do Espírito Santo. A construção começou em 1653, com o pecúlio que em esmolas o referido Frei José do Espírito Santo conseguiu reunir. O convento, como é natural, tinha a sua igreja própria, templo de vastas proporções em forma de cruz e com quatro altares colaterais recolhidos em arcos e de comunicação entre si. A igreja tem apenas um púlpito mas este muito notável e singular pois a escada que lhe dá acesso é de mármore e suspensa. Ao lado do altar-mor, no cruzeiro, há dois altares vasados. O templo é dedicado a Nossa Senhora do Carmo e o convento, até à extinção das Congregações Religiosas foi ocupado pelos Carmelitas Descalços. O interior da igreja conserva-se com a traça primitiva. Porém, a sua fachada foi também pela generosidade dos devotos, transformada e, de simples que era, até em desacordo com a grandiosidade interior, foi substituída por fachada nova e imponente, em cantaria, sendo numa cidade onde existem igrejas em grande número, única no seu estilo. No alto da torre sineira, que se ergue esbelta no centro, foi colocada uma imagem de Nossa Senhora do Carmo que, de noite, iluminada, se avista de muito longe. A foto apresenta-nos a fachada actual da Igreja do Carmo.



**ENQUADRADA NOS CLAUSTROS DO ANTIGO
CONVENTO DOS ORATORIANOS VÊ-SE UMA ELEGANTE FONTE
COM TAÇA TAMBÉM CHEIA DE LEVEZA**

Não se pode pôr em dúvida que Braga é uma cidade com muitos valores artísticos. E nesses valores se enquadram os claustros dos seus antigos conventos. O que hoje tornamos conhecido através da foto, é o do antigo convento dos Oratorianos de S. Filipe Nery, a que também pertencia o templo igualmente monumental hoje conhecido por igreja dos Congregados. Quantos milhares de pessoas recordarão com saudade este claustro? É que o antigo convento foi durante muitas dezenas de anos o Liceu Nacional de Sá de Miranda e é presentemente — depois de consideráveis remodelações — a Escola do Magistério Primário de Braga. Por aí se pode avaliar quantos por este formoso claustro, com sua elegante fonte de graciosa taça, festejaram os seus triunfos ou carpiram as suas mágoas. Dos grandes valores que por ele passaram queremos recordar, por ser dos que permanecem neste mundo, o insigne mestre prof. dr. Elísio de Moura, bracarense ilustre que no Liceu de Sá de Miranda, a curta distância da casa onde nasceu e residiu, fez os preparatórios para a Universidade e de Braga partiu para Coimbra, onde se formou e doutorou e onde foi catedrático de renome com projecção mundial, admirado por Charcot e Labinsky, e onde promoveu a criação dos estudos da psiquiatria. O claustro do antigo Liceu, hoje Escola do Magistério, possuía de facto beleza que nos edificios modernos foi esquecida...



**O ANTIGO CONVENTO DE S. PAULO
POSSUI UM CLAUSTRO QUE PODE SER INTEGRADO
NOS VALORES ARTÍSTICOS DA CIDADE**

De facto, existem em Braga muitos valores artísticos que são desconhecidos dos próprios bracarenses, embora por eles tenham passado muitas dezenas de milhar de pessoas. É o que acontece com o claustro do antigo convento de S. Paulo, depois Seminário, depois Quartel e agora novamente Seminário. Quantas dezenas de milhar de homens e mulheres, estudantes do Colégio Universitário de S. Paulo, freiras, seminaristas, militares de Infantaria 28, de Caçadores 9 e Infantaria 8, por ele passaram, nele entoaram salmos ou assentaram as coronhas das espingardas? O Colégio de S. Paulo passou a convento de freiras, mas em 1882, D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa, Arcebispo Primaz, instalou nele o Seminário Conciliar que existia desde D. Frei Bartolomeu dos Mártires no Campo da Vinha. Extinto o Seminário, o edifício passou a ser ocupado em 1911 pelo Regimento de Infantaria 29, que foi extinto em 1927. Então e após a revolta de 3 de Fevereiro desse ano no Porto, as instalações foram atribuídas ao Batalhão de Caçadores 9. Transferido este para Viana do Castelo, o edifício, usufruído durante algum tempo pelo Regimento de Infantaria 8, voltou depois à posse da Arquidiocese, e ali funciona o Seminário Conciliar de Filosofia. O Prelado e o seu actual Reitor, cónego sr. dr. Luciano Afonso dos Santos, têm realizado ali obras de grande vulto. Na parte que foi ajardinada do claustro, escavações permitiram encontrar mosaicos e moedas da época romana, capitéis e outras pedras, tudo levando a crer que no local existiu imponente palácio destruído pelos árabes quando invadiram a península.



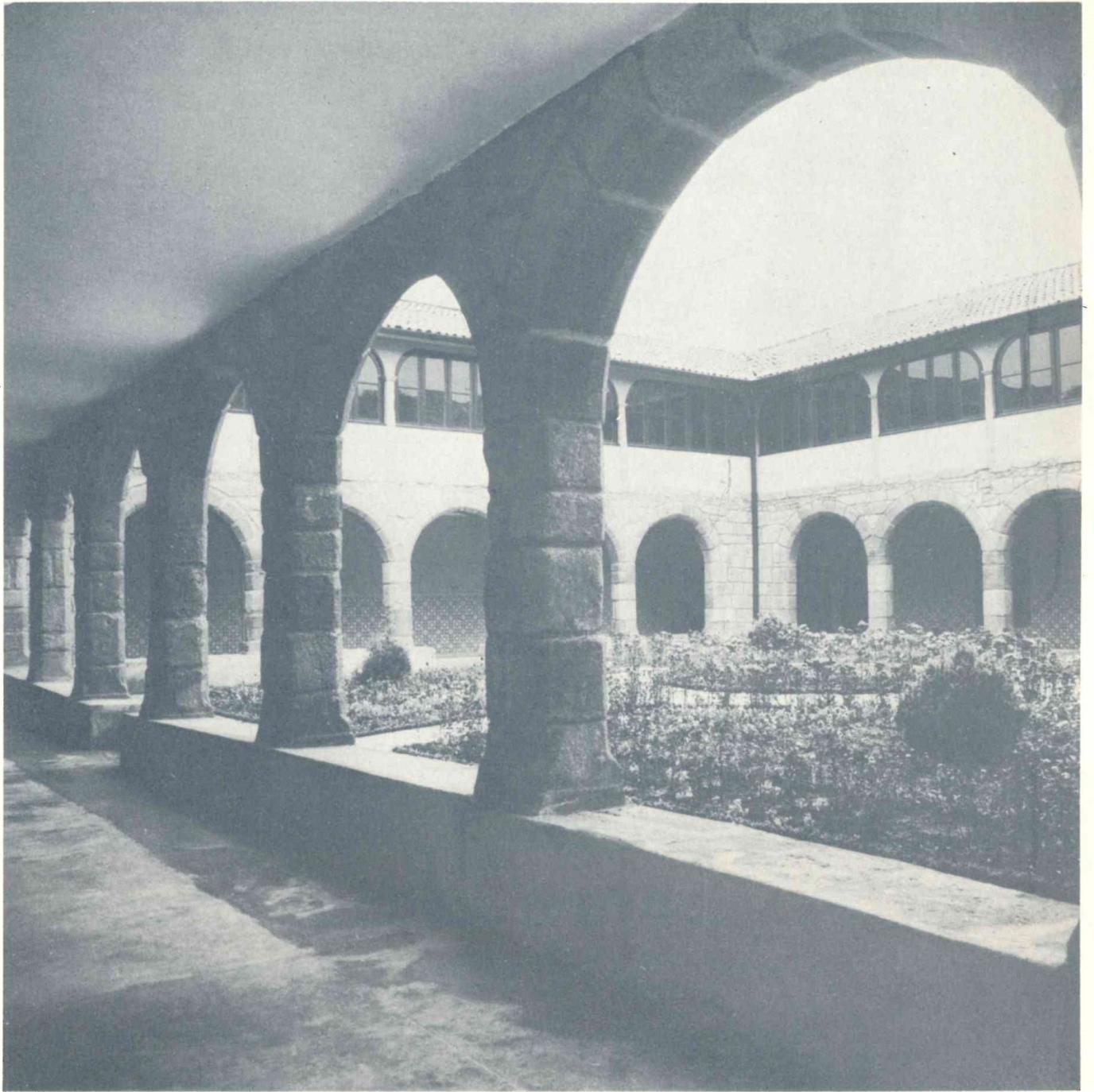
**O HOSPITAL DE S. MARCOS TAMBÉM PODE ORGULHAR-SE
DO SEU CLAUSTRO QUE ESTA FOTO DOCUMENTA**

Aqui está mais um dos formosos claustros existentes na cidade de Braga. Todos os dias passam por ele centenas de pessoas e isso significa que no decorrer do ano este claustro é percorrido por algumas dezenas de milhar de bracarenses, pois são em regra bracarenses os que por ele transitam. Pois isso não impede que muita gente, inclusive a esmagadora maioria dos que por ele passam, ignore a sua existência, pelo menos nos pormenores arquitectónico e artístico e até na beleza que o seu conjunto oferece! Não se trata como pode supor-se de algum antigo convento. Trata-se sim, do claustro do Hospital de S. Marcos, do Hospital da Misericórdia que tomou aspecto legal mercê da tenacidade de D. Diogo de Sousa, e que mais tarde teve a fachada e a igreja, verdadeiros mimos artísticos, erguidos sob desenho de Carlos Amarante, que certamente também foi o autor do claustro que a foto apresenta, curioso na assimetria dos seus arcos e elegante com o seu pequeno lago central abastecido com água das Sete Fontes, «oferecida» a Braga por outro grande Prelado, D. Gaspar de Bragança.



**O CONVENTO DA CONCEIÇÃO, EM BRAGA,
O PRIMEIRO DE PORTUGAL COM ESTA INVOCÇÃO,
É ENRIQUECIDO PELO SEU FORMOSO CLAUSTRO**

O convento da Conceição começou a ser construído em 1625. Foi fundado pelos sacerdotes dr. Geraldo Gomes, cónego da Sé Primaz e por seu irmão dr. Francisco Gomes, «pároco fora de Braga», ambos pessoas de muita piedade e dedicados à prática do bem. Ficou concluído em 1629 e foi o primeiro convento de Religiosas da Conceição existente em Portugal. Mal ficou pronto — ocupando terras e prédios oferecidos pelos dois irmãos — nele entraram 24 religiosas descalças do Mosteiro da Conceição de Toledo. Os dois irmãos foram sepultados em 1644 e 1648 aos lados do altar-mor da igreja do convento. Muito mais tarde — decorridos mais de dois séculos — por iniciativa do sacerdote insigne que foi mons. Airosa, o convento da Conceição foi modernizado e transformado em recolhimento de raparigas vítimas de desilusões. Passou a chamar-se, então, Colégio da Regeneração. Isso sucedeu há cem anos, pois o Colégio comemorou após alguns dias o seu 1.º centenário, facto que foi assinalado com várias solenidades e, também, em homenagem ao seu fundador, com o termo, oficialmente, do título que possui, pois passou a chamar-se Instituto Monsenhor Airosa. No Colégio existem oficinas onde são executados primorosamente pelas internadas, trabalhos de tecelagem, de costura, de bordados, etc. A foto apresenta-nos o claustro do antigo Convento da Conceição.

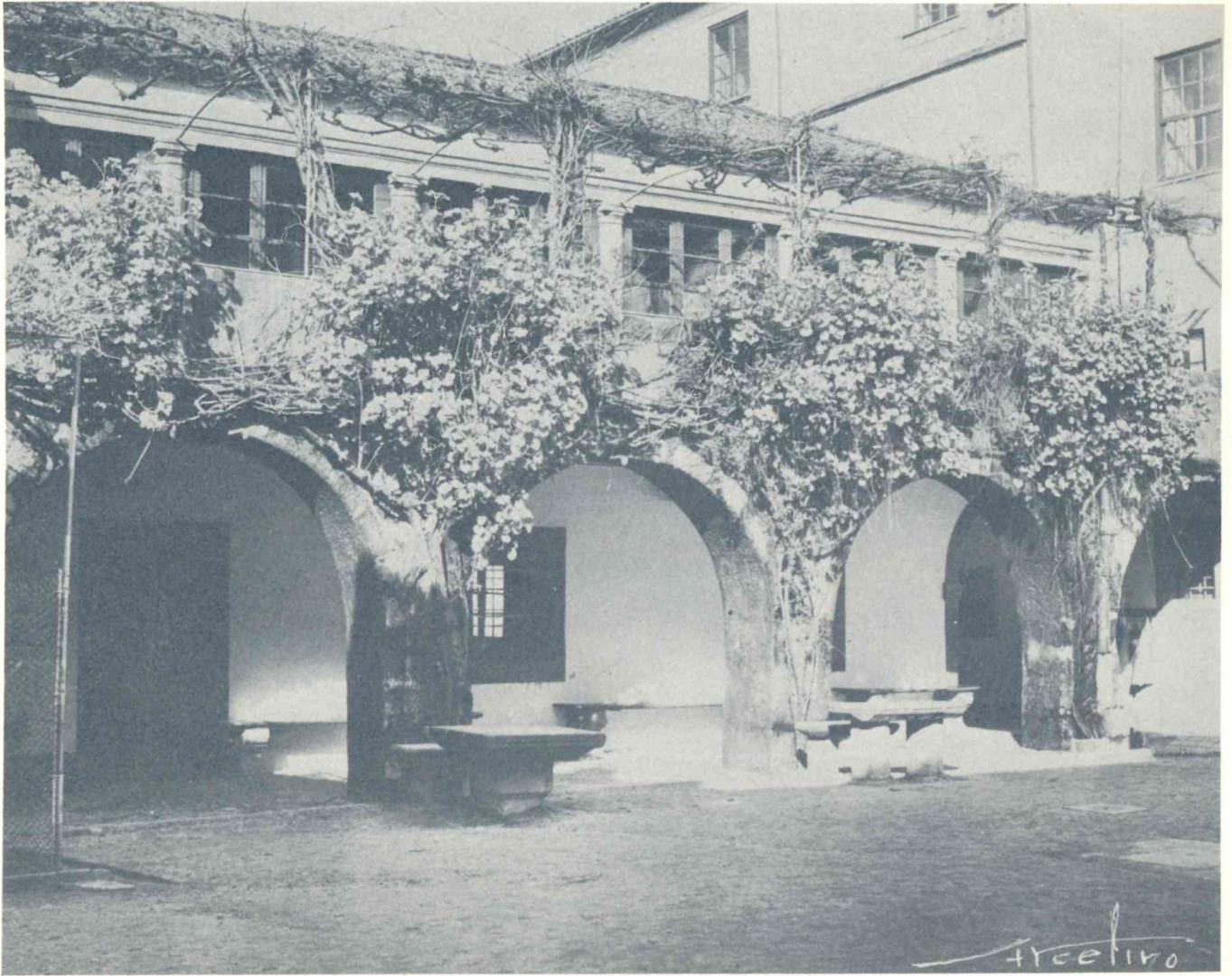


**DISTINGUE-SE PELA SUA SIMPLICIDADE E GRAÇA
O CLAUSTRO DO CONVENTO DO CARMO**

Quem se recorda do Convento do Carmo que depois foi Hospital Militar tendo sido mais tarde, grande parte dos seus terrenos aproveitados para a edificação do Colégio Dublin?

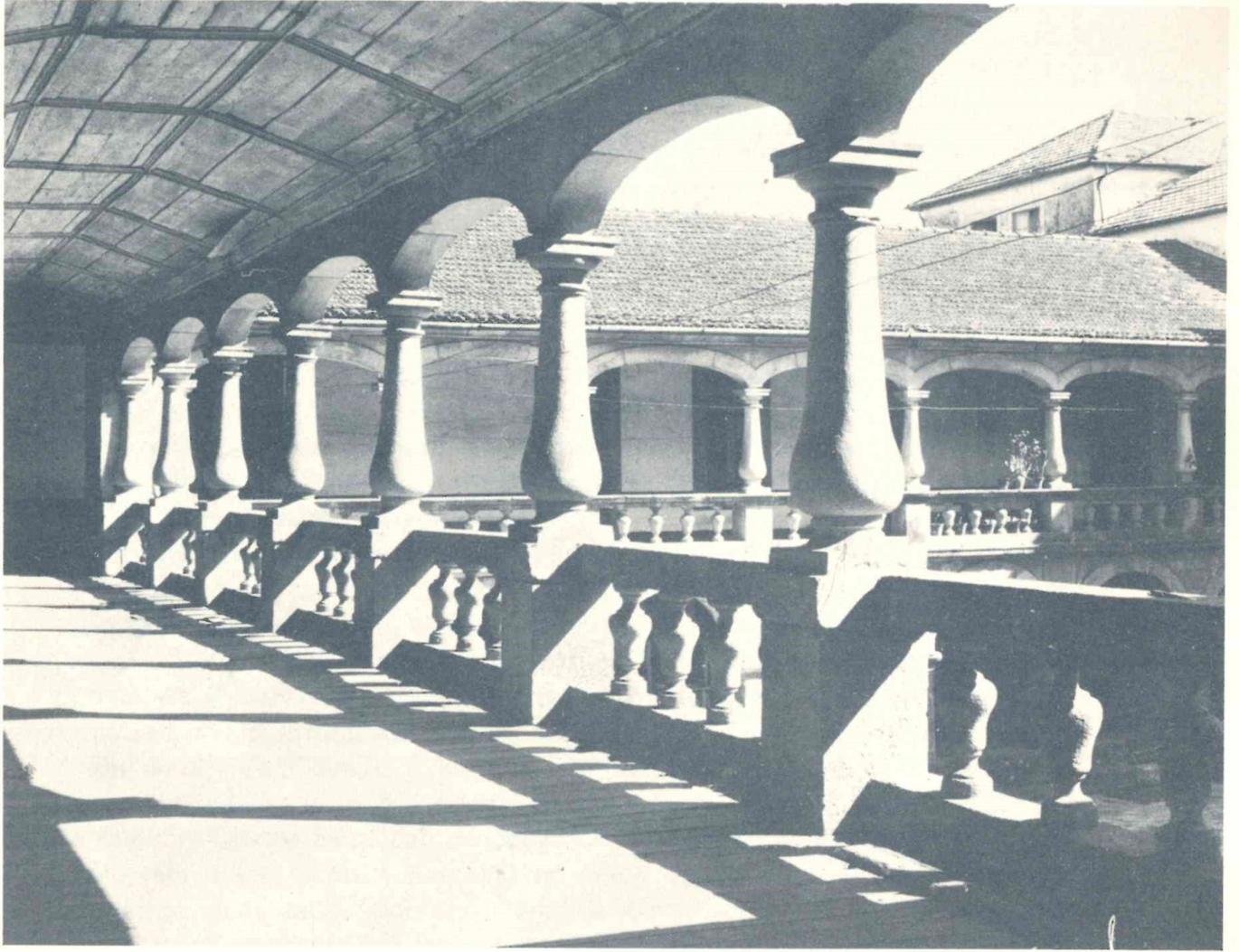
É do Convento do Carmo o claustro simples mas gracioso que aqui está patente. A Igreja possui um rico santuário de relíquias, que fica na capela onde se encontra o Santíssimo Sacramento.

O fundador do convento, que era natural de Braga, faleceu em Madrid em 1674 na Casa-Mãe da Ordem, e ali se encontra sepultado.



**NO CONVENTO DO SALVADOR, HOJE INTEGRADO
NO PENSIONATO CONDE DE AGROLONGO,
PODE ADMIRAR-SE ESTE MAGNÍFICO CLAUSTRO**

D. Frei Agostinho de Jesus, tendo conhecimento das condições em que viviam as freiras do convento de Vitorino das Donas, Ponte de Lima, exposto como outros situados em lugares ermos «à presa e roubo dos homens maus, e ainda a outras maldades e insultos», deliberou transferi-las para Braga, e para isso mandou edificar no Campo da Vinha, o Convento do Salvador. As obras duraram oito anos. Porém, uma vez concluídas, as freiras mais novas em idade e modernas em religião, informaram o Arcebispo de que não vinham para Braga «sob pena de despirem o hábito de S. Bento». Mas D. Frei Agostinho de Jesus, não desistiu. Partiu de Braga com grande acompanhamento para trazer as freiras, e desse acompanhamento faziam parte um desembargador do Porto e outras justiças, a quem el-rei encarregou de darem cumprimento ao que o Arcebispo lhes ordenasse. Mas as freiras resistiram. Foi necessário destruir a machado a porta principal do convento e depois outra, interior. Por último, as monjas recolheram ao coro e aí se conservaram em desobediência durante três dias, findos os quais a falta de subsistência as decidiu à rendição. Chegadas a Braga, viram-se tão bem instaladas que se arrependeram da sua rebeldia e foram perdoadas, com excepção de duas, que D. Frei Agostinho transferiu para conventos mais distantes. O Convento do Salvador está presentemente integrado no Asilo Conde de Agrolongo.



Os chafarizes de Braga

Documentário artístico e recordação de uma época de abundância

Situada numa zona de grande pluviosidade, Braga sempre beneficiou da circunstância para não sofrer as inclemências da falta de água. Um número muito elevado das casas de porte possuía abastecimento próprio através de poços. Também isso acontecia com outras habitações de fisionomia menos importante. Mas, para além dos poços de propriedade privada existiram, durante séculos, fontenários públicos abastecidos por nascentes próximas mais que suficientes para que a cidade, em qualquer época do ano, tivesse sempre água em abundância.

Quando, nos princípios do século XVI, D. Diogo de Sousa tomou conta do Arcebispado de Braga, a cidade de que era donatário encontrava-se muito arruinada. O prelado conseguiu, em pouco tempo, dar-lhe vida nova, reedificando e abrindo ruas, a principal das quais cortava a cidade desde a porta que depois se chamou Nova até à porta do Souto, e também não se esqueceu do abastecimento de água. Na própria rua que hoje tem o seu nome via-se, até há umas quatro dezenas de anos, uma fonte de duas bicas por ele mandada acrescentar às que já existiam, fonte que era encimada pelo seu brasão. Mas foi crescendo a cidade arcebispal, e a tal ponto que a abundância de água começou a desaparecer e surgiram as dificuldades. Certo que D. Diogo de Moura Teles tinha dotado a cidade com o formoso chafariz da Galeria, erguido no Largo do Paço, jóia artística que é a reconstituição do brasão heráldico do grande prelado que «fez» o Bom Jesus do Monte e realizou por toda a Arquidiocese obras de grande vulto. Mas o aumento da população continuava a tornar patente a insuficiência. Até que D. José de Bragança,

irmão de el-rei D. João V, nomeado Arcebispo de Braga, onde chegou no dia 23 de Julho de 1741, logo no ano seguinte começou a transformar Braga na cidade melhor abastecida de água de todo o País.

No lugar das Sete Fontes, situado a nordeste da cidade e assim chamado por ali existir um lençol de água que alimentava várias nascentes, mandou o Arcebispo proceder a pesquisas e, provada a abundância do caudal, ordenou, talvez influenciado pelo que fizera seu irmão em Lisboa, que fossem construídas câmaras e que a água fosse canalizada para Braga, tanto para instituições, o que se verificou com conventos e recolhimentos, como para particulares. Ainda hoje existe a canalização executada nessa época, como existem igrejas e casas particulares que recebem água das Sete Fontes. Foi então que, por toda a cidade, apareceram numerosos chafarizes e fontes, alguns daqueles de grande valor artístico. Podê afirmar-se que água passou a cantar por todos os recantos da velha urbe arcebispal e a constituir ornamento das suas praças principais. O brasão de D. José de Bragança, que ainda hoje se vê nas câmaras de captação das Sete Fontes e dominou o fontenário existente durante cerca de cento e cinquenta anos em Infias, e que era, dentro de Braga, o primeiro abastecido com água vinda daquele manancial, fontenário dali transferido quando foi aberta a Rua de Infantaria 8, continua a testemunhar a obra extraordinariamente notável levada a efeito pelo prelado em tão importante pormenor. Mas também esse abastecimento veio a revelar-se insuficiente. A população continuou a subir e o consumo aumentou a ponto de, nos primeiros anos do século corrente, as Câmaras Municipais terem sido obrigadas a pensar a sério em recorrer ao rio Cávado. Análises feitas à água das Sete Fontes vieram revelar que, devido a infiltrações, a sua pureza não era absoluta. Então, sem que tivesse sido totalmente banida a água das Sete Fontes e também porque se procurava possibilitar o abastecimento ao domicílio, presentemente obrigatório, a água para o abastecimento passou a ser captada no rio Cávado, elevada para um depósito construído no ponto mais alto da cidade e distribuída por emaranhada rede de canalização. Na verdade, o sistema voltou a tornar Braga uma das cidades melhor abastecidas do País, mas isso foi apenas durante uns trinta anos.

AS MESMAS CAUSAS PRODUZEM OS MESMOS EFEITOS...

A população continuava a crescer e, uma vez construída a rede de esgotos e saneamento, o consumo de água aumentou de maneira impressionante. E a tal ponto que, presentemente, reconhecida a insuficiência para as necessidades do depósito de Guadalupe e a falta de capacidade, em relação ao consumo, tanto da estação elevatória instalada na margem esquerda do rio Cávado, na Ponte do Bico, como da rede de distribuição, Braga aparece como cidade do País onde o abastecimento de água, durante o período estival, se tornou precário. Muito menos do que a abundância provida por D. José de Bragança durou a que veio pôr de parte a água das Sete Fontes... A solução indispensável está já estudada e crê-se que, em breve, terão início grandes obras tendentes a resolver o mais grave problema de Braga do presente e do futuro. O que há a fazer representa um investimento da ordem dos quarenta mil contos, mas a necessidade não permite exaltações. Também ninguém pensa nelas. Entretanto, os chafarizes de Braga continuam a ser testemunho eloquente de uma época de abundância e, ainda, para além disso, afirmação de beleza artística com projecção valiosa no património monumental da cidade.

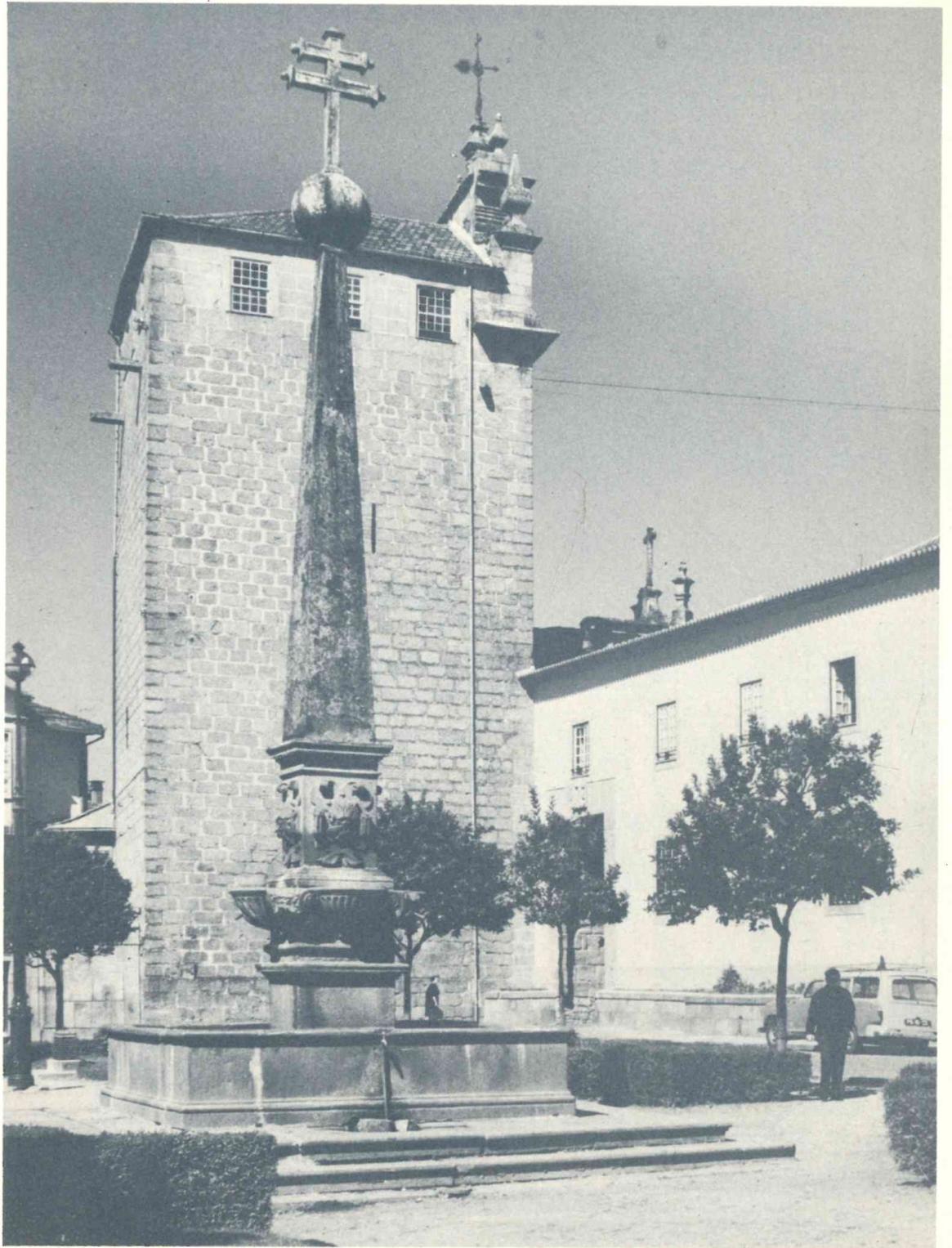
**CHAFARIZ DA GALERIA
A ENRIQUECER O LARGO DO PAÇO**

Voltada ao Largo do Paço, a fachada do edifício da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital é enriquecida pelo «Chafariz da Galeria» reconstituição do brasão heráldico do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles.



**FRENTE AO SEMINÁRIO DE S. TIAGO
ERGUE-SE MAGNÍFICO CHAFARIZ**

O Chafariz do Campo de S. Tiago, junto da Torre que guardava a porta do mesmo nome, aberta nas muralhas da cidade.



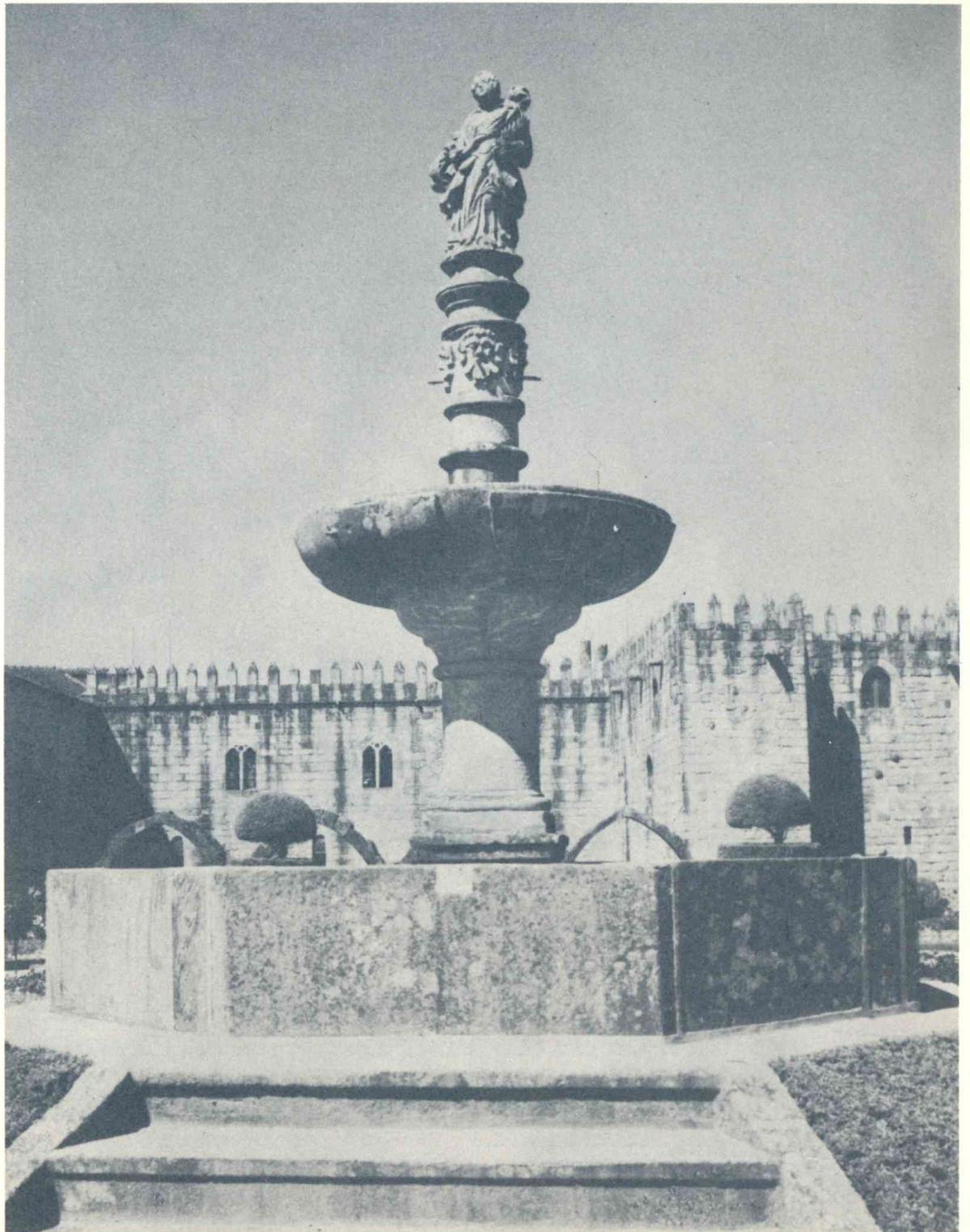
**ENQUADRADO NO AMBIENTE SOBE ÀS ALTURAS
O CHAFARIZ FRENTE AO HOSPITAL DE BRAGA**

Chafariz do Largo Eng.º Carlos Amarante, fronteiro à fachada principal do Hospital de S. Marcos.



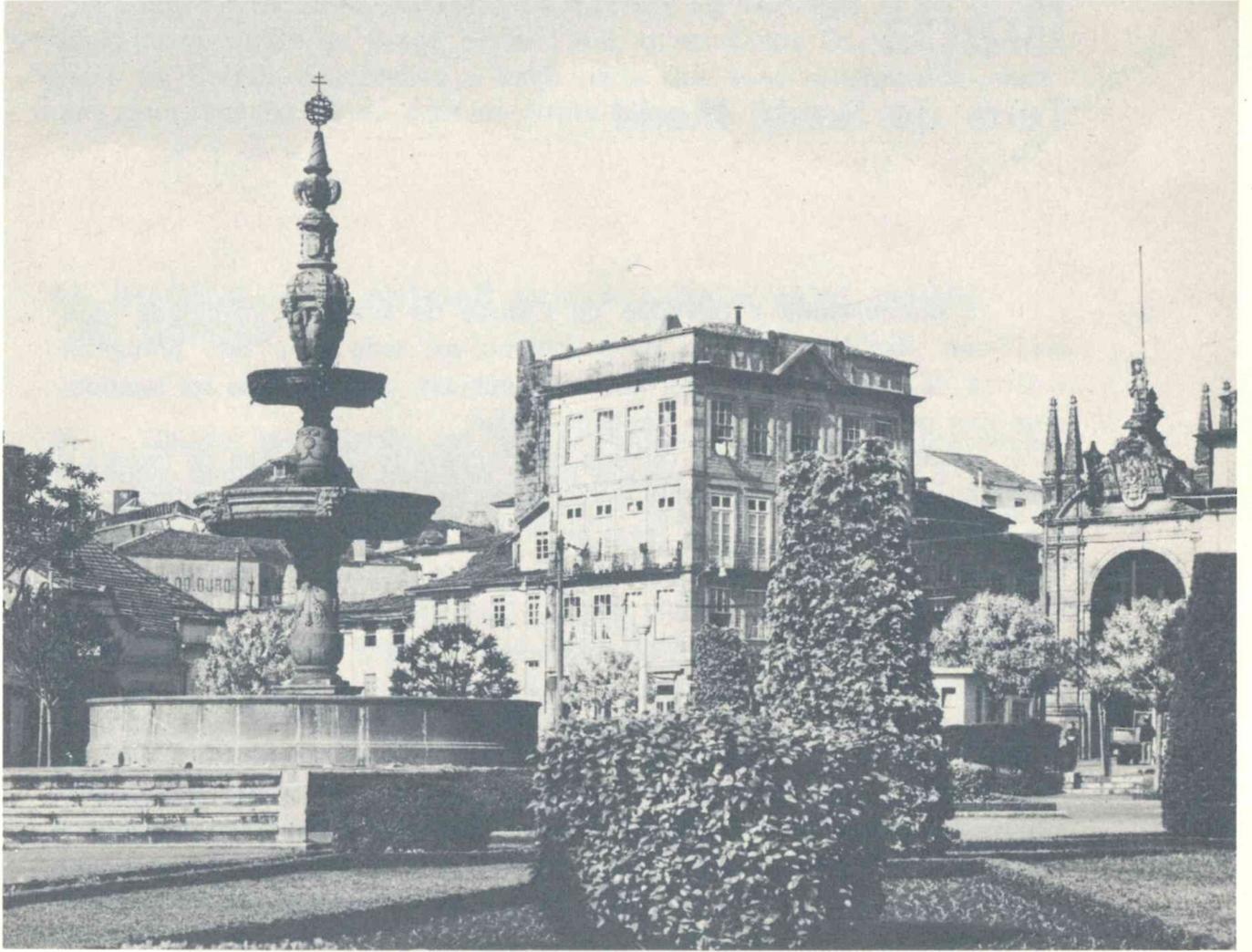
**A ENRIQUECER O MARAVILHOÇO JARDIM DE SANTA BÁRBARA
PODE ADMIRAR-SE O CHAFARIZ QUE LHE DEU O NOME**

No jardim do mesmo nome, o Chafariz de Santa Bárbara, projecta-se sobre o Paço Medieval do Arcebispo D. Gonçalo Pereira, avô do Condestável D. Nuno Álvares Pereira.



**CHAFARIZ DO CAMPO DAS HORTAS
MARAVILHOSA OBRA DE ARTE**

Com as suas duas Taças, o Chafariz do Campo das Hortas é, no seu conjunto, uma notável peça de arte.



Braga

Terra de Santa Maria

É antiquíssima a devoção da Cidade de Braga à Imaculada Mãe de Deus. Bracara Augusta deve mesmo ter sido uma das primeiras cidades da Espanha a prestar-lhe culto público, uma vez que foi também uma das primeiras a serem evangelizadas.

Já no ano 657, sob o reinado de Recesvinto, 20 bispos da Espanha visigoda e entre eles S. Frutuoso, metropolitano de Braga, decretaram no X Concílio de Toledo, que a festa de Nossa Senhora devia ser celebrada em todas as dioceses no dia 18 de Dezembro. Braga, Metrópole da Província da Galiza, e governada por S. Frutuoso, não podia deixar de a celebrar também, talvez até com maior brilho e devoção, do que em outra qualquer parte.

Nos tempos da Reconquista, os seus repovoadores continuaram a manter nesta cidade, que ia ressurgindo das suas ruínas, causadas pelos muçulmanos, a chama da mesma devoção à Virgem. Assim, em 1025, os seus descendentes declaravam que todos eles pertenciam à «família de Santa Maria Bracarense». E ainda muito antes de se levantar a actual Catedral, já havia dentro dos seus muros uma igreja dedicada à Mãe de Deus, como consta do velho documento. Em 1065, sob o reinado de Garcia, rei da Galiza, os bispos Vitrário de Lugo e Crescónio de Iria, começaram a construir a nova Catedral em honra da Santíssima Virgem Maria. «Santa Maria de Braga» assim chamaram então à veneranda imagem que presidia aos actos litúrgicos. O povo, os príncipes e os Arcebispos eram-lhe devotíssimos e legaram-lhe os próprios bens. E todos lhe chamavam «Bem-aventurada Mãe de Deus» e «Santa Maria sempre Virgem».

Em 12 de Abril de 1112, os Condes D. Henrique e D. Teresa doam-lhe o Couto de Braga e em 1165, o Arcebispo D. João Peculiar, deixa ao Cabido Bracarense a terça parte dos seus rendimentos «para que sirva dignamente ao altar de Santa Maria de Braga».

AS IMAGENS MAIS ANTIGAS QUE A CIDADE HOJE VENERA SÃO GÓTICAS

Deviam ter existido em Braga imagens românicas de inspiração bizantina, sentadas em pequeno trono e com o menino sobre o joelho, que desapareceram pela fragilidade dos seus materiais e pela incúria dos homens. As mais antigas que a cidade hoje venera são góticas e não antecedem o século XIV. Todavia a cidade ainda se pode orgulhar de possuir uma das mais belas e artísticas de toda a escultura mariana: Santa Maria da Sé de Braga, exposta à veneração dos fiéis na capela-mor. De macio calcáreo, a Senhora, (diz o Cónego Aguiar Barreiros no seu livro *Nossa Senhora nas suas imagens e no seu culto*, pág. 15), que ostenta por cima do véu uma coroa aberta, enverga túnica de rico estofa, realçada de gemas, a qual, levemente arredondada no colo e cingida na cinta por estreita faixa apertada em laço, desce naturalmente em pregas não muito espaçadas e angulosas, a contornear o calçado em ponta. Dos ombros pende-lhe manto bordado a ouro e pedrarias suspenso no antebraço direito, deixando livre a mão que segura um lírio e apanhado graciosamente no braço esquerdo, que sustenta o Menino. Neste, aconchegado meio corpo, numa tela preciosa semeada de flores, tem cativa, pelas asas, uma pombinha, e volta-se para a Mãe, colocando-lhe sobre o peito um diadema em forma de coroa». — O olhar da Virgem num rosto de beleza peregrina, em que transparece singular ternura maternal com um leve sorriso contristado, cruza-se com o de seu divino Menino, como que a entecerder confiante e misericordiosa, pelos seus filhos pecadores.

O escultor, talvez inspirado nos modelos franceses do século XIII e XIV, hoje desconhecido, devia possuir uma sensibilidade finíssima para poder esculpir tão maravilhosa imagem. A seus pés ajoelharam reis e príncipes, santos e heróis, os Arcebispos de Braga e o povo fiel, a implorar a intercessão da Mãe de Deus.

A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO LEITE

Uma outra que nos merece as honras desta reportagem é a de Nossa Senhora do Leite, exposta na testeira exterior da mesma Capela-Mor. É de pedra de Ançã, do primeiro quartel do século XVI, de estilo Renascentista, talvez obra de mestre francês a trabalhar em Coimbra, no dizer de Reinaldo dos Santos.

Está sobrepujada por um docel filigranado, da mesma pedra e assenta numa mísula, que ostenta as armas de D. Diogo de Sousa. Ladeiam-na os escudos de D. Manuel e de D. Diogo de Sousa, que mandara construir a mesma Capela-Mor, obra de João de Castilho, terminada em 1509. «É maravilhosa de graça e simplicidade, (diz a doutora D. Helena de Matos no «Estudo sobre a Sé de Braga, p. 40) esta Virgem tão terrena e humana, em cujo rosto se espalha uma doçura evangélica».

Do século XV é uma outra imagem de calcáreo que hoje se guarda numa das salas da Biblioteca Pública de Braga e que outrora se encontrava na Biblioteca do Cabido Bracarense.

Nesta, envergando coloridas roupagens, um pouco ajoujada sob o peso agradável de seu divino Infante, que lhe coloca meigamente o braço direito sobre o peito maternal embora não tenha a beleza e a majestade dos anteriores, tem pelo menos, a doçura terna da Imaculada e a calma e a graça da Virgem pura. O seu olhar não se cruza com o menino, mas antes o volve docemente, com o dele para os fiéis que dela imploram a Misericórdia e o auxílio.

UMA DEVOÇÃO GENERALIZADA

Não havia em Braga monumento algum, em casa solarenga que não ostentasse a imagem da Senhora. Era assim a devoção do povo e da nobreza. No Palácio dos Arcebispos, na sua sala medieval, lá estava também a sua imagem a presidir. Nesta, também em pedra, talhada ao gosto francês, aparece coroada de Rainha, não fora ela a Rainha dos Céus e Mãe Imaculada do Rei Supremo, segurando bem alto o divino Filho, Príncipe imortal dos séculos. Na mão direita ostenta um lírio, símbolo da Virgindade. Contempla estática, em arroubo místico seu divino Menino, para quem olha com ternura inefável, que só as mães compreendem. O Jesus, num encanto de Menino, segura na mão esquerda o livro dos Evangelhos e abençoa graciosamente com a direita.

E, para terminar, vá mais esta que se levanta sobre o Arco da Porta Nova, em gracioso nicho, mandado reconstruir no século XVIII por El-Rei D. José e onde nascem flores, que a natureza ali faz crescer e desabrochar, à falta de outras que os homens lá deviam colocar.

Muito antes, em 1512, o Arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa havia mandado abrir a Porta Nova, sobre a qual se edificou um pequeno oratório de Nossa Senhora da Boa Nova. A imagem que é do século XV, pode ainda ser ainda do tempo do mesmo Arcebispo que faleceu no ano de 1532. A Cheia de Graça, olha maternalmente para o Menino que sacia com puríssimo leite. Por isso lhe chamam também Nossa Senhora de Nazaré.

Este artigo deve-se à colaboração do cónego dr. Luciano Afonso dos Santos, Reitor do Seminário de Filosofia de Braga.

A IMACULADA OSTENTANDO UM LÍRIO
E ERGUENDO AO ALTO SEU DIVINO FILHO

Nossa Senhora do Livramento (século XV), Salão Medieval da Biblioteca Pública.



**MARAVILHOSA, SANTA MARIA DA SÉ DE BRAGA
OLHA O MENINO COM MATERNAL TERNURA**

Santa Maria da Sé de Braga (século XIV). Capela-Mór da Sé Primacial.



**DO SÉCULO XV E ESCULPIDA EM CALCÁRIO, ESTA SENHORA
ATENDE AOS QUE DELA IMPLORAM AUXÍLIO E MISERICÓRDIA**

Nossa Senhora do Arcaz (século XV) assim chamada porque tem o seu oratório no grande móvel que foi da Biblioteca do Cabido e pertence hoje ao Arquivo Distrital. Nesse móvel, além de livros de Inquisição, estão guardados em gavetões fortemente protegidos, além de numerosas Bulas Pontifícias, documentos (pergaminhos) do maior valor histórico, mas dos primórdios da nacionalidade e outros anteriores.

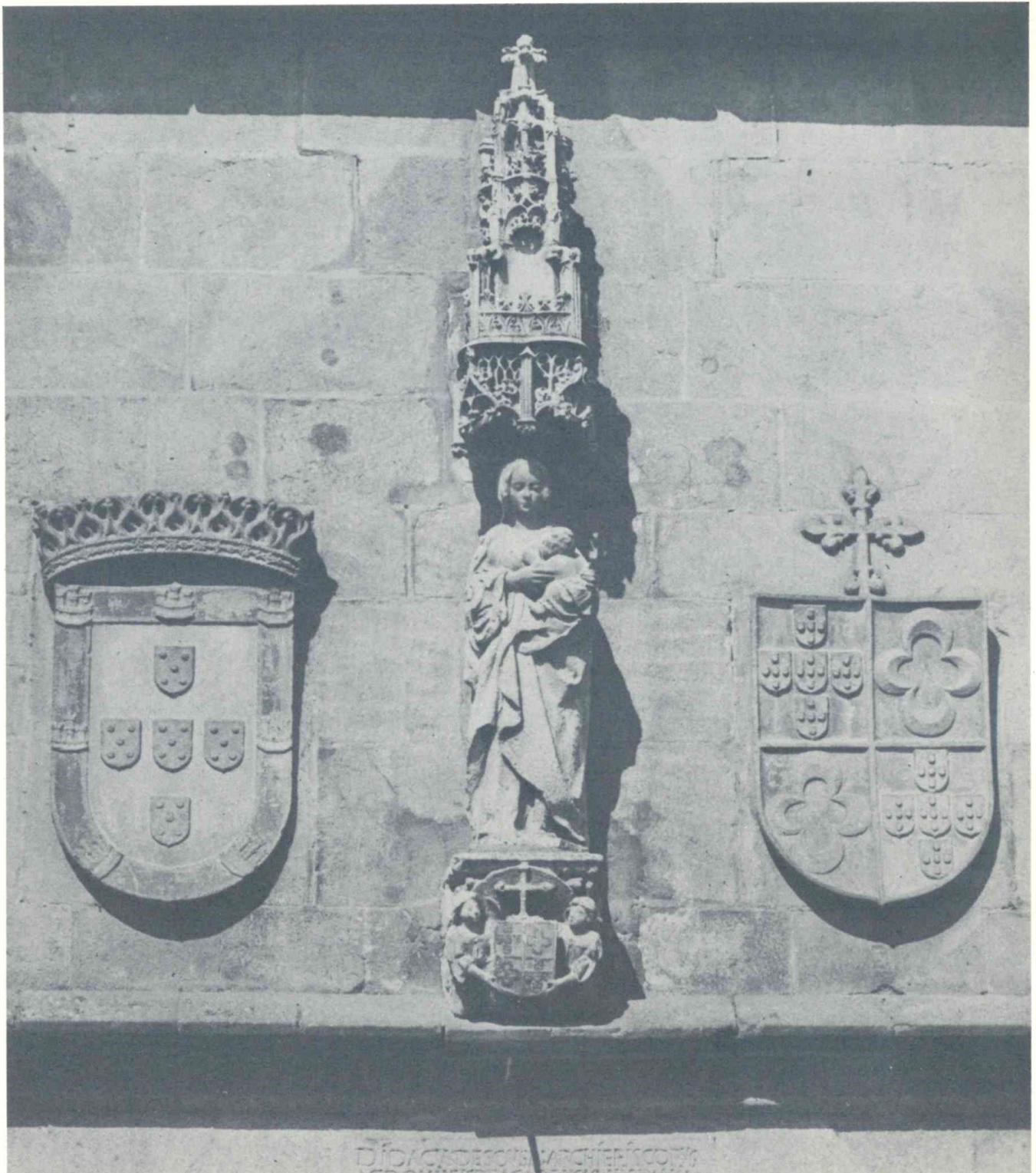


Auxiliante Deo nostri peccata lacerans
Et peccata opus premia digna luit

COE III-11

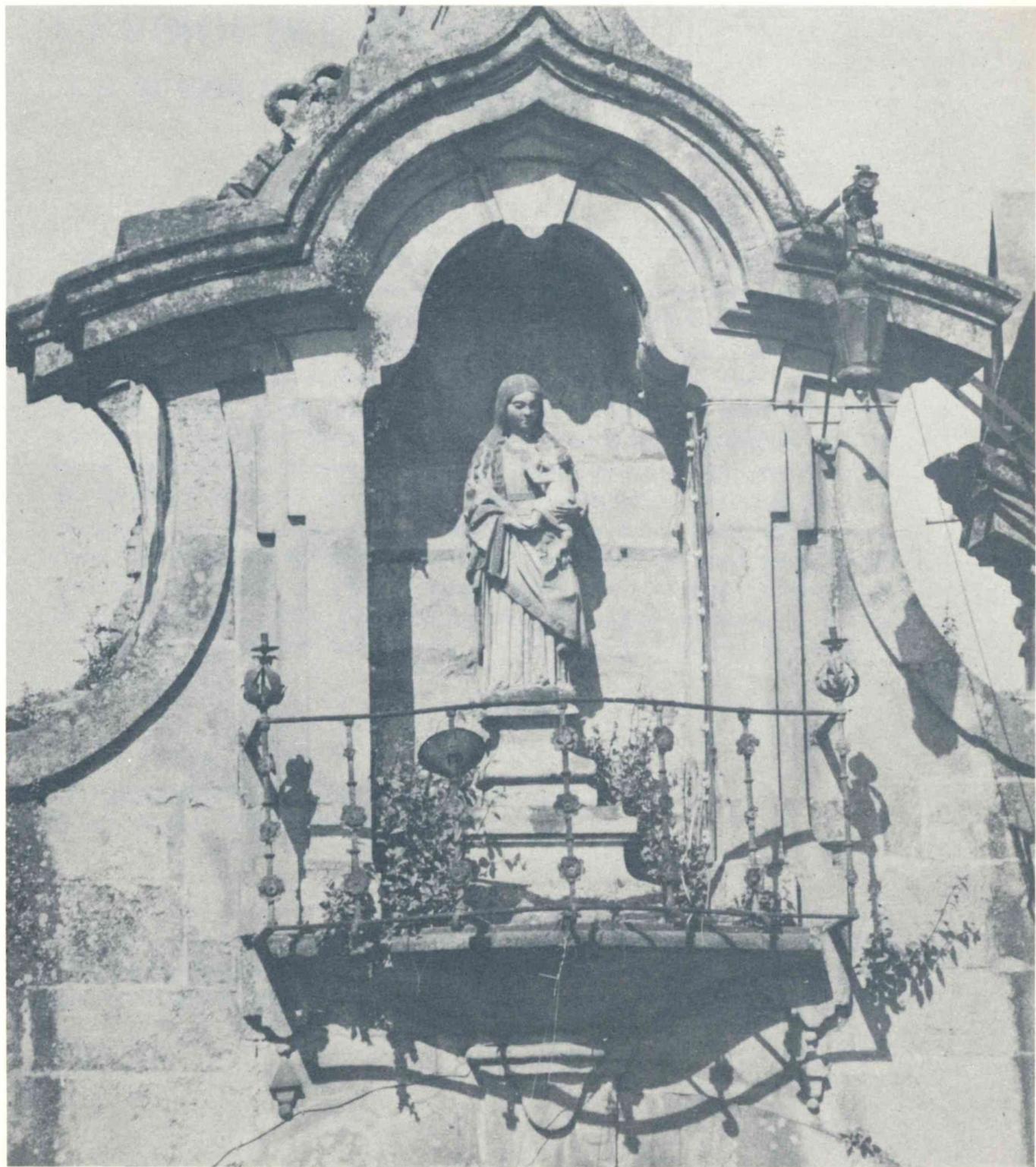
**DE PEDRA ANÇÃ E ESTILO RENASCENÇA A SENHORA DO LEITE
ENRIQUECE A IGREJA DE SANTA MARIA MAIOR**

Nossa Senhora do Leite (Primeira metade do século XVI). Fachada exterior da Sé
voltada à rua de S. João.



**A CHEIA DE GRAÇA, EM ORATÓRIO
SOBRE O ARCO DA PORTA NOVA, SÉC. XVI**

Nossa Senhora da Nazaré (século XVI), mandada colocar por D. Diogo de Sousa em nicho que encima, pelo interior, a entrada nobre da cidade (Arco da Porta Nova).



O valor artístico da Talha nas Igrejas da cidade dos Arcebispos

Mau grado as depredações praticadas pelas tropas de Teodorico, vencedoras em Astorga do Rei Suevo Requiário, e, no ano 716, pelos árabes, Braga possui riquezas artísticas extraordinariamente notáveis, e em grande parte desconhecidas, de que são testemunho os seus templos. Certo é que Teodorico, afirma-o Sena de Freitas nas «Memórias de Braga», «despedaçou as basílicas dos Santos; tirou os altares e consumiu as suas peças; e os lugares santos, foram cheios de jumentos, bois, camelos e cavalos». Maiores seriam os vandalismos praticados em 716 pelos bárbaros de Almansor. Porém, reconquistada Braga em 739, por D. Afonso I, de Leão, o acontecimento possibilitou a reconstrução e o repovoamento da cidade, e também o regresso à sua ascendência espiritual, que todavia só com Afonso III, cerca de 40 anos mais tarde, vieram a concretizar-se. Não demorou, então, que os novos habitantes de Braga cuidassem com especial carinho de erguer templos, e de os enriquecer com valores artísticos que pelos séculos adiante foram aperfeiçoados.

O NASCIMENTO DE UMA NOVA INDÚSTRIA E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS

Nasceu por essa época, que remonta ao século XIV, uma indústria que entre os séculos XV e XVIII viria a progredir extraordinariamente, levando à aplicação da talha dourada e policromada, em grande profusão aos retábulos e altares dos templos, púlpitos, janelas, coros, tectos, etc.

Devido à fragilidade do material, são poucas as peças de talha valiosa de feitura anterior, conhecidas. Mas sabe-se que os entalhadores do Norte, sobretudo os flamengos, pelo século XV, trouxeram à Espanha e a Portugal as suas magníficas obras. E, pelo fim desse século e no século XVI, apareceram as bases da talha policromada e dourada, com maior expressão da arte ibérica. Com a vinda do Renascimento, a talha portuguesa começa a distinguir-se da espanhola e a adquirir a independência que desde então cresceu em evidência. Foi no fim do século XVI que apareceu em Portugal um tipo de retábulo, que devido ao seu perfil cerrado e aos arcos repetidos, outorgou à talha lusitana padrão nacional. Coimbra, Lisboa, Évora, Porto e Braga foram os centros onde se instalaram os artistas de maior valor dessa época, mas as escolas do Norte acabaram por se distinguir, dando-nos, quase exclusivamente na Arte Religiosa, os trabalhos maravilhosos que se encontram hoje em quantidade na cidade de Braga.

É, na verdade, imponente, a beleza do património artístico da Cidade dos Arcebispos, na talha ornamental simples ou dourada. E tão vasto, tão imponente, tão vulgar é o encontro com esse património, que na própria cidade há muito pouco quem tenha dado conta da sua existência e do seu valor. Essa a razão que nos leva a escolher, desta vez, a talha formosa e abundante dos templos bracarenses — de alguns dos templos bracarenses — para esta Reportagem Gráfica. Aproveitando, mesmo, apenas o mais valioso, poderia, em relação ao assunto, ser publicado volume de tomo. Porém, menos que o desejo de apresentar em extensão tão opulento património, é nosso propósito chamar para ele a atenção geral — e muito especialmente a atenção dos interessados.

ALGUMAS DAS OBRAS DE TALHA MAIS NOTÁVEIS

São muitas as igrejas de Braga onde a autêntica majestade da talha, nos mais variados estilos, permitindo estudos e o reconhecimento da evolução da arte nas diferentes épocas, convida à observação e ao

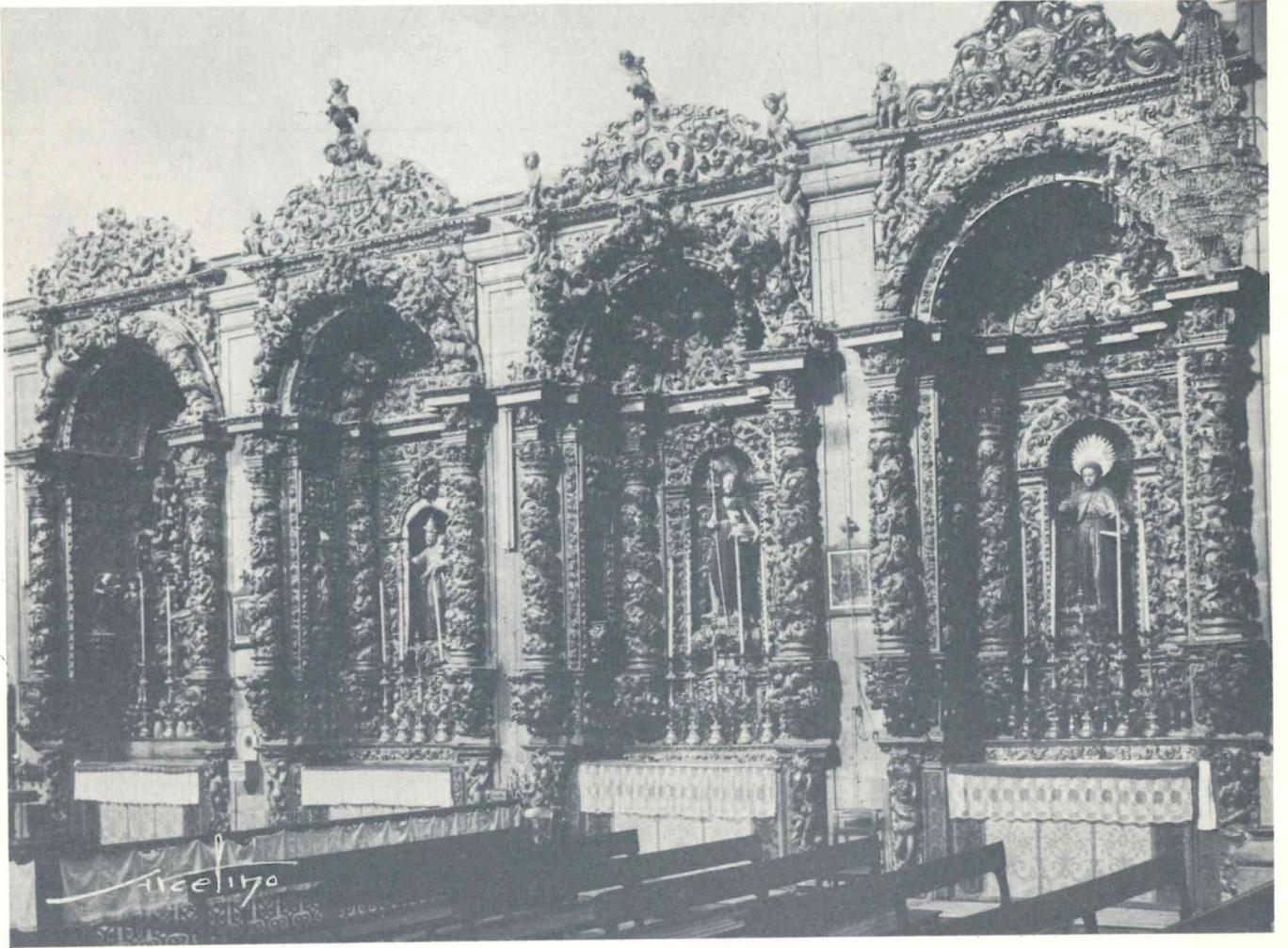
enlevo. Desde a velha Sé a S. Vítor, templo erguido em homenagem ao Santo do mesmo nome, supliciado nesta cidade no ano trezentos da era cristã, e cujas relíquias se encontram na catedral de Santiago de Compostela; desde a capela da Misericórdia, cujo altar-mor é verdadeira maravilha, até aos antigos conventos do Pópulo, da Conceição, da Penha e do Salvador; desde a igreja do Colégio de S. Paulo, onde D. Diogo de Sousa criou os Estudos Gerais, valorizados pelo Cardeal D. Henrique quando Arcebispo de Braga, e restaurados pelo Arcebispo D. Baltazar Limpo de Faria, que os entregou aos jesuítas — Estudos Gerais de grau universitário, que chegaram a ter a frequência de 3 000 alunos obrigados a trajos académicos e com justiça própria — até à igreja de Santa Cruz, onde o ouro refulge; desde o Carmo a S. Vicente, para não citarmos residências particulares e o tecto da Sala de Leitura da Biblioteca Pública, os «documentos» escritos em talha, nesta cidade, são tantos e tão valiosos que dariam, na verdade, muito que escrever.

UM PORMENOR ESQUECIDO DO PATRIMÓNIO ARTÍSTICO BRACARENSE

Mas, não se compadece até, numa simples descrição sintética, com o espaço de que podemos dispor. De resto, o pensamento que nos determina é lembrar aos de dentro e aos de fora, um pormenor que se nos afigura ter sido esquecido, do património artístico bracarense, até agora muito mais apreciado no continente, que no conteúdo. É este — sem receio de contradita o podemos afirmar — é muito mais notável que aquele, pois, além da talha, apresenta azulejos que são autênticas e belas páginas da história religiosa. Efectivamente, Braga, nos seus numerosos templos — à volta de trinta — reúne peças artísticas que, se pela quantidade ocupariam vastíssimo Museu, pela qualidade tornariam esse Museu verdadeiro monumento a distinguir entre muitos outros de excepcional valia.

**NA IGREJA DO SEMINÁRIO DE FILOSOFIA
PODE ADMIRAR-SE UMA DAS MAIS BELAS OBRAS DE ARTE**

Altares laterais (século XVI) da igreja do antigo Colégio Universitário de S. Paulo,
hoje Seminário de Filosofia.



ilceliyo

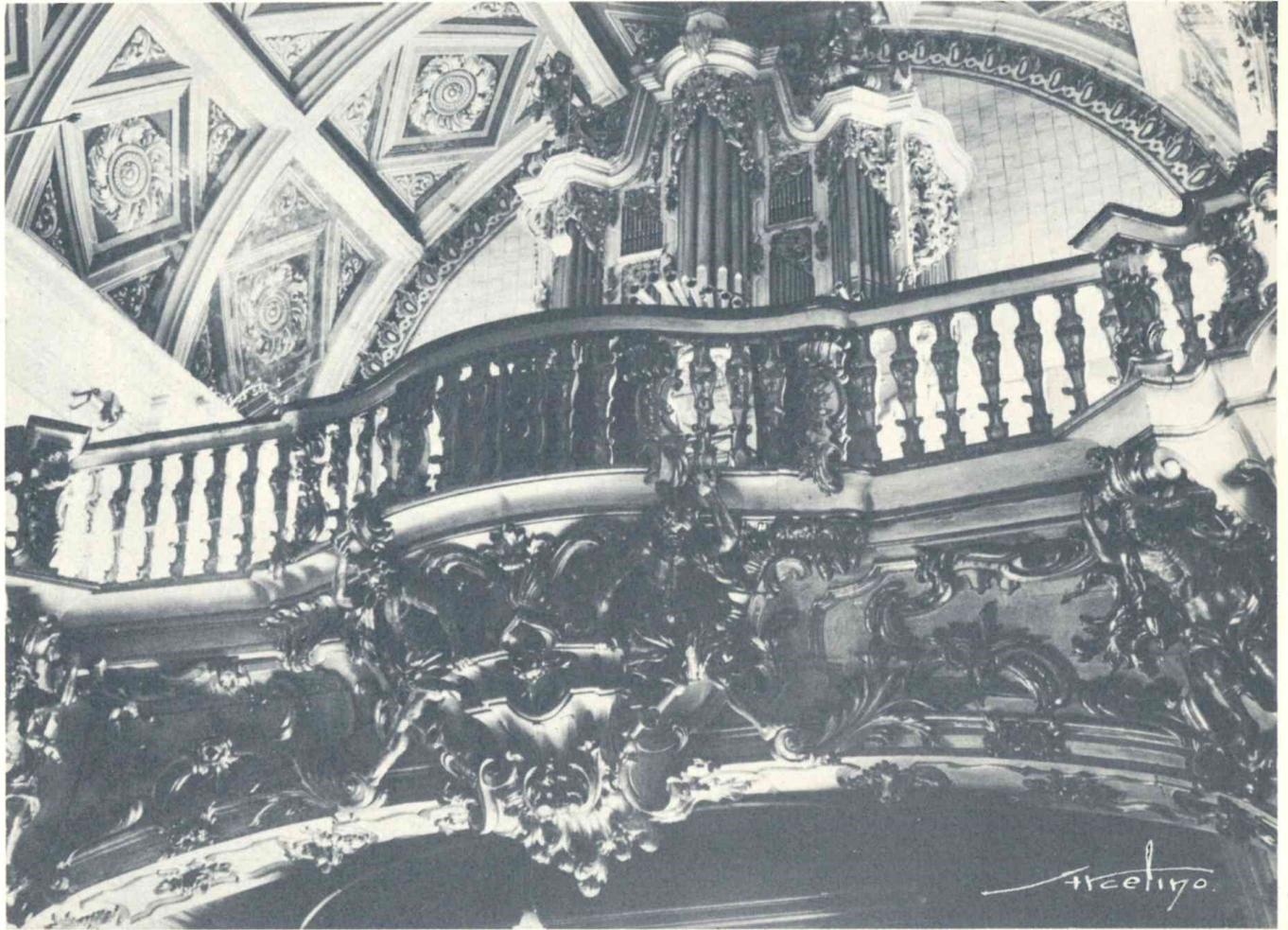
VALIOSA TALHA SETECENTISTA DA IGREJA DA PENHA

Púlpito setecentista de talha dourada, com característica profusão dos ornatos da época, dos mais sumptuosos de Braga, existente na igreja do convento da Penha.



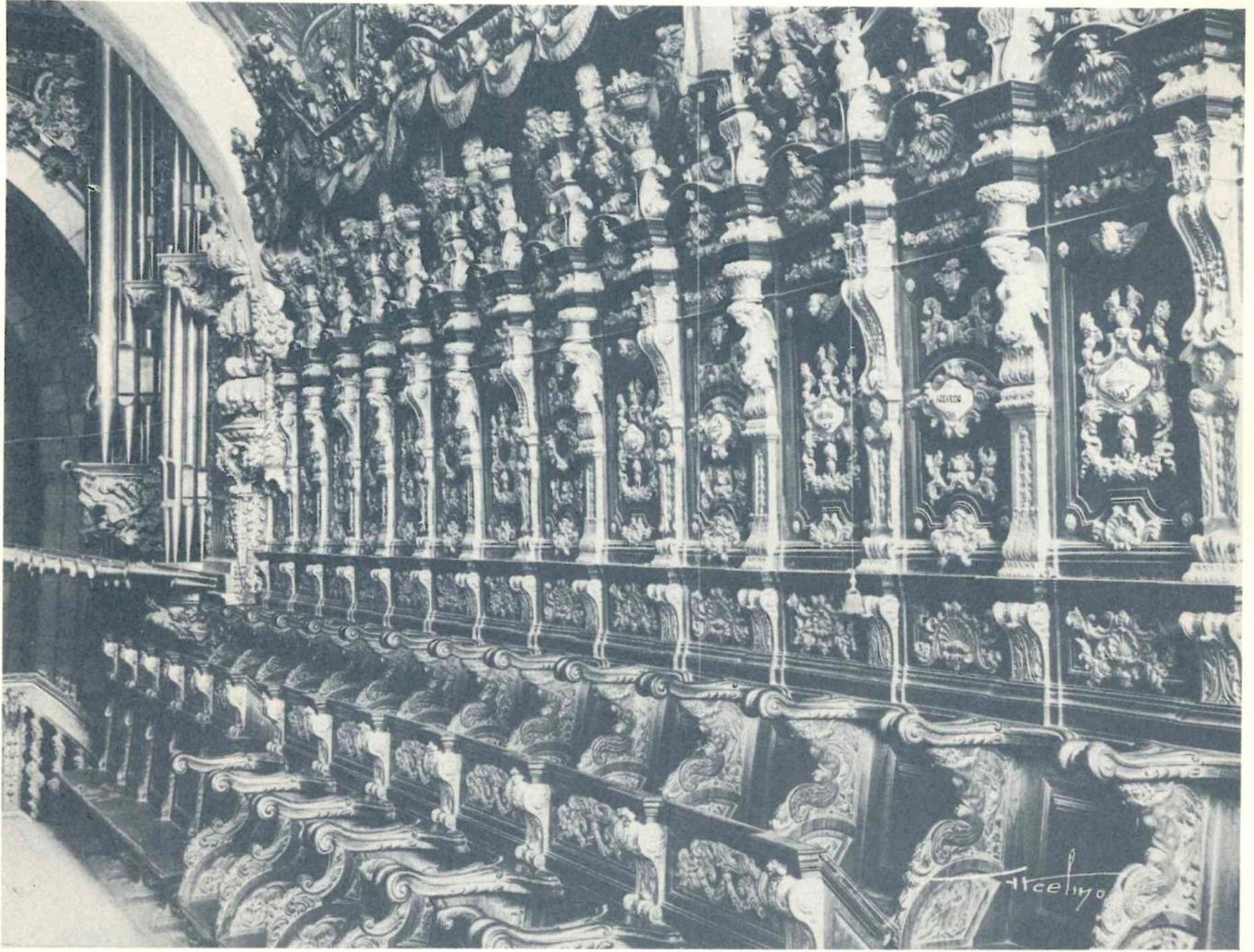
**A IGREJA DE S. VICENTE
É TAMBÉM ENRIQUECIDA POR SUMPTUOSO CORO**

Pormenor do Coro da Igreja de S. Vicente, barroco com nítida influência estrangeira (francesa), no espírito da época Luís XV.



**O CORO DA SÉ DE BRAGA
RICO PELOS SEUS ORNATOS E DOURADOS FAUSTOSOS**

Coro da Sé Primacial Bracarense (século XVIII), em pau santo com dourados faustosos e ornatos, mandado executar pelo Cabido para substituir o Cadeiral Renascimento (meados do século XVI) transferido para a Igreja de S. Francisco (S. Jerónimo de Real).



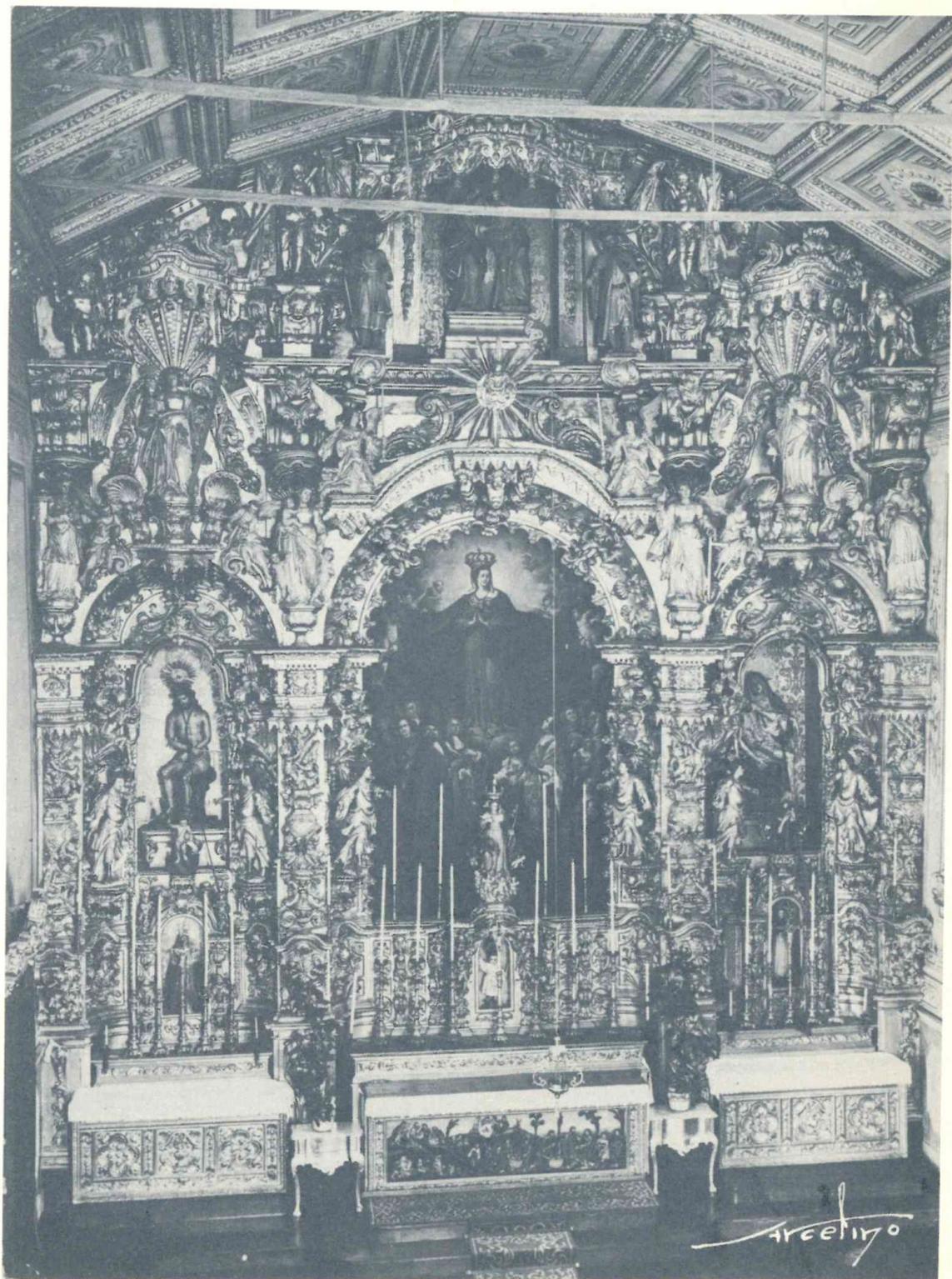
NA CAPELA DAS CONVERTIDAS PODE ADMIRAR-SE RIQUÍSSIMA TALHA

O recolhimento das Convertidas deve-se ao arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles. Em 1720 o prelado comprou as casas contíguas à antiga capela de S. Gonçalo e mandou-as demolir juntamente com a capela, e nesses terrenos fez erguer «o Recolhimento ou Conservatório de Santa Maria Madalena e S. Gonçalo, para dar abrigo às mulheres convertidas a Deus por livre vontade». As obras duraram dois anos tendo sido o Recolhimento inaugurado em 25 de Abril de 1722. D. Rodrigo de Moura Teles applicou na obra 7 000 cruzados e ainda dotou o Recolhimento com largas rendas. Quando faleceu, deixou-lhe em testamento seiscentos mil réis. Com o decorrer do tempo o Recolhimento perdeu a índole da sua instituição, pois as recolhidas vestiam o hábito de S. Francisco, e passou a ser aproveitado por senhoras de idade desejosas apenas de abrigo e vida calma. O Recolhimento das Convertidas tem capela própria, riquíssima em talha, desconhecida a bem dizer da cidade. Na foto vê-se o respectivo altar-mor, encimado pelo brasão heráldico do grande arcebispo que foi D. Rodrigo de Moura Teles.



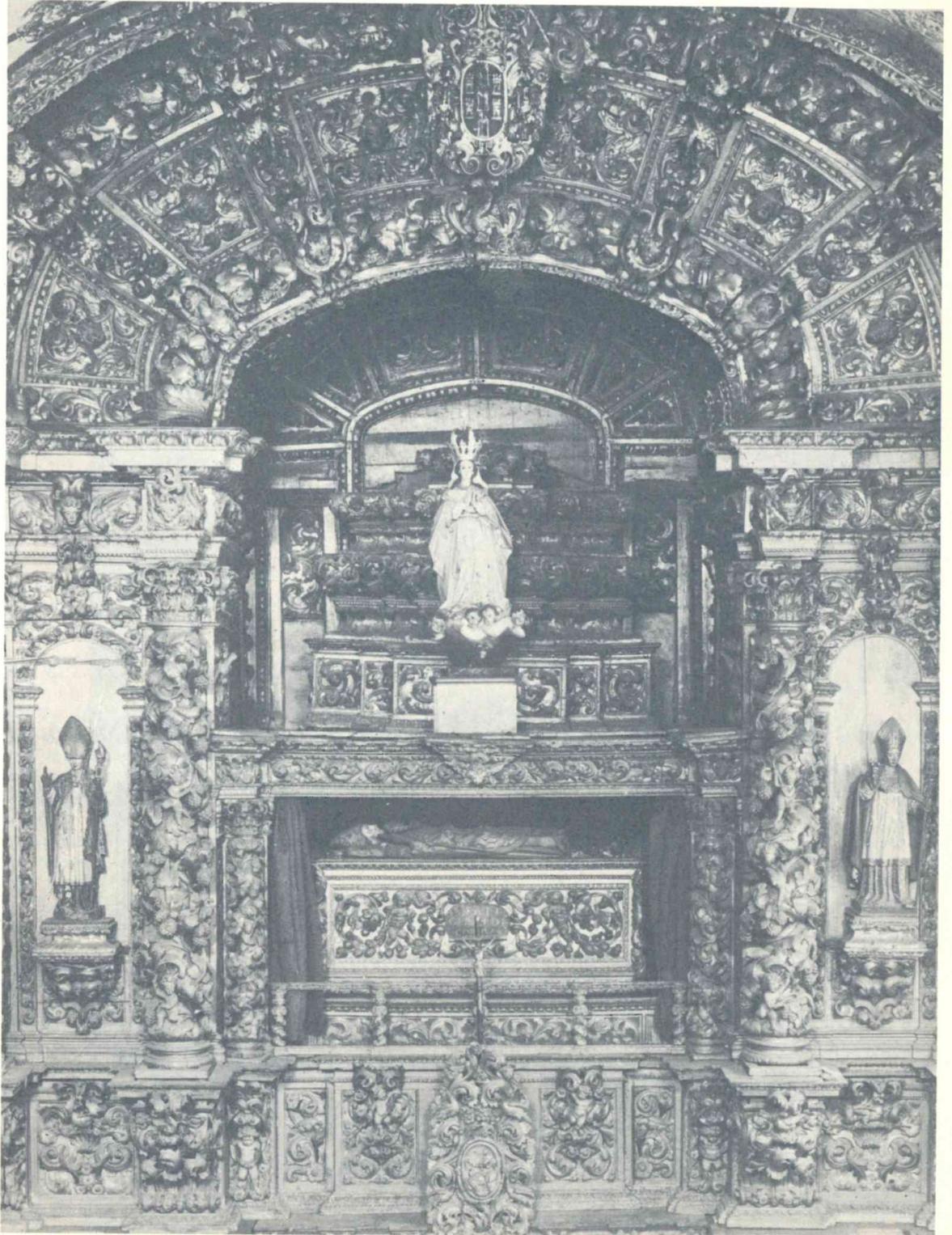
**É DE RARA MAGNIFICÊNCIA A CAPELA DA MISERICÓRDIA,
CUJO ALTAR PRINCIPAL ESTA FOTO ASSINALA**

É de crer que a capela de Jesus da Misericórdia já existisse há muito, mas a que existe, nas suas proporções de beleza, deve-se a D. Diogo de Sousa, que aliás também foi verdadeiro fundador da Misericórdia de Braga. D. Diogo de Sousa, no documento relativo à fundação da Capela da Misericórdia, em ligação com a Sé pelo terreiro de S. Geraldo, diz textualmente: «porquanto nós ordenamos esta Confraria e a fazemos assentar e celebrar seus ofícios nesta capela de Jesus da Misericórdia, que fundamos de novo». Riquíssima como monumento artístico, já no exterior, a Capela da Misericórdia é um valor excepcional em talha, isto numa terra onde existem igrejas em que a talha é olhada com deslumbramento. No seu altar principal, que a foto representa, juntam-se a arte e a magnificência.



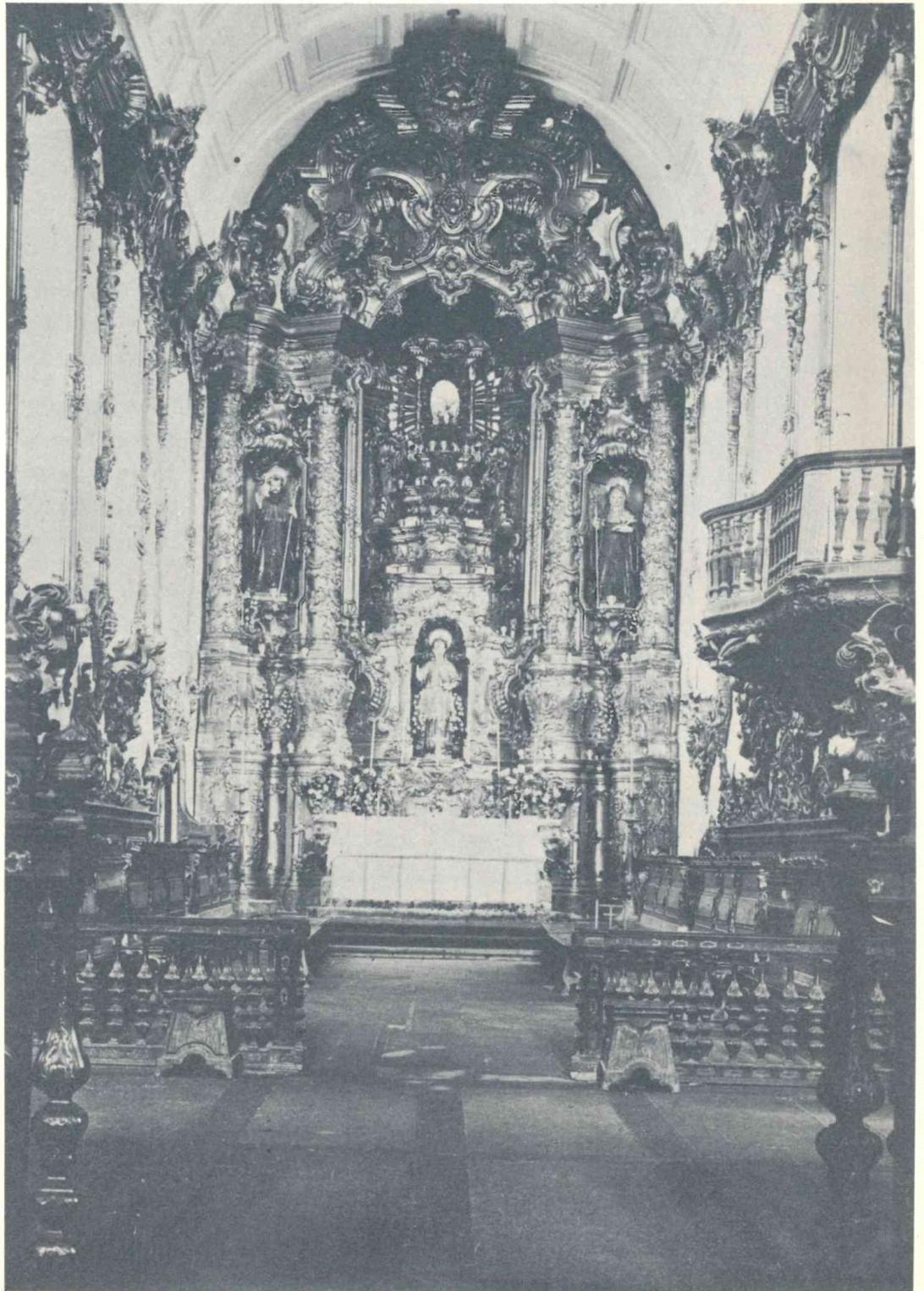
**A CAPELA DE S. GERALDO, NA SÉ PRIMACIAL,
ONDE RIQUÍSSIMA TALHA PODE TAMBÉM SER ADMIRADA**

S. Geraldo foi o primeiro Arcebispo de Braga depois da reconquista. Eleito ainda no reinado de Afonso VI de Leão, foi no seu tempo que D. Henrique, tendo casado com D. Teresa, filha de Afonso VI, assumiu o governo do Condado Portucalense. S. Geraldo era de nacionalidade francesa e já havia sido chantre da Sé de Toledo quando foi eleito Arcebispo de Braga. Deve-se-lhe em grande parte a reconstituição da igreja bracarense e a recuperação dos bens que havia perdido. Nos fins de 1099, S. Geraldo foi a Roma e obteve do Papa Pascoal II o Pálio e a dignidade e direitos de Metropolitana, de que já gozava a sua Igreja antes da invasão dos árabes. Ficaram a ser sufragâneos nesse tempo, os bispos de Astorga, Lugo, Mondonhedo, Orense, Tui, Porto, Coimbra, Lamego, e Viseu. Foi no seu tempo que se verificou o «pio latrocínio» do furto das relíquias de S. Frutuoso, Santa Suzana e S. Cucufate, proeza levada a efeito pelo bispo de Compostela, D. Diego Gelmirez e pelos homens que com ele se deslocaram a Braga. Contam-se várias lendas sobre a santidade do grande Arcebispo, e uma é a de que os sinos da Sé repicavam festivamente, sem que ninguém lhes tocasse, quando ele de regresso de visitas pastorais chegava à vista da cidade. S. Geraldo faleceu em Bornes, Trás-os-Montes, a 5 de Dezembro de 1109. Encontrava-se naquela região, que pertenceu à Arquidiocese de Braga até aos princípios do século corrente, em visita pastoral. Encontra-se sepultado na capela da Sé que tem o seu nome, isolada do corpo principal. A foto apresenta, ornamentado por riquíssima talha, o sarcófago com estátua jacente em que se encontram as cinzas do grande Arcebispo.



A IGREJA DO MOSTEIRO DE TIBÃES TEM BELEZA E VALOR ARTÍSTICO

O Mosteiro de Tibães, segundo dizem as crónicas, já existia no tempo do Conde D. Henrique, mas com as características de propriedade da família de Paio Guterres, que mesmo sem ser clérigo foi seu padroeiro. Com D. Dinis, ficaram estabelecidos os direitos dos frades e os da família Guterres. Em 1480, o Mosteiro passou a ter abades comendatários. O Cardeal D. Jorge da Costa, também conhecido por Cardeal de Alpedrinha, foi Abade do Mosteiro de Tibães, que se tornou Casa-Mãe da Ordem Beneditina em Portugal, e então cresceu e teve esplendor, passando a ser governado pelo D. Abade-Geral de Tibães. O Mosteiro, de proporções enormes, com sua rica igreja e claustros do século XVII, entrou depois em declínio. Nele se refugiou o tenente-coronel de engenheiros Custódio J. Vilas Boas, que a populaça enfurecida ali foi buscar e assassinou como fizera ao general Freire de Andrade, acusando-os falsamente de não quererem combater os invasores de Sout. Em 1833, o convento não tinha 12 frades, e por isso foi extinto. Os seus valiosos quadros, foram em grande parte enviados para o Porto e da sua rica livraria, o que foi possível salvar, encontra-se agora na Biblioteca Pública. Parte do Convento está praticamente em ruínas, embora na Sala do Capítulo ainda impressionem os retratos a óleo dos Gerais da Ordem. Dos azulejos dos claustros, muitos foram furtados. Porém, a igreja do convento, que passou a ser paroquial, mercê dos cuidados dos párocos, continua a ser bela e a apresentar talha de excepcional valor artístico. Os seus órgãos também são notáveis. A foto da Capela-Mor, permite avaliar a riqueza da talha da igreja de Tibães.



Painéis de azulejos

das Igrejas de Braga

Não é por mero diletantismo literário, por hábito criado pela tradição e sem correspondência nos factos presentes, que Braga continua a ser distinguida com o título de Roma Portuguesa.

Ligada a distinção à Igreja Universal Romana, ao espírito de cristandade que a Roma Eterna «Patria et Magistra», espalhou pelo mundo, Braga deve ter conquistado a honra que propiciou o título, quando se tornou o mais fulgurante centro de irradiação da doutrina cristã, neste extremo ocidental da Europa.

Certamente que esse destaque era confirmado na existência de monumentos, de templos que as destruições praticadas pelas hostes visigóticas de Teodomiro, em 456, e mais tarde, em 716, pelos árabes de Abdalazis, filho de Muça, fizeram desaparecer. Mas a reconquista iniciada por Pelaio, nas Astúrias, volvidos pouco mais de 100 anos, reconduziu Braga ao seu esplendor.

A Braga dos nossos dias é precisamente aquela, que começou a ser reedificada depois da reconquista. Afonso I, genro de Pelágio, uma vez no trono, já em 739 tinha conseguido expulsar os árabes para além do Rio Douro. Porém, só com Afonso III, muito mais tarde, o domínio efectivo da região tornou possível a reedificação de Braga e a restauração do esplendor da sua vida cristã, que naturalmente começou pela Sé para depois, muito depois, registar o impulso surpreendente hoje testemunhado por dezenas de igrejas e capelas em cuja «presença» a cidade fundamenta e justifica os seus direitos à conservação do título de Roma Portuguesa.

A ÉPOCA DA EDIFICAÇÃO DA MAIORIA DAS IGREJAS E CAPELAS BRACARENSES

Na sua maioria, as igrejas e capelas de Braga, de interesse para o assunto que nos propomos tratar nesta Reportagem Gráfica, foram erguidas na sua fábrica actual, nos séculos XVII e XVIII. E dizemos na sua fábrica actual, porque algumas, como S. Vicente e S. Vítor, já existiam, mas foram, então, ampliadas.

É nessas igrejas (S. Vicente, capela em 656, ampliada em 1565 e reedificada em 1691; S. Vítor, mandada reconstruir pelo Arcebispo D. Luís de Sousa, inteiramente à sua custa, em 1686; Penha, do Convento das Capuchas Descalças de Nossa Senhora da Conceição da Penha de França, benzida em 4 de Julho de 1727 por D. Rodrigo de Moura Teles; capela de S. Sebastião das Carvalheiras, que já existia desde o governo de D. Diogo de Sousa, mas foi praticamente reconstruída também por D. Rodrigo de Moura Teles; igreja dos Terceiros, que data de 1690; algumas capelas da Sé e de maneira muito especial a de S. Geraldo; a capelinha do Senhor Morto, que pertenceu à Casa dos Coimbras, da época manuelina e hoje na posse da família Lencastre, e outras mais).

Pois em todas essas igrejas e capelas, os painéis de azulejos são como um filme em que se desbobinam os acontecimentos mais notáveis dos santos (da Virgem, a da Penha) a quem foram consagradas. E que encanto, que beleza, que arte, num conjunto maravilhoso, apresentam os painéis de azulejos das igrejas e capelas de Braga!

Também no edifício dos Paços do Concelho, igualmente do século XVIII, painéis de azulejos trazem até nós, pela imagem, notícia do que eram alguns dos edificios mais importantes da velha Braga, das portas das suas muralhas e ainda, no painel de maiores proporções, que domina a escadaria de honra, a entrada em Braga de Sua Alteza Sereníssima o Arcebispo D. José de Bragança, irmão de el-rei D. João V. Isso foi a 23 de Julho de 1741.

Azulejos apenas ornamentais, existiam em abundância no antigo convento dos Remédios, como existiam no convento de Tibães, mas desapareceram em grande quantidade, descaminhados pela fúria rápida do período iconoclasta que sucedeu à respectiva extinção. E outros, também do século XVIII, estão no antigo Paço Arquiepiscopal e no Palácio dos Biscainhos.

No Palácio da Biblioteca, que foi residência senhorial dos Arcebispos D. José e D. Gaspar de Bragança, igualmente existiam ricos e formosos azulejos ornamentais, mas tudo foi destruído pelo fogo, há perto de 100 anos, quando ali estavam instaladas várias repartições públicas. Reconstruído o Palácio para instalação da Biblioteca, em 1936, os painéis de azulejos, de fabrico contemporâneo, ocuparam os lugares dos antigos, e vieram enriquecer um património extraordinariamente notável.

Os painéis de azulejos das igrejas de Braga — e de outros edifícios — podiam e deviam constituir um dos grandes atractivos para os curiosos, para os estudiosos, para os artistas. Mas não se pode dizer que a sua existência seja suficientemente conhecida até dos próprios bracarenses e daí, talvez, a falta de apreço pelo seu valor.

É precisamente essa falta de apreço, consequência de desconhecimento, o motivo que anima à publicação desta Reportagem Gráfica, tentativa que se nos afigura proveitosa para Braga, em primeiro lugar, e depois, para todos, e tantos são, que na formosa e progressiva capital do Minho, do presente, procuram recordações, a velha e opulenta Roma Portuguesa, do passado.

PAINEL DE S. VÍTOR, EXISTENTE NA IGREJA DO MESMO NOME

S. Vítor, pertencente a uma ilustre família de Braga, foi decapitado no século III. As suas relíquias encontram-se em Santiago de Compostela. Neste painel, existente na igreja que lhe foi consagrada, S. Vítor, ainda catecúmeno, é intimado a adorar um ídolo festivamente conduzido num carro triunfal pelas margens do rio Este, mas recusa-se, voltando para o lado oposto ao carro e declarando que só adorará o Deus dos cristãos.



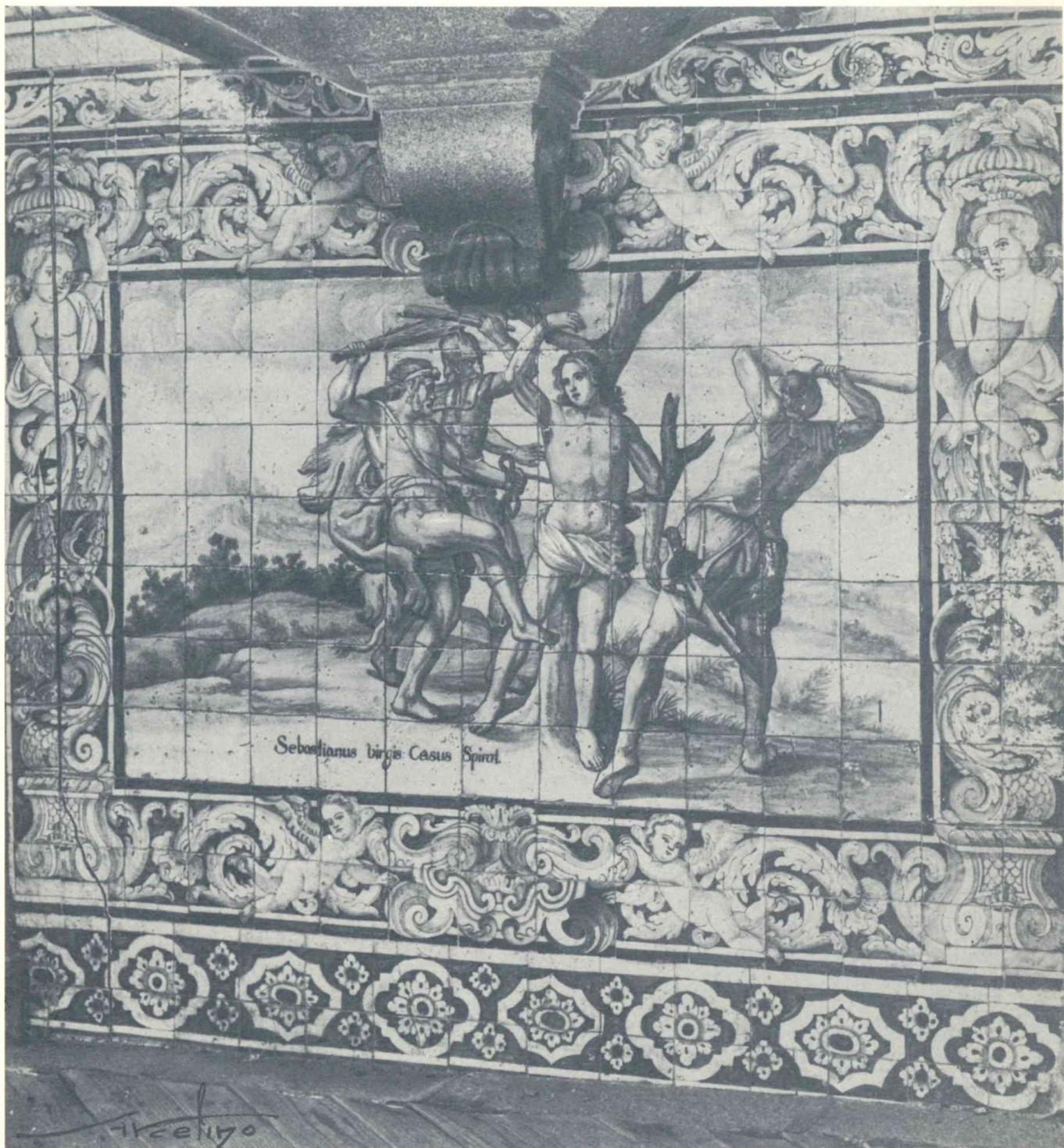
**UM DOS PAINÉIS DE AZULEJOS
EXISTENTE NA CAPELA DO SENHOR MORTO**

O PECADO ORIGINAL — Painel de azulejos existente na Capela do Senhor Morto (Igreja de S. João do Souto), onde também pode ser visto outro que representa a expulsão de Adão e Eva, do Paraíso. De notar que na árvore da serpente e até à figura de Eva, foram substituídos dois azulejos primitivos por outros que nada têm com o motivo do conjunto.



**NA CAPELA DE S. SEBASTIÃO DAS CARVALHEIRAS, UM PAINEL
DE AZULEJOS DOCUMENTA O MARTÍRIO DAQUELE SANTO**

MARTÍRIO DE S. SEBASTIÃO — O Centurião romano que professou a fé cristã, é por esse motivo assassinado à paulada pelos seus próprios soldados. Trata-se do segundo suplício pois no primeiro, em que usaram flechas, os algozes não conseguiram a morte do Santo.



Sebastianus virgis Casus Spirit.

1720

**A IGREJA DA PENHA OSTENTA UM FORMOSO PAINEL
DE AZULEJOS SOBRE O NASCIMENTO DA MÃE DE JESUS**

NASCIMENTO DE NOSSA SENHORA — Painel de rara perfeição e talvez único em relação ao motivo, pode ser admirado na Capela da Penha, antigo Convento das Capuchas Descalças de Nossa Senhora da Penha de França, na Avenida Central.



**TAMBÉM NA CAPELA DE S. GERALDO NA SÉ PRIMACIAL,
PODE ADMIRAR-SE RIQUÍSSIMO PAINEL
ALUSIVO À METRÓPOLE BRACARENSE E AOS SEUS DIREITOS**

S. Geraldo era francês, descendente de uma família ilustre do departamento do Lot, Diocese de Cahors. Professou na Abadia de Moissac, da Ordem de Cluny. Mais tarde, D. Bernardo, Arcebispo de Toledo, escolheu-o para Chantre da sua Catedral, onde se encontrava quando em 1099, foi eleito Arcebispo de Braga. Por duas vezes se deslocou a Roma e no regresso da primeira viagem (1100-1101), dirigiu-se a Palência, onde estava reunido um Concílio sob a presidência do Cardeal Ricardo, Legado Pontifício. Ali apresentou S. Geraldo a Bula do Papa Pascoal II, que restaurou em todo o seu esplendor e direitos, a Metrópole Bracarense. O painel fixado na gravura, refere a apresentação da Bula Papal, naquele Concílio.



Composto e impresso nas Oficinas
Gráficas de «O Comércio do Porto»

biblioteca
municipal
barcelos



56996

Braga antiga